# (n.t.)

REVISTA LITERÁRIA EM TRADUÇÃO

ANO X - VOL. ESPECIAL - 2020 - EDIÇÃO BILÍNGUE SEMESTRAL – BRASIL

Eu Existo! Edição Especial Mulheres: En-hedu-Ana, Safo, Sulpicia, Isabella di Morra, Constance de Salm, Mariquita Sánchez, Charlotte Brontë, Helene de Zuylen de Nyevelt, Zitkala-Ša, Akiko Yosano, Bronisława Ostrowska, Anna Akhmátova, Alfonsina Storni, Maria Polyduri, Lorine Niedecker, Silvina Ocampo, Antonia Pozzi, Emilia Ayarza, Oodgeroo Noonuccal, Françoise Ega, Adrienne Rich, Amelia Rosselli, Forugh Farrokhzad, Alejandra Pizarnik, Gloria E. Anzaldúa e Aline Daka (ilustradora).

ISSN 2177-5141

15

tradução
μετάφραση
ترجمه
ਅਨੁਵਾਦ
Übersetzung
ñembohasa
traducción
перевод
നഹനവം
תרגום
vertaling
번 역
käännös
translation
тәрҗемә
översättning
თარგმანი
përkthim
թարգմանություն
canjı
okujjulula
turkakipt'äwi
translatio
tradukado
ಅನುವಾದ
překlad
çeviri
翻訳


Ficha catalográfica elaborada por:
Francisca Rasche CRB 14/691

(n.t.) Revista Nota do Tradutor -- n. 1, set. 2010 -.- Florianópolis, 2010 –
[recurso eletrônico].

Semestral, ano 10, n. 15, vol. especial ilustrado, 2020
Bilíngue: 12 idiomas
Editada por Gleiton Lentz e Roger Sulis; ilustrada por Aline Daka
Sistema requerido: PDF
Modo de acesso: https://www.notadotradutor.com/
Portal interativo: Archive.Org
ISSN 2177-5141

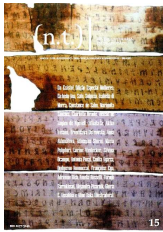
1. Literatura. 2. Poesia. 3. Tradução. II. Título.

Indexada na Sumários.Org e Latindex

INTRO

**“Eu.”**

En-hedu-Ana

# EDITORIAL

**www.notadotradutor.com**
notadotradutor@gmail.com

(n.t.)

EDIÇÃO E COORDENAÇÃO
Gleiton Lentz

COEDIÇÃO E CONSULTORIA
Roger Sulis

ILUSTRAÇÃO E CURADORIA
Aline Daka

REVISÃO E ASSISTÊNCIA
Amanda Zampieri

CONSULTORIA LINGUÍSTICA
Scott Ritter Hadley

REVISÃO DOS ORIGINAIS
Equipe (n.t.)

Esta é a primeira edição especial da revista (n.t.), a de literatura escrita por mulheres. E para que assim resultasse, decidimos reunir uma série de escritoras e poetas que abrangesse um período significativo e ilustrá-las, dando-lhes, além de voz, um semblante. E esse processo implicaria não só em *traduzir* a palavra, mas também *traduzi-la* em imagens. Além disso, não queríamos propor em nosso editorial uma simples releitura acerca da literatura de mulheres, mas sim recontar a história literária de outra forma que não aquela escrita pela tradição ocidental. E claro, isso significaria voltar ao passado, mais precisamente, às histórias de duas personagens, que são a chave para entender a capa desta edição e o motivo de a intitularmos "Eu existo!" e não de "Literatura feminina". Vamos a elas:

Em 1848, um oficial croata embarcou em uma viagem para o Egito. Lá comprou um sarcófago contendo a múmia de uma mulher envolta em um tecido de linho com estranhas inscrições, e a levou para Viena como *souvenir*. Quando ele morreu em 1859, a múmia foi doada ao Museu Arqueológico de Zagreb, cujo catálogo a descrevia como sendo de uma "jovem sem as ataduras, que estavam cobertas por uma escrita desconhecida e não decifrada". E assim permaneceu até que, em 1891, um especialista em copta, Jacob Krall, identificou a escrita como etrusca, da península itálica. As tiras continham o *Liber Linteus* (capa desta edição), o texto etrusco mais longo e o único livro de linho existente do mundo, de 250 a.C. Parcialmente decifrado, suas 230 linhas e cerca de 1200 caracteres parecem indicar um calendário ritual. E soube-se também que não pertencia à desconhecida múmia, apenas que havia sido utilizado como embrulho funerário para envolvê-la. Logo, comprovou-se que ela era egípcia, que havia sido enterrada com o *Livro dos Mortos*, e que se chamava Nesi-hensu, esposa de um "alfaiate divino" de Tebas, que viveu por volta do século II a.C., no período ptolomaico, e que pôde, ao fim, dizer: "Eu existo!"

E essa história nos conduz à de outra personagem mais antiga: a poeta e sacerdotisa acádia En-hedu-Ana, cujos escritos permaneceram sob as ruínas das cidades sumérias por mais de três milênios, tendo sido reencontrados somente em 1928. Seu nome estava cunhado em dois selos e um disco de alabastro escavados em Ur, quando se descobriu que ela era a suma-sacerdotisa do templo do deus lunar Nanna, e que ali compunha hinos e poemas em louvor aos deuses mesopotâmicos, tendo legado algumas obras, como o poema *Nin-me-šara* (*Senhora de todos os me´s*), traduzido pela primeira vez do sumério ao português nesta edição especial da (n.t.). Considerada inicialmente apenas uma figura alegórica, logo passou à condição de primeira autora do mundo com o descobrimento de mais de cem tabuinhas em cuneiforme contendo suas obras, que eram clássicas entre os povos mesopotâmicos desde o século XXIII a.C. E que antecedem em quase 1500 anos

os poemas épicos gregos, demonstrando que a tradição literária, mesmo após meio século de confirmação da existência de En-hedu-Ana pela arqueologia, limita-se ainda a postular Homero como o fundador da poesia e da literatura ocidental, evitando olhar para o Oriente. E mesmo que sejam regiões geográficas diferentes, não há por que legitimar fronteiras, pois a cultura humana é uma só. Por isso, após milênios de esquecimento, En-hedu-Ana, que é considerada, até então, a primeira literata da história, a primeira a escrever em primeira pessoa e a identificar o autor na capa, pôde, por fim, dizer: "Eu existo!".

E assim, chegamos a esta edição especial, cujo projeto iniciou em 2018 e que só agora se concretizou. Embora não pretendêssemos preencher um nicho, o da "literatura feminina" propriamente, lidávamos com o fato que, frente à demanda de traduções que recebíamos a cada número para leitura, a incidência de colaborações nesse sentido era infinitamente menor. Logo, elaborar uma edição nesse porte, e reunir os tradutores e tradutoras nesse intuito, passou a ser uma *conditio sine qua non* para demonstrar que a literatura escrita por mulheres não se trata de um nicho, de uma palavra-chave, mas que está integrada ao curso da própria história literária. Para tanto, reunimos nesta edição ilustrada pela artista gráfica Aline Daka, 25 poetas e escritoras que escreveram em 12 idiomas distintos, e que, a nosso ver, não precisam assumir sua "voz" dentro da literatura ou buscar "emparedamentos", pois se En-hedu-Ana foi a primeira a escrever em primeira pessoa, onde estaria a busca por ter "voz" na literatura, se desde o princípio essa voz já foi assumida na própria escrita? Sabemos, claro, que fora suplantada pelos "homens de letras", mas também sabemos que não existe um nicho, e sim, uma condição aceitada como tal e imposta por esses mesmos senhores, pois, histórica e antropologicamente, não se sustenta. Em outras palavras, as escritoras reunidas neste volume dizem igualmente "Eu existo!", mas não para *se* reafirmar, e sim, para afirmar sua presença e dar continuidade à tradição iniciada por En-hedu-Ana, a da escrita em primeira pessoa, da escrita que *é*.

E nestes termos abrimos o 15º número da (n.t.), cujas seções, poesia e prosa poética, estão dispostas por ordem de nascimento das autoras. Iniciamos com a poeta acádia En-hedu-Ana e sua *Senhora de todos os me´s* | *Nin-me-šara*, por Gleiton Lentz; seguida da latina Sulpícia e suas *Elegias* | *Elegidia*, por Rodrigo Bravo; da italiana renascentista Isabella di Morra e suas *Rimas* | *Rime*, por G. Lentz; da francesa Constance de Salm e sua *Epístola às mulheres* | *Épître aux femmes*, por Gabriel de Assis Miranda; da argentina Mariquita Sánchez e seus poemas *Às amigas* | *A las amigas*, por Claudio Luiz da Silva Oliveira; da inglesa Charlotte Brontë e sua *Apostasia* | *Apostasy*, por Cílio Lindemberg; da francesa Hélène de Zuylen de Nyevelt e sua *Papoula negra* | *Pavot noir*, por Bruna Brito Soares; da polonesa Bronisława Ostrowska, que apresenta *A demente* | *Obłąkana*, por Olga Kempińska; da russa Anna Akhmátova que questiona *Por que este século é o pior de todos?* | *Чем хуже этот век предшествующих?*, por Verônica Filíppovna; da argentina Alfonsina Storni e sua *Solidão* | *Soledad*, por Nadia Ayelén Medail; da grega Maria


(n.t.)

**Agradecimentos**

**Fac-símiles e originais:** ▪ The University of Oxford Library (Ing.) e Yale University Press (EUA), para "Nin-me-šara", de En-hedu-Ana; ▪ Perseus Digital Library (EUA), para "Elegidia", de Sulpícia; ▪ Liber Liber (Itá.), para "Rime", de Isabella di Morra; ▪ Gallica (Fra.), para "Épître aux femmes", de Constance de Salm; ▪ Gutenberg.Org (EUA), para "Apostasy", de Charlotte Brontë; ▪ Bibliothèque Nationale de France, para "Pavot noir", de Hélène de Zuylen de Nyevelt; ▪ Polona (Pol.), para "Obłąkana", de Bronisława Ostrowska; ▪ Библиотека Максима Мошкова (Rús.), para "Чем хуже этот век предшествующих?", de Anna Akhmátova; ▪ Ανοικτή Βιβλιοθήκη (Gré.), para "Είμαι το λουλούδι", de Maria Polyduri; ▪ Google Books (EUA), para "Poet's Work", de Lorine Niedecker; ▪ Google Books (EUA), para "Inocencia", de Silvina Ocampo; ▪ Liber Liber (Itá.), para "Minacce di temporale", de Antonia Pozzi; ▪ Biblioteca Rafael Maya (Col.), para "El universo es la patria", de Emilia Ayarza; ▪ Australian Poetry Library (Aus.), para "The Dawn is at Hand", de Oodgeroo Noonuccal; ▪ Google Books (EUA), para "An Atlas of the Difficult World", de Adrienne Rich; ▪ Bibliopreta! (Bra.), para "Mujer cacto", de Gloria E. Anzaldúa; ▪ Archive.Org (EUA), para "I am a Pagan", de Zitkala-Ša; ▪ 青空文庫 (Jap.), para "高きへ憧れる心", de Akiko Yosano; ▪ Google Books (EUA), para "Le temps des madras", de Françoise Ega; ▪ Google Books (EUA), para "Λυρικὰ", de Safo; ▪ Persian Circle (Can.), para "پرنده مردنی است", de Forugh Farrokhzad. **Direitos de publicação:** ▪ Adriana Hidalgo Editora (Arg.), para "A las amigas", de Mariquita Sánchez; ▪ Editorial Losada (Arg.), para "Soledad", de Alfonsina Storni; ▪ Garzanti Editore (Itá.), para "Variazioni belliche", de Amelia Rosselli; ▪ Editorial Lumen (Arg.), para "Naufragio inconcluso", de Alejandra Pizarnik; ▪ Editora Estação Liberdade (Bra.), para "Líricas", de Safo.

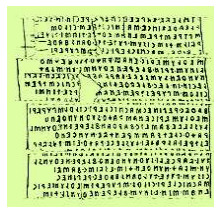
Polyduri que canta *Sou a flor* | *Είμαι το λουλούδι*, por Miguel Sulis; da estadunidense Lorine Niedecker e seu *Labor de poeta* | *Poet's Work*, por Thais M. Giammarco; da argentina Silvina Ocampo, com sua *Inocência* | *Inocencia*, por Juan Manuel Terenzi; da italiana Antonia Pozzi com suas *Ameaças de temporal* | *Minacce di temporale*, por Milene Couto; da colombiana Emilia Ayarza e seu cosmopolitismo em *O universo é a pátria* | *El universo es la patria*, por Ángela Cuartas e Diego Grando; da aborígene australiana Oodgeroo Noonuccal e os poemas de *A alvorada se aproxima* | *The Dawn is at Hand*, por Lívia Pacini Martuscelli; da estadunidense Adrienne Rich e seu *Atlas de um mundo difícil* | *An Atlas of the Difficult World*, por Brena O'Dwyer; da franco-italiana Amelia Rosselli, e suas *Variações bélicas* | *Variazioni belliche*, por Cláudia Tavares; e da chicana estadunidense Gloria E. Anzaldúa, com sua simbólica *Mulher cacto* | *Mujer cacto*, por Luciana Lima Silva.

Já na seção de prosa poética, abrimos com a poeta sioux estadunidense Zitkala-Ša e seu ensaio *Porque sou pagã* | *Why I am a Pagan*, por Scott Ritter Hadley; seguida da japonesa Akiko Yosano com *Um espírito que anseia pelas alturas* | 高きへ憧れる心, por Karen Kazue Kawana; da afro-martinicana Françoise Ega que narra *O tempo dos madras* | *Le temps des Madras*, por Ana Carolina Nery Albino e Marie-Lou Lery-Lachaume; e da argentina Alejandra Pizarnik e seu *Naufrágio inconcluso* | *Naufragio inconcluso*, por Rosangela Fernandes Eleutério.

E nas clássicas seções de encerramento, Memória e HQ, apresentamos duas célebres poetas: primeiro, através de uma breve seleção, relembramos a clássica tradução de Joaquim Brasil Fontes (*in memoriam*), *Variações sobre a lírica de Safo*, publicada em 1992, pela Estação Liberdade, em *Líricas* | *Λυρικὰ*; e em formato de quadrinhos, Aline Daka ilustra o poema *o pássaro é mortal* | پرنده مردنی است, da persa Forugh Farrokhzad, traduzida do farsi por Miguel Sulis.

E para concluir, entregamos, então, a nossos leitores e leitoras, estas páginas que iniciam por volta de 2250 a.C., na antiguidade, e que encerram em 2004 d.C., na modernidade, que vão da acádia En-hedu-Ana à chicana Gloria E. Anzaldúa. Como vimos, a literatura escrita por mulheres não é posterior à origem da história literária, e sim, iniciou com ela, sendo a continuação de seu legado, da escrita *personal*, do "eu" sem qualquer declinação de gênero. E nada nos pareceu mais condizente do que *ilustrar* essas mulheres e *traduzir* suas épocas.

Por isso, salve Nisaba e mate o Homero que existe em você! ■

*Os editores e a ilustradora.*
Desterro, março de 2021.

(n.t.) | 15°

Publicada na Ilha do Desterro,
em Santa Catarina, Brasil.



ISSN 2177-5141

SUMÁRIO

POESIA

MEMÓRIA DA TRADUÇÃO



QUADRINHOS



INDEX

# poesia

(n.t.)|Ur

# Senhora de todos os me's

## Exaltação a Inanna

## En-hedu-Ana

**O texto:** Traduzido do texto sumério composto, com base no original em cuneiforme e na historiografia acerca da obra de En-hedu-Ana, de W. Hallo (1968) a A. Zgoll (1997), apresenta-se o poema integral de *Nin-me-šara* (*Senhora de todos os me's*), ao lado do original em cuneiforme. Composto de 153 versos, *Nin-me-šara* foi venerado por muitos séculos como um texto sagrado da literatura mesopotâmica, escrito durante a época suméria e alcançando a babilônica, quando já era usado nas *edubba* (escolas de escribas) como um texto clássico a ser reproduzido. Mais de cem tabuinhas cuneiformes com o poema foram encontradas em sítios arqueológicos, sendo um dos poucos textos literários mesopotâmicos a ostentar tantas cópias, o que evidencia sua popularidade à época. O hino ou poema dedicado à "Senhora do Céu", Inanna, celebra a relação pessoal de En-hedu-Ana com a deusa, sendo o relato verbal mais antigo já encontrado sobre a consciência de um indivíduo acerca de sua vida interior, de seu "eu". O exórdio do poema ocorre entre os versos 1-65, dirigido a Inanna, evocada através de uma série de epítetos que a comparam a An, o Deus do Céu, pai do panteão mesopotâmico. Já o argumento ocorre nos versos 66-121, quando En-hedu-Ana, em primeira pessoa, manifesta sua insatisfação por ter sido exilada do Templo de Eanna, em Uruk, pelas mãos de um rei sumério rebelde, Lugal-Ane, que o teria profanado. Para isso, pede a intercessão do deus lunar Nanna, pai de Inanna, para ser restituída ao seu posto de en-sacerdotisa. E a peroração se dá nos versos 122-143, quando se recitam os atributos divinos de Inanna, à maneira doxológica. E conforme dita a tradição médio-oriental, as obras literárias são conhecidas a partir de suas primeiras palavras, como, neste caso, *Nin-me-šara* (*Senhora de todos os me´s*), poema que também é conhecido, na tradição tradutológica ocidental, como "Exaltação a Inanna".

**Textos traduzidos:** Hallo, William W.; van Dijk, J. J. A. *Nin-me-šár-ra*. 14 plates. New Haven/London: Yale University Press, 1968; "Nin-me-šara" (composite text). *The Electronic Text Corpus of Sumerian Literature*. Oxford: The University of Oxford Library, 1998. **Texto consultado:** Zgoll, Annette. *Der Rechtsfall der En-ḫedu-Ana im Lied nin-me-šara*. Münster: Ugarit-Verlag, 1997. **Placas em cuneiforme:** W. W. Hallo (1968).

**A AUTORA:** En-hedu-Ana (c. 2285-2250 a.C.), poeta, filósofa e sacerdotisa acádia, é considerada a primeira escritora conhecida da história. Filha do rei acádio Sargão, o Grande, e da rainha suméria Tashlultum, foi a alta sacerdotisa do Templo do Deus da Lua, Nanna, na cidade suméria de Ur. Seu nome em sumério significa: *En*, o título designado aos sumo-sacerdotes; *hedu*, termo para "adorno"; e *An*, que remete ao homônimo Deus do Céu. Lit., "a alta sacerdotisa adornada por An". A existência de En-hedu-Ana veio à luz em 1928, quando o arqueólogo britânico Sir Leonard Wooley, ao escavar o Cemitério Real de Ur, encontrou primeiramente dois selos do reinado de Sargão em que seu nome aparecia cunhado. Depois, nas ruínas do Giparu, o santuário de Inanna e residência oficial da sacerdotisa, encontrou um disco de alabastro de 2000 a.C. onde constava seu nome e a seguinte inscrição: "En-hedu-Ana, en-sacerdotisa de Ningal, esposa do deus Nanna, filha de Sargão, rei do mundo, no templo da deusa Inanna". De acordo com a historiografia mesopotâmica, En-hedu-Ana cresceu durante o reinado de seu pai Sargão, marcado pela guerra e uma série de campanhas militares. Enquanto ele lutava em terras estrangeiras, ela, nomeada suma-sacerdotisa por ele, compunha hinos para louvar os deuses acadianos e sumérios. E devido à posição privilegiada que ocupava na esfera mítico-religiosa, talvez tenha feito uso de suas composições nos rituais que realizava, o que explica ter ascendido quase à condição de semidivindade séculos depois, uma vez que passou a ser venerada. Além de seu poema a Inanna, deixou como legado outras obras, incluindo um conjunto de hinos sumérios. E embora parte de sua biografia ainda permaneça incompleta, sua importância tende a crescer na literatura, algo que já se afirma na arqueologia. Até o momento, En-hedu-Ana é a autora mais antiga do mundo, a primeira a escrever em primeira pessoa e também uma figura que evidencia o papel significativo da mulher na história da literatura, além de ser a única do mundo mesopotâmico. E seu nome se preservou através dos milênios por outra inovação que lhe é atribuída: em suas obras, ela colocou o nome na "capa", identificando sua autoria, o ponto de partida da história da literatura.

**O TRADUTOR:** Gleiton Lentz, editor da (n.t.), é pós-doutor em Estudos da Tradução (PGET/UFSC), doutor em Literatura (UFSC/Università di Firenze), tradutor e revisor. Dedica-se ao estudo e tradução da poesia simbolista italiana e hispano-americana e ao estudo da origem das escritas antigas e suas literaturas, incluindo a suméria e a maia. Para a (n.t.) traduziu Cocom Pech e Susy Delgado.

"Senhora de todos os me's, luz resplandecente."

*Placa 4* YBC 4656
Anverso

YBC 4656
Reverso

25

30

35

40

eras.

45

borda inferior

*Placa 6* YBC 7169
Anverso

55
[5]
60
65
[15]
70
75

eras.

*Placa 7* YBC 7169
Reverso

[25]

80

85

[35]

90

95

[45]

100

[50]

borda inferior

*Placa 8* YBC 7167
Anverso

*Placa 9* YBC 7167
Reverso

[25]

[30]

eras.

135

140

borda inferior 145

borda esquerda

# Senhora de todos os me's

## Exaltação a Inanna[1]

*"Eu, a en-sacerdotisa, eu, En-hedu-Ana!"*

EN-HEDU-ANA

Senhora de todos os me's[2], luz resplandecente,
Mulher virtuosa vestida de esplendor, amada por An[3] e Uras[4],
Nugig[5] de An, que estás acima da grandiosa armadura peitoral,
Que amas a coroa justa, própria para o en-sacerdócio[6],
Investida dos poderes de todos os sete me's, 5
Oh minha senhora! És a guardiã de todos os grandes me's!
Tu elevaste os me's, sustendo os me's em tua mão,
Tu reuniste os me's, apertando os me's contra o peito.
Como um dragão, lançaste veneno em terras estrangeiras,
Nas regiões onde ruges como Iskur[7], Ashnan[8] não te resiste. 10
Como um dilúvio que cai sobre terras estrangeiras,
Oh suprema do céu e da terra, tu és a Inanna de todos!
Teu fogo ardente cai sobre Kalam, a Terra da Suméria[9],

---

[1] *Inanna:* Deusa do Amor e da Guerra suméria, venerada como a Rainha do Céu, protetora da cidade de Uruk. Foi adorada depois pelos acádios, babilônios e assírios como Ishtar. (n.t.)
[2] *Me's:* na mitologia suméria, poderes divinos ou decretos sagrados que regiam a relação entre os humanos e os deuses, garantindo o equilíbrio da civilização e do cosmos. (n.t.)
[3] *An:* Deus do Céu sumério, pai do panteão mesopotâmico; Anu entre os acádios. (n.t.)
[4] *Uras:* Deusa da Terra suméria, esposa de An. (n.t.)
[5] *Nugig:* título sacerdotal da Deusa Inanna, correlata à hierodula grega ou à vestal romana. (n.t.)
[6] *En-sacerdócio:* lit., sumo-sacerdócio. *En* designa o título sumério sacerdotal. En-hedu-Ana foi a primeira pessoa conhecida a fazer uso do título de "Sacerdotisa En". (n.t.)
[7] *Iskur:* Deus da Chuva sumério; Adade entre os acádios. (n.t.)
[8] *Ashnan:* Deusa dos Grãos na Mesopotâmia. Lit., no verso, "a vegetação não te resiste". (n.t.)
[9] *Kalam:* lit., "Terra da Suméria". (n.t.)

Senhora dotada dos me’s por An, montada em uma besta,
Que toma decisões sob o comando sagrado de An. 15
Os grandes ritos são teus, quem mais pode compreendê-los?
Destruidora das terras estrangeiras, deste poder à tempestade.
Amada de Enlil[10], deixaste o terror reinar sobre Kalam.
Tu serves para cumprir os decretos de An.
Oh minha senhora! Ao teu rugido, as terras estrangeiras se curvam. 20
Quando a humanidade, diante de teu esplendor tempestuoso,
Volta-se apavorada e emudecida em tua direção,
De todos os me’s, agarras o que é mais terrível e comovente.
A porta das lágrimas foi aberta, por tua causa,
E é preciso percorrer o caminho à casa das grandes lamentações. 25
Antes mesmo da batalha tudo foi abatido, por ti.
Oh minha senhora! Com tua força, os dentes podem esmagar o sílex!
Como uma tempestade invasiva, invades.
Como uma tempestade uivante, uivas.
Como Iskur, ininterruptamente trovejas. 30
Como os ventos tempestuosos, exaures,
Enquanto teus pés nunca se cansam.
Nas batidas do balaĝ[11], entoa-se um canto de lamento.
Oh minha senhora! Os Anunna[12], os grandes deuses,
Como morcegos aterrados voam longe de ti aos montes ruinosos, 35
Eles que não ousam ficar diante de teu terrível olhar.
Que não se atrevem a afrontar teu terrível semblante.
Quem pode arrefecer teu coração em fúria?
Teu hostil coração está além da temperança.
Senhora, tua alma está satisfeita? Senhora, teu coração está contente? 40
Tua raiva não pode ser moderada, ó grande filha de Suen![13]
Senhora suprema sobre as terras estrangeiras, quem ousaria tirar algo
|de teu território?
Após estenderes teu território até as colinas, Ashnan caiu.

---

[10] *Enlil*: Deus do Vento sumério, que depois se tornou o Deus da Terra acadiano. (n.t.)
[11] *Balaĝ:* antigo instrumento musical em formato de cordas, similar a uma harpa, e depois de tambor, usado pelos sumérios e babilônios, cujo som servia para invocar os deuses. (n.t.)
[12] *Anunna:* “filhos de An”, deuses do submundo sumério; Anunnaki entre os acádios. (n.t.)
[13] *Suen:* ou Sin, Deus da Lua acádio; Nanna entre os sumérios, pai de Inanna. (n.t.)

Seus grandes portões foram incendiados.
O sangue flui em seus rios por ti, e seu povo deve bebê-lo por ti. 45
Suas tropas capturadas tiveram que se render a ti.
Suas tropas unidas tiveram que ser desfeitas por ti.
Seus homens fortes tiveram que ficar diante de ti.
Uma tempestade assola os lugares de dança da cidade.
Seus melhores homens são trazidos como cativos para ti. 50
Na cidade[14] que não declarou "Esta terra é tua",
Onde não declararam que "É de teu próprio pai",
Teu mandamento foi anunciado, e o território restituído a teus pés.
O cuidado desaparece, assim, desde o interior do lugar.
A mulher já não fala de amor com seu marido. 55
À noite, ela não se aconselha mais com ele.
E não lhe revela mais seus pensamentos mais íntimos.
Impetuosa vaca selvagem, grande filha de Suen,
Senhora suprema, maior que An, quem ousaria tirar um de teus territórios?
A grande senhora das senhoras, Ningal[15], nascida para os legítimos me's, 60
E de um ventre sagrado, maior que a mãe que lhe deu à luz,
Sábia e visionária, senhora de todas as terras,
Provedora de muitos, recito, pois, teu canto sagrado!
Verdadeira deusa, digna dos me's, tudo o que dizes é magnífico.
De coração sincero e radiante, oh mulher virtuosa, recitarei, pois, teus me's. 65
Em meu sagrado giparu[16] entrei, pois, por tua ordem,
Eu, a en-sacerdotisa, eu, En-hedu-Ana!
Carreguei a cesta ritual e entoei a canção de júbilo.
Como se eu nunca tivesse vivido lá, a oferenda fúnebre foi feita!
Eu me aproximei da luz, mas a luz se tornou escaldante para mim, 70
Eu me aproximei da sombra, mas fui tomada por uma tempestade.
Meus lábios suaves se tornaram venenosos.
Aquilo com que me satisfazia virou pó.

---

[14] *Na cidade:* referência à cidade suméria de Uruk, localizada às margens do rio Eufrates, considerada a primeira urbe do mundo antigo por parte da arqueologia. (n.t.)

[15] *Ningal:* em sumério, "Grande Senhora" ou "Rainha". Referência à Deusa dos Juncos suméria, Ningal, esposa do Deus da Lua, Nanna, com que teve dois filhos, Utu e Inanna. (n.t.)

[16] *Giparu:* parte do complexo do Templo de Nanna localizado em Ur, que engloba o santuário de Ningal. Era a residência oficial das en-sacerdotisas sumérias, logo, de En-hedu-Ana, que ali viveu e foi enterrada. (n.t.)

Eis meu destino com Suen[17] e Lugal-Ane![18]
Diga-o para An! Que alguém resolva isso para mim! 75
Direi a An sobre isso e An me libertará.
Esta mulher destruirá o destino de Lugal-Ane.
Inundações e terras estrangeiras estão a seus pés.
Esta mulher é deveras poderosa – e fará a cidade tremer diante dela.
Vai, para que ela aplaque seu coração por mim. 80
Eu, En-hedu-Ana, irei recitar uma oração para ti.
Minhas lágrimas, como uma suave cerveja,
Derramo-as livremente para ti, sagrada Inanna! E te direi: “É tua decisão!”
Quanto a Ashimbabbar[19], não te preocupes.
[Lugal-Ane] corrompeu os lustros do sagrado An, alterando tudo o que
|era dele. 85
Ele despojou An de seu Eanna[20].
Ele não temia a divindade maior.
E este templo, cuja abundância [An] não saciara, cuja beleza não provara,
Ele [Lugal-Ane] o converteu em um templo desprezível.
E ao entrar sempre como se fosse um companheiro, se aproximou
|de mim por inveja. 90
Oh, minha impetuosa e divina vaca! Expulsa este homem, captura-o!
Neste lugar onde a vida enseja, o que sou eu?
[Uruk] é um rebelde desprezado por Nanna[21] – que An o faça se render!
Esta cidade – que seja submetida por An!
Que seja amaldiçoada por Enlil! 95
Que o pranto do filho não seja aplacado por sua mãe!
Oh senhora! Com os lamentos que se abateram sobre a terra,
Teu navio de lamentos deve ser abandonado em território hostil.
E por causa de minha canção sagrada, devo morrer?
Quanto a mim, Nanna não se importou comigo. 100

---

[17] *Suen*: variante acadiana para Nanna, Deus da Lua sumério. (n.t.)
[18] *Lugal-Ane*: ou Lugalzagesi (c. 2340-2316 a.C.), rei sumério que havia sido deposto de Uruk pelo pai de En-hedu-Ana, Sargão, o Grande, na conquista acadiana do reino de Kalam. En-hedu-Ana havia sido expulsa de seu templo por esse rei, mas após a revolta, foi reintegrada graças à sua “rainha” Inanna. (n.t.)
[19] *Ashimbabbar:* Deusa da Lua de origem semítica; variante para Nanna. (n.t.)
[20] *Eanna:* antigo templo sumério em Uruk, considerado a “morada de Inanna”. (n.t.)
[21] *Nanna:* Deus da Lua sumério. (n.t.)

Em território rebelde, entregou-me à completa destruição.
Ashimbabbar não pronunciou meu julgamento final.
Se falou, o que importa? E se não falou, o que me importa?
Ele se sentou triunfante, depois que me expulsou do templo.
Como uma andorinha, ele me fez voar pela janela, e minha vida
| foi consumida. 105
E tive de caminhar entre os espinheiros da terra estrangeira.
Ele me despojou da legítima coroa para o en-sacerdócio.
E me deu uma adaga, dizendo: "eis teu adorno agora".
Una e única senhora, amada de An,
Teu sagrado coração é magnânimo, que se apiede por mim! 110
Amada noiva de Ushumgal-Ana[22],
Da base ao zênite celestial, tu és a grande senhora, Ningal.
Os Anunna se submeteram a ti.
Desde o nascimento, foste a rainha aprendiz.
Quão suprema és sobre todos os grandes deuses, os Anunna! 115
Os Anunna beijam o chão com os lábios em reverência a ti.
E meu julgamento não está concluído, mas uma sentença me envolve
| como se fosse minha.
Não estendi minha mão ao leito radiante,
Não revelei as palavras de Ningal[23] a qualquer um.
Eu sou a brilhante en-sacerdotisa de Nanna, 120
Oh, minha senhora, amada de An, que teu coração se apiede de mim!
Que se saiba, que se saiba: Nanna ainda não se pronunciou. "Isso é teu!",
| ele disse.
"Que és tão elevada quanto An – que se saiba!
Que és tão vasta quanto a Terra – que se saiba!
Que aniquilas territórios rebeldes – que se saiba! 125
Que ruges contra as terras estrangeiras – que se saiba! 125a
Que esmagas os líderes – que se saiba!
Que devoras os cadáveres como um predador – que se saiba!
Que teu olhar é terrível – que se saiba!

---

[22] *Ushumgal-Ana:* variante suméria para o Deus da Agricultura Dumuzi, cônjugue de Inanna. (n.t.)
[23] *Ningal:* Deusa dos Juncos suméria e deusa lunar, consorte de Nanna e mãe de Inanna. (n.t.)

Que ergues teu olhar terrível – que se saiba!
Que teu olhar irradia – que se saiba! 130
Que és inabalável e inflexível – que se saiba!
Que sempre triunfas – que se saiba!"
Que Nanna não proclamou [o decreto], dizendo: "Isso é teu!" –
Oh minha senhora, isso te tornou maior, isso te tornou a maior!
Oh, minha senhora, amada de An, narrarei toda a tua fúria! 135
Eu amontoei as brasas [no incensário] e preparei a lustração.
O Esdam-ku[24] te espera. E que teu coração se apazigue por mim!
Já que o coração me era pleno, oh grande senhora, fiz nascer
| [este hino] para ti.
O que foi recitado para ti à meia-noite,
Que um recitador repita-o para ti ao meio-dia! 140
"Por causa de tua consorte cativa, por causa de teu protegido cativo,
Tua raiva aumentou, teu coração não se acalmou".
A senhora poderosa, a governante da reunião do En[25],
Aceitou tuas oferendas.
O coração sagrado de Inanna foi restaurado. 145
A luz era suave para ela, o deleite se estendia sobre ela, cheia de beleza
| era ela.
Como a luz da lua nascente, estava encantadoramente vestida!
Nanna saiu para admirá-la,
E sua mãe, Ningal, a abençoou.
E o umbral do portão lhe disse: "Salve!" 150
Tudo o que foi dito à nugig é aclamado.
Devastadora das terras estrangeiras, dotada com os me's de An,
À minha senhora envolta em beleza, à glória de Inanna!

---

[24] *Esdam-ku:* nome do templo de Inanna nas cidades sumérias de Girsu e Lagash. (n.t.)
[25] *En:* título sumério para sacerdotes e governantes. Lit., no verso, "reunião de governantes". (n.t.)

# Elegias
## Sulpícia

**O texto:** As elegias de Sulpícia são o único registro da voz feminina na poesia latina, das quais se conservam apenas seis composições, que compreendem um total de 40 versos. Foram publicadas pela primeira vez na antologia organizada pelo poeta Álbio Tibulo, no 3º livro do *Corpus Tibullianum* (ou *Appendix Tibulliana*), no primeiro século da era comum. Mantendo a tradição da poesia epigramática helenística ou imperial latina, as elegias de Sulpícia representam cenas de uma narrativa que se desenrola com a leitura de cada texto individual, fazendo alusão, sobretudo, ao seu infeliz desencontro com seu amado, Cerinto, e explorando, com argúcia e estro poético, os sentimentos de arrebatamento e rejeição amorosa.

**Texto traduzido:** Sulpicia. "Poems". In. Mahoney, Anne (Ed.). *Sulpicia: Text, translation, and commentary*. Perseus Project, 2000.

**A autora:** Sulpícia (c. I a.C.), poeta latina, nasceu na Antiga Roma. Oriunda do patriciado, viveu durante o reinado de Augusto, o primeiro imperador romano, filha do político e orador Sérvio Sulpício Rufo e de Valeria, irmã do general Marco Valerio Messalla Corvino, seu tio, que figura em um de seus poemas, patrono das artes que criou, por volta do ano 30 a.C., um círculo de literatos do qual fizeram parte Tibulo e Ovídio. Acredita-se que Sulpícia tenha frequentado esses ambientes e feito parte do círculo de intelectuais de Messalla, que se tornou seu tutor após a morte de seu pai. A crítica e a revisitação da poesia de Sulpícia restabeleceram seu lugar no cânone da literatura clássica.

**O tradutor:** Rodrigo Bravo é doutorando em Tradutologia, mestre em Linguística, bacharel em Letras Clássicas pela USP. Professor do curso de pós-graduação em Música Popular da Faculdade Santa Marcelina. Cocriador e editor da revista eletrônica de poesia brasileira contemporânea traduzida para o inglês *Saccades/Sacadas*. Traduziu, em livros, artigos e capítulos de livro na área de tradução e crítica literária. Dramaturgo e Diretor da Cia. de Teatro Vento Áureo. Para a (n.t.) traduziu Nósside e os *Hinos Homéricos*.

“Coisa alguma desejo mandar em tabuinhas seladas por não lê-las ninguém.”

“Non ego signatis quicquam mandare tabellis, ne legat id. nemo.”

# ELEGIDIA

*"Hic animum sensusque meos abducta relinquo,*
*arbitrio quamvis non sinis esse meo."*

SULPICIA

**I (III, 13 / IV, 7)**

Tandem venit amor, qualem texisse pudori
    quam nudasse alicui sit mihi fama magis.
Exorata meis illum Cytherea Camenis
    attulit in nostrum deposuitque sinum.
Exsolvit promissa Venus: mea gaudia narret,
    dicetur si quis non habuisse sua.
Non ego signatis quicquam mandare tabellis,
    ne legat id nemo quam meus ante, velim.
Sed peccasse iuvat, vultus componere famae
    taedet: cum digno digna fuisse ferar.

**II (III, 14 / IV, 8)**

Invisus natalis adest, qui rure molesto
    et sine Cerintho tristis agendus erit.
Dulcius urbe quid est? an villa sit apta puellae
    atque Arretino frigidus amnis agro?
Iam nimium Messalla mei studiose, quiescas,
    non tempestivae, saeve propinque, viae!
Hic animum sensusque meos abducta relinquo,
    arbitrio quamvis non sinis esse meo.

**III (III, 15 / IV, 9)**

Scis iter ex animo sublatum triste puellae?
    natali Romae iam licet esse suo.
Omnibus ille dies nobis natalis agatur,
    qui nec opinanti nunc tibi forte venit.

**IV (III, 16 / IV, 9)**

Gratum est, securus multum quod iam tibi de me
    permittis, subito ne male inepta cadam.
Sit tibi cura togae potior pressumque quasillo
    scortum quam Servi filia Sulpicia:
Solliciti sunt pro nobis, quibus illa dolori est,
    ne cedam ignoto, maxima causa, toro.

**V (III, 17 / IV, 10)**

Estne tibi, Cerinthe, tuae pia cura puellae,
quod mea nunc vexat corpora fessa calor?
A! ego non aliter tristes evincere morbos
optarim, quam te si quoque velle putem.
At mihi quid prosit morbos evincere, si tu
nostra potes lento pectore ferre mala?

**VI (III, 18 / IV, 10)**

Ne tibi sim, mea lux, aeque iam fervida cura
    ac videor paucos ante fuisse dies,
si quicquam tota commisi stulta iuventa,
    cuius me fatear paenituisse magis,
hesterna quam te solum quod nocte reliqui,
    ardorem cupiens dissimulare meum.

# ELEGIAS

*“Cá meu ânimo e espírito eu, sequestrada, abandono,*
*já que não permitiste que eu decidisse por mim.”*

SULPICIA

**I (Livro III, 13 / IV, 7)**

Finalmente chegou meu amor, o qual recobrir
    mais infame seria a mim do que desnudá-lo.
Comovida com minhas Camenas, então, Citereia
    trouxe-o e colocou-o junto do meu coração.
Vênus cumpre a promessa: fale da minha alegria
    este que declarar as suas não possuir.
Coisa alguma desejo mandar em tabuinhas seladas
    por não lê-las ninguém, antes deste que é meu;
mas pecar vale a pena, porque disfarçar-nos a fama
    pesa: merecedora de quem mereço me afirmo.

**II (Livro III, 14 / IV, 8)**

É o meu aniversário, o qual nessa chácara vil
  sem Cerinto, tão triste, eu terei de passar.
Algo mais doce que a urbe existe? Meninas preferem
  uma casinha de campo? Frio, um flume da Arícia?
Ah, Messala, sossega, tu já me proteges demais,
  tio severo, nem sempre é tempestiva a viagem.
Cá meu ânimo e espírito eu, sequestrada, abandono,
  já que não permitiste que eu decidisse por mim.

**III (Livro III, 15 / IV, 9)**

Sabes que aquela viagem tiraram de minha alma triste?
    Os seus anos, em Roma, essa menina celebra!
Juntos nós passaremos, os dois, o meu aniversário,
    pois a inesperada sorte sorriu para ti.

**IV (Livro III, 16 / IV, 9)**

Grata eu sou de saber o quanto de vênia de mim
    tu te permites. Que eu, tola, não caia no mal!
Fica nas graças daquelas que enrolam novelos e togas,
    meretrizes, em vez de Sérvio a filha Sulpícia:
Há quem está preocupado comigo, morrendo de medo
    de que eu ceda a colchão vulgar, tamanho o dilema!

**V (Livro III, 17 / IV, 10)**

Não estás preocupado com tua menina, Cerinto?
    Pois agora essa febre vexa meu corpo abatido…
Não acredito que eu consiga vencer a moléstia
    triste, se, para mim, tu não quiseres o mesmo.
Mas de que me adianta vencer a moléstia, se tu
    podes no peito levar as dores com indiferença?

**VI (Livro III, 18 / IV, 10)**

Que eu não tenha jamais, minha luz, teus quentes cuidados
 – como eu acreditava ter uns dias atrás –
se, nessa vida de moça, fizera uma coisa mais tola
 do que esta que agora eu confesso ter feito
ontem à noite na hora em que eu te largara sozinho
 para dissimular o meu ardente desejo.

# Rimas
## Isabella di Morra

**O texto:** Apesar do pequeno *corpus* poético, que inclui dez sonetos e três canções, a poesia de Isabella di Morra é considerada uma das mais intensas e comoventes da poesia lírica medieval italiana. Desconhecida em vida, seu livro póstumo, *Rime*, reúne sua exígua, mas densa obra, marcada, na primeira parte, pelo mal-estar e a esperança de fuga (nos nove sonetos iniciais), e na segunda, pela resignação e conforto na religião (no último soneto e nas três canções). Esta tradução apresenta os dez sonetos de *Rime*, que apareceram parcialmente pela primeira vez em 1552, em *Rime di diversi illustri signori napoletani*, de Ludovico Dolce, e depois integralmente em 1559, em *Rime diverse d'alcune nobilissime, et virtuosissime donne*, coletânea editada por Lodovico Domenichi, sendo resgatada por Benedetto Croce, que lhe dedicou um estudo em 1929, em *La critica*, republicando as rimas.

**Texto traduzido:** Grignani, Maria Antonietta. "Per Isabella di Morra". In. *Rivista di Letteratura Italiana*, II, 1984, pp. 519–584.

**A autora:** Isabella di Morra (1520-1546), poeta italiana, nasceu em Valsinni. De família nobre, dedicou-se às letras e à poesia, tendo vivido sozinha no castelo da família, por obrigação dos irmãos, após o exílio do pai. Na juventude, passou a compor poemas, quando conheceu o poeta espanhol Diego Sandoval de Castro, com quem iniciou correspondência literária. Ao suspeitarem de uma relação amorosa entre ambos, os irmãos a mataram, e logo depois, o poeta Diego, fugindo do vilarejo natal. Sua poesia, que fora descoberta somente após a tragédia e incluída como parte das "provas", é considerada um caso isolado no cenário literário da época, influenciada pela corrente petrarquista, mas também pioneira da poesia romântica e de questões existenciais abordadas por Leopardi.

**O tradutor:** Gleiton Lentz (vide pág. 12).

"Todo monte me ouvirá, onde quer que eu pare, onde quer que eu passe."

"Ogni monte udirammi, ovunqu'io arresti, ovunqu'io mova i passi."

# RIME

*“Degno il sepolcro, se fu vil la cuna,*
*vo procacciando con le Muse amate.”*

ISABELLA DI MORRA

## I.

I fieri assalti di crudel Fortuna
scrivo piangendo, e la mia verde etate;
me che ’n sì vili ed orride contrate
spendo il mio tempo senza loda alcuna.

Degno il sepolcro, se fu vil la cuna,
vo procacciando con le Muse amate;
e spero ritrovar qualche pietate
malgrado de la cieca aspra importuna,

e col favor de le sacrate Dive,
se non col corpo, almen con l’alma sciolta
essere in pregio a più felici rive.

Questa spoglia, dov’or mi trovo involta,
forse tale alto Re nel mondo vive
che ’n saldi marmi la terrà sepolta.

## II.

Sacra Giunone, se i volgari amori
son de l'alto tuo cor tanto nemici,
i giorni e gli anni miei chiari e felici
fa' con tuoi santi e ben concessi ardori.

A voi consacro i miei verginei fiori,
a te, o dea, e ai tuoi pensieri amici,
o de le cose sola alme beatrici,
che colmi il ciel de' tuoi soavi odori.

Cingimi al collo un bello aurato laccio
de' tuo' più cari ed umili soggetti,
che di servir a te sola procaccio.

Guida Imeneo con sì cortesi affetti
e fa' sì caro il nodo ond'io mi allaccio,
ch'una sola alma regga i nostri petti.

## III.

D’un alto monte onde si scorge il mare
miro sovente io, tua figlia Isabella,
s’alcun legno spalmato in quello appare,
che di te, padre, a me doni novella.

Ma la mia adversa e dispietata stella
non vuol ch’alcun conforto possa entrare
nel tristo cor, ma, di pietà rubella,
la calda speme in pianto fa mutare.

Ch’io non veggo nel mar remo né vela
(così deserto è lo infelice lito)
che l’onde fenda o che la gonfi il vento.

Contra Fortuna alor spargo querela
ed ho in odio il denigrato sito,
come sola cagion del mio tormento.

## IV.

Quanto pregiar ti puoi, Siri mio amato,
de la tua ricca e fortunata riva
e de la terra, che da te deriva
il nome, ch'al mio cor oggi è sì grato;

s'ivi alberga colei, che 'l cielo irato
può far tranquillo e la mia speme viva,
malgrado de l'acerba e cruda Diva,
ch'ogni or s'esalta del mio basso stato!

Non men l'odor de la vermiglia Rosa
di dolce aura vital nodrisce l'alma
che soglian farsi i sacri Gigli d'oro.

Sarà per lei la vita mia gioiosa,
de' grievi affanni deporrò la salma,
e queste chiome cingerò d'alloro.

## V.

Non solo il ciel vi fu largo e cortese,
caro Luigi, onor del secol nostro,
del raro stil, del ben purgato inchiostro,
ma del nobil soggetto onde v'accese.

Alto Signor e non umane imprese
ornan d'eterna fronde il capo vostro,
cose più da pregiar che gemme od ostro,
che dai tarli e dal tempo son offese.

Il sacro volto aura soave inspira
al dotto petto, che lo tien fecondo
di gloriosi, anzi divini carmi.

Francesco è l'arco de la vostra lira,
per lui sète oggi a null'altro secondo,
e potete col son rompere i marmi.

## VI.

Fortuna che sollevi in alto stato
ogni depresso ingegno, ogni vil core,
or fai che 'l mio in lagrime e 'n dolore
viva più ch'altro afflitto e sconsolato.

Veggio il mio Re da te vinto e prostrato
sotto la rota tua, pieno d'orrore,
lo qual, fra gli altri eroi, era il maggiore
che da Cesare in qua fusse mai stato.

Son donna, e contra de le donne dico
che tu, Fortuna, avendo il nome nostro,
ogni ben nato cor hai per nemico.

E spesso grido col mio rozo inchiostro
che chi vuole esser tuo più caro amico
sia degli uomini orrendo e raro mostro.

## VII.

Ecco ch'una altra volta, o valle inferna,
o fiume alpestre, o ruinati sassi,
o ignudi spirti di virtute e cassi,
udrete il pianto e la mia doglia eterna.

Ogni monte udirammi, ogni caverna,
ovunqu'io arresti, ovunqu'io mova i passi;
chè Fortuna, che mai salda non stassi,
cresce ogn'or il mio male, ogn'or l'eterna.

Deh, mentre ch'io mi lagno e giorno e notte,
o fere, o sassi, o orride ruine,
o selve incolte, o solitarie grotte,

ulule, e voi del mal nostro indovine,
piangete meco a voci alte interrotte
il mio più d'altro miserando fine.

## VIII.

Torbido Siri, del mio mal superbo,
or ch'io sento da presso il fin amaro,
fa' tu noto il mio duolo al Padre caro,
se mai qui 'l torna il suo destino acerbo.

Dilli come, morendo, disacerbo
l'aspra Fortuna e lo mio fato avaro
e, con esempio miserando e raro,
nome infelice a le tue onde serbo.

Tosto ch'ei giunga a la sassosa riva
(a che pensar m'adduci, o fiera stella,
come d'ogni mio ben son cassa e priva!),

inqueta l'onde con crudel procella
e di': – Me accreber sì, mentre fu viva,
non gli occhi no, ma i fiumi d'Isabella.

## IX.

Se a la propinqua speme nuovo impaccio
o Fortuna crudele o l'empia Morte,
com'han soluto, ahi lassa, non m'apporte,
rotta avrò la prigione e sciolto il laccio.

Ma, pensando a quel dì, ardo ed agghiaccio,
ché 'l timore e 'l desio son le mie scorte:
a questo or chiudo, or apro a quel le porte
e, in forse, di dolor mi struggo e sfaccio.

Con ragione il desio dispiega i vanni
ed al suo porto appresso il bel pensiero
per trar quest'alma da perpetui affanni.

Ma Fortuna al timor mostra il sentiero
erto ed angusto e pien di tanti inganni,
che nel più bel sperar poi mi dispero.

## X.

Scrissi con stile amaro, aspro e dolente
un tempo, come sai, contra Fortuna,
sì che null'altra mai sotto la luna
di lei si dolse con voler più ardente.

Or del suo cieco error l'alma si pente,
che in tai doti non scorge gloria alcuna,
e se de' beni suoi vive digiuna,
spera arricchirsi in Dio chiara e lucente.

Né tempo o morte il bel tesoro eterno,
né predatrice e vïolenta mano
ce lo torrà davanti al Re del cielo.

Ivi non nuoce già state né verno,
ché non si sente mai caldo né gielo.
Dunque ogni altro sperar, fratello, è vano.

# RIMAS

*"Um digno sepulcro, se vil foi a cuna,*
*vou buscando com as Musas amadas."*

ISABELLA DI MORRA

### I.

Ao assalto feroz da cruel Fortuna
escrevo ao chorar minha verde idade;
eu, que em tão vis e hórridas contradas
passo o meu tempo sem estima alguma.

Um digno sepulcro, se vil foi a cuna,
vou buscando com as Musas amadas;
e espero encontrar qualquer piedade
malgrado a cega, amarga e importuna,

e com o favor das sagradas Divas,
se não o corpo, mas com a alma solta
ter a honra de estar em felizes ribas.

Esta veste, onde ora me vejo envolta,
quiçá um célebre Rei no mundo viva
e em duro mármore a terá sepulta.

## II.

Sagrada Juno, se os simples amores
são ao teu excelso coração inimigos,
meus dias e anos, claros e felizes
rege com teus santos e dados ardores.

A ti, entrego minhas virginais flores,
ó deusa, e a teus pensamentos amigos,
a ti, das coisas almas beatrizes,
que enches o céu com suaves odores.

Cinge-me o pescoço um belo áureo laço
de teus mais caros e húmiles objetos,
pois somente servir a ti é o que faço.

Guia Himeneu com tão afáveis afetos
e faz tão querido o nó onde eu me enlaço,
que uma alma só segura nossos peitos.

### III.

Do alto do monte, onde se divisa o mar
eu sempre miro, tua filha Isabella,
se uma madeira lastra irá assomar,
vai que de ti, pai, notícia revela.

Mas minha adversa e impiedosa estrela
não quer que conforto algum possa entrar
no triste cor, mas, pena que se rebela,
a ardente espera em pranto faz mudar.

Pois que eu não vejo no mar remo ou vela
(tão desértico está o infeliz lido)
que as ondas cortam ou que sopra o vento.

Contra a Fortuna esparramo querela
e sinto ódio pelo sítio denegrido,
como a única causa de meu tormento.

## IV.

Quanto podes clamar, Siri, meu amado,
pela tua rica e afortunada riva
e pela terra, que de ti deriva
o nome, que ao meu coração hoje é dado;

se ela por lá se alberga, o céu irado
pode ficar calmo e minha espera viva,
malgrado a acerbada e cruenta Diva,
que se exaspera por meu baixo estado!

Não menos o odor da vermelha Rosa
de doce aura vital alimenta a alma
que se convertem os sacros Lírios de ouro.

Será a ela minha vida jubilosa,
de graves angústias porei a salma,
e estes cabelos cingirei de louro.

## V.

Não só o Céu te foi cortês e espaçado,
caro Luigi, honra que o século viu,
da tinta depurada, do raro stil,
mas de nobre assunto foste iluminado.

Ilustre Senhor, não humanos atos
ornam de fronde eterna teu semblante,
mais quistos que ostros ou gemas dantes,
mas pelo tempo e traças ultrajados.

O sacro rosto uma aura suave inspira
ao douto peito, que o mantém fecundo
de gloriosos, antes, divinos carmes.

Francesco, pois, é o arco de vossa lira,
estais com ele hoje, em todo o segundo,
e podeis com o som quebrar os mármores.

## VI.

Fortuna que se eleva em alto estado
cada engenho débil, cada vil cor,
faz com que o meu em lágrimas e dor
viva mais que outro, aflito e desolado.

Vejo o Rei por ti vencido e prostrado
sob a tua roda, apinhado de horror,
o qual, entre outros heróis, era o maior
que de César jamais tenha vingado.

Sou mulher, e contra as mulheres digo
que tu, Fortuna, nosso nome tendo,
todo cor bem nato tens por inimigo.

E com a rude tinta grito dizendo
que quem anseia ser teu mais caro amigo
dos homens seja um monstro raro e horrendo.

## VII.

Eis que uma outra vez, ó vale infernal,
ó rio alpestre, ó rochas ruinosas,
ó almas sem virtudes e desgraciosas,
ouvireis meu clamor e dor eternal.

Todo monte me ouvirá, todo lugar cavernal,
onde quer que eu pare, onde quer que eu passe;
pois a incessante Fortuna não é impasse,
cresce o meu mal, a cada hora eternal.

Ah, enquanto, cada dia e noite, me enluta,
ó feras, ó rochas, ó hórridas ruínas,
ó selvas incultas, ó ermas grutas,

e corujas, do mal nosso adivinhas,
choreis comigo em voz alta e interrupta
a mais miserável das ditas minhas.

## VIII.

Túrbido Siri, do meu mal soberbo,
ora que eu sinto perto o fim amaro,
faz notar minha dor ao Pai mui caro,
se não mais voltar de seu destino acerbo.

Diga como, morrendo, desacerbo
a áspera Fortuna e meu fado avaro
e, com um exemplo mísero e raro,
nome infeliz às tuas ondas reservo.

Logo que ele atingir a seixosa riba
(a que o pensar me aduz, ó feroz estrela,
pois de meus bens sou privada e inativa!),

inquieta as ondas com cruel procela
e diga: – Eu transbordei, sim, ainda viva,
não meus olhos, mas os rios de Isabella.

## IX.

Se à propínqua espera um novo embaraço
houver, ó cruel Fortuna, ó ímpia Morte,
como se fez, ai de mim, e que nada aporte,
ruído terei a prisão e desfeito o laço.

Mas, ao pensar naquele dia, ardo e embaço,
porque o anseio e o temor são minhas escoltas:
a este ora fecho, ora abro àquele as portas
e, talvez, de dor me destruo e desfaço.

Com razão o desejo desprende as asas
e ao seu porto meu pensar é vizinho
p'ra essa alma tirar de perpétuos afãs.

Mas temente a Fortuna mostra o caminho
íngreme e estreito e cheio de muitas manhas,
do qual, a bel esperar, me desalinho.

## X.

Com estilo amargo, áspero e dolente
uma vez escrevi contra a Fortuna,
p’ra que nada mais, sabes, sob a lua
se doesse por ela com ânsia ardente.

A alma de seu erro cego se arrepende,
pois em tais dotes não vê glória alguma,
e ora também de suas posses jejua,
p’ra em Deus enriquecer clara e luzente.

Nem o tempo ou a morte, o tesouro eterno,
nem a predadora e a violenta mão
tirá-lo-ão de nós do Rei do céu diante.

Já não há mais mal nem no estio ou no averno,
e não se sente frio ou calor como antes.
Portanto, irmão, toda esperança é em vão.

# Epístola às mulheres
## Constance de Salm

**O texto:** Seleção com quatro poemas de Constance de Salm, extraídos do Tomo I de suas *Œuvres complètes*: "Épître aux femmes", da seção *Épîtres*, e "A un critique méchant", "Sur deux femmes" e "La coquette", de *Poésies diverses*. No poema epistolar, Salm afirma o direito da mulher à autoria, enquanto nos demais discute a condição da mulher durante o período da Revolução francesa, na Paris dos séculos XVIII e XIX.

**Texto traduzido:** Salm, Constance de. *Œuvres complètes*. Tome I. Paris: Librairie de Firmin Didot Frères/Arthus Bertrand, Librairie, 1842.

**A autora:** Constance de Salm (1767-1845), também conhecida como Constance Marie de Theís e Constance Pipelet, poeta francesa, nasceu em Nantes. Conhecida por seus elogios fúnebres e por sua tragédia lírica sobre Safo, sua entrada no cenário intelectual da época veio com a publicação da *Epístola às mulheres*, escrita em 1797 como resposta ao artigo do poeta Ponce-Denis Écouchard-Lebrun contra a autoria feminina. A epístola foi lida no Lycée des Arts, onde Salm havia sido a primeira mulher a ser admitida em 1795. Esse debate alimentou seus escritos posteriores, nos quais passou a denunciar a opressão masculina contra a luta em prol dos direitos feministas durante a Revolução Francesa e a atacar emendas dos códigos penais franceses pela grave discriminação às mulheres.

**O tradutor:** Gabriel de Assis Miranda é mestrando em História Antiga pela Universidade de Lisboa, bacharel e licenciado em História pela PUC-SP.

"Ó mulheres, que queimam do ardor que me anima,
Deixai de abafar o arroubo que se legitima."

"Ô femmes, qui brûlez de l'ardeur qui m'anime,
Cessez donc d'étouffer un transport légitime."

# ÉPÎTRE AUX FEMMES

*"Un siècle de justice à nos yeux vient de naître ;*
*Femmes, soyez aussi ce que vous devez être."*

CONSTANCE DE SALM

La colère suffit, et vaut un Apollon.
Boileau, sat. I.

Ô femmes, c'est pour vous que j'accorde ma lyre !
Ô femmes, c'est pour vous qu'en mon brûlant délire,
D'un usage orgueilleux bravant les vains efforts,
Je laisse enfin ma voix exprimer mes transports.
Assez et trop longtemps la honteuse ignorance
A jusqu'en vos vieux jours prolongé votre enfance ;
Assez et trop longtemps les hommes égarés,
Ont craint de voir en vous des censeurs éclairs :
Un siècle de justice à nos yeux vient de naître ;
Femmes, soyez aussi ce que vous devez être.

Si la nature a fait deux sexes différents,
Elle a changé la forme, et non les éléments.
Même loi, même erreur, même ivresse les guide ;
L'un et l'autre propose, execute, ou decide ;
Les charges, les pouvoirs, entre eux deux compensés,
Par un ordre immuable y restent balances ;
Tous deux pensent régner, et tous deux obéissent ;
Ensemble ils sont heureux, séparés ils languissent ;
Tour à tour l'un de l'autre enfin guide et soutien,
Même en se donnant tout ils ne se doivent rien.

L'homme injuste pourtant, oubliant sa faiblesse,
Outrageant à la fois l'amour et la sagesse,
L'homme injuste, jaloux de tout assujettir,
Sous la loi du plus fort prétend nous asservir ;
Il feint, dans sa compagne et sa consolatrice,
De ne voir qu'un objet créé pour son caprice ;
Il trouve dans nos bras le bonheur qui le fuit :
Son orgueil s'en étonne, et son front en rougit.
Esclave révolté des lois de la nature,
Ses clameurs, il est vrai, ne sont qu'un vain murmure :
Mais que, par les mépris dont il veut nous couvrir,
Il nous vend cher les droits qu'il ne peut nous ravir !
Nos talents, nos vertus, nos graces séduisantes,
Deviennent à ses yeux des armes dégradantes
Dont nous devons chercher à nous faire un appui
Pour mériter l'honneur d'arriver jusqu'à lui.
Il étouffe en nos cœurs la fierté, le courage ;
Il nous fait une loi de supporter l'outrage ;
Pour exercer en paix un empire absolu,
Il fait de la douceur notre seule vertu....
Qu'ai-je dit, la douceur? Ah, nos âmes sensibles
Ne lui refusent pas ces triomphes paisibles ;
Mais ce n'est pas assez pour son esprit jaloux :
C'est la soumission qu'il exige de nous....
Ingrat! méconnais-tu la sagesse profonde
Qui dirige en secret tous les êtres du monde ?
Méconnais-tu la main qui traça dans ton cœur
De ton amour pour nous le principe vengeur ?
Voyons-nous, dans nos bois, nos vallons, nos montagnes,
Les lions furieux outrager leurs compagnes ?
Voyons-nous dans les airs l'aigle dominateur
De l'aigle qu'il chérit réprimer la grandeur ?
Non; tous suivent en paix l'instinct de la nature :
L'homme seul à ses lois est rebelle et parjure.

Cependant le réveil des sens impérieux
Rétablit un instant l'équilibre à ses yeux ;
Le désir, le besoin, triomphent du système :

L'homme redevient homme aussitôt qu'il nous aime ;
Défenseur généreux, être sensible et bon,
Il retrouve à la fois son cœur et sa raison,
Et, laissant à nos pieds le vain titre de maître,
Il obéit aux lois qu'il vient de méconnaître.
C'est là, dans les transports d'un amoureux lien,
Qu'il voit que sur nos cœurs sa force ne peut rien ;
Que notre volonté seulement nous commande ;
Que l'on obtient de nous qu'alors qu'on nous demande ;
Et que la liberté dont nous nous honorons
N'est point remise aux mains que nous-mêmes enchaînons.

Femmes, ne croyez point que ce soit tout encore :
Trop souvent ce bonheur s'éclipse à son aurora ;
Et l'espoir que l'amour va vous rendre aujourd'hui,
Demain, malgré vos soins, disparaît avec lui.
C'est par des traits plus sûrs qu'il faut montrer aux hommes
Tout ce que nous pouvons et tout ce que nous sommes :
C'est à les admirer qu'on veut nous obliger ;
C'est en les imitant qu'il faut nous en venger.
Science, poésie, arts, qu'ils nous interdisent,
Sources de voluptés qui les immortalisent,
Venez, et faites voir à la postérité
Qu'il est aussi pour nous une immortalité !
Déjà plus d'une femme, osant braver l'envie,
Aux dangers de la gloire a consacré sa vie ;
Déjà plus d'une femme, en sa fière vertu,
Pour l'honneur de son sexe, ardente, a combattu.
Eh ! d'où naîtrait en nous une crainte servile !
Ce feu qui nous dévore est-il donc inutile ?
Le dieu qui dans nos cœurs a daigné l'allumer,
Dit-il que sans paraître il doit nous consumer ?
Portons-nous sur nos fronts, écrit en traits de flamme :
*L'homme doit régner seul et soumettre la femme ?*
Un ascendant secret vient-il nous avertir
Quand il faut admirer, quand il faut obéir ?
La nature pourtant aux êtres qu'elle opprime
Donne de leur malheur le sentiment intime :

L'agneau sent que le loup veut lui ravir le jour ;
L'oiseau tombe sans force à l'aspect du vautour....
Disons-le : l'homme, enflé d'un orgueil sacrilége,
Rougit d'être égalé par celle qu'il protege ;
Pour ne trouver en nous qu'un être admirateur,
Sa voix dès le berceau nous condamne à l'erreur ;
Moins fort de ce qu'il sait que de notre ignorance,
Il croit qu'il s'agrandit de notre insuffisance,
Et, sous les vains dehors d'un respect affecté,
Il ne vénère en nous que notre nullité.

Écoutons cependant ce que nous dit le sage :
« Femmes, est-ce bien vous qui parlez d'esclavage ?
« Vous, dont le seul regard peut nous subjuguer tous !
« Vous, qui nous enchaînez tremblants à vos genoux !
« Vos attraits, vos pleurs feints, vos perfides caresses,
« Eh! qu'avez-vous besoin de moyens superflus ?
« Vous nous tyrannisez; que vous faut-il de plus ? »
Ce qu'il nous faut de plus? un pouvoir légitime.
La ruse est le recours d'un être qu'on opprime.
Cessez de nous forcer à ces indignes soins ;
Laissez-nous plus de droits, et vous en perdrez moins.
Oui, sans doute, à nos pieds notre fierté vous brave :
Un tyran qu'on soumet doit devenir esclave.
Mais ce cruel moyen de nous venger, hélas !
Nous coûte bien des pleurs que vous ne voyez pas.
Il est temps que la paix à nos cœurs soit offerte :
De l'étude, des arts, la carrière est ouverte ;
Osons y pénétrer. Eh! qui pourrait ravir
Le droit de les connaître à qui peut les sentir ?

Mais déjà mille voix ont blâmé notre audace ;
On s'étonne, on murmure, on s'agite, on menace ;
On veut nous arracher la plume et les pinceaux ;
Chacun a contre nous sa chanson, ses bons mots ;
L'un, ignorant et sot, vient, avec ironie,
Nous citer de Molière un vers qu'il estropie ;
L'autre, vain par système, et jaloux par métier,

Dit d'un air dédaigneux : *Elle a son teinturier*.
De jeunes gens, à peine échappés du collége,
Discutent hardiment nos droits, leur privilége ;
Et les arrêts, dictés par la frivolité,
La mode, l'ignorance, et la fatuité,
Répétés en échos par ces juges imberbes,
Après deux ou trois jours sont passés en proverbes.
En vain, l'homme de bien, qui toujours nous défend,
Contre eux, dans sa justice, éclate hautement,
Leur prouve de nos cœurs la force, le courage,
Leur montre nos lauriers conservés d'âge en age ;
Leur dit qu'on peut unir grâces, talents, vertus;
Que Minerve était femme aussi bien que Vénus :
Rien ne peut ramener cette foule en délire ;
L'honnête homme se tait, nous regarde, et soupire.
Mais, ô dieux ! qu'il soupire et qu'il gémit bien plus
Quand il voit les effets de ce cruel abus !
Quand il voit le besoin de distraire nos âmes
Se porter, malgré nous, sur de coupables flammes ;
Quand il voit ces transports que réclamaient les arts
Dans un monde pervers offenser ses regards,
Et sur un front terni la licence funeste
Remplacer les lauriers du mérite modeste !
Ah ! détournons les yeux de cet affreux tableau.
Ô femmes ! reprenez la plume et le pinceau.
Laissez le moraliste, en sa folle colère,
Restreindre nos talents au talent de lui plaire ;
Laissez-le, tourmentant des mots insidieux,
Dégrader notre sexe et vanter nos beaux yeux ;
Laissons l'anatomiste, aveugle en sa science,
D'une fibre avec art calculer la puissance,
Et du plus et du moins inférer, sans appel,
Que sa femme lui doit un respect éternel.
La nature a des droits qu'il ignore lui-même :
On ne la courbe pas sous le poids d'un système ;
Aux mains de la faiblesse elle met la valeur ;
Sur le front du superbe elle écrit la terreur ;

Et, dédaignant les mots de sexe et d'apparence,
Pèse dans sa grandeur les dons qu'elle dispense.

Mais quel nouveau transport ! quel soudain changement !
L'homme paraît enfin armé du sentiment;
Il nous crie : « Arrêtez, femmes, vous êtes mères !
« A tout autre plaisir rendez-vous étrangères ;
« De l'étude et des arts la douce volupté
« Deviendrait un larcin à la maternité. »
Ô nature, ô devoir que c'est mal vous connoître !
L'ingrat est-il aveugle, ou bien feint-il de l'être ?
Feint-il de ne pas voir qu'en ces premiers instants
Où le ciel à nos vœux accorde des enfants,
Tout entières aux soins que leur âge réclame,
Tout ce qui n'est pas eux ne peut rien sur notre âme ?
Feint-il de ne pas voir que de nouveaux besoins
Nous imposent bientôt de plus glorieux soins,
Et que pour diriger une enfance timide
Il faut être à la fois son modèle et son guide ?
Oublieront-ils toujours, ces vains déclamateurs,
Qu'en éclairant nos yeux nous éclairons les leurs ?
Eh ! quel maître jamais vaut une mère instruite ?
Sera-ce un pédagogue enflé de son mérite,
Un mercenaire avide, un triste précepteur ?
Ils auront ses talents, mais auront-ils son cœur ?
Disons tout. En criant : *Femmes, vous êtes mères* !
Cruels! vous oubliez que les hommes sont pères ;
Que les charges, les soins, sont partagés entre eux ;
Que le fils qui vous naît appartient à tous deux ;
Et qu'après les moments de sa première enfance
Vous devez, plus que nous, soigner son existence.
Ah! s'il était possible (et le fut-il jamais ?)
Qu'une mère un instant suspendît ses bienfaits,
Un cri de son enfant, dans son âme attendrie,
Réveillerait bientôt la nature assoupie.
Mais l'homme, tourmenté par tant de passions,
Accablé sous le poids de ses dissensions,
Malgré lui, malgré nous, à chaque instant oublie

Qu'il doit plus que son cœur à qui lui doit la vie,
Et que d'un vain sermon les stériles éclats
Des devoirs paternels ne l'acquitteront pas.

Insensés! vous voulez une femme ignorante ;
Eh bien, soit; confondez l'épouse et la servante :
Voyez-la, mesurant les leçons sur ses goûts,
Élever ses enfants pour elle, et non pour vous ;
Voyez-les, dans un monde à les juger habile,
De leur mère porter la tache indélébile;
Au sage, à l'étranger, à vos meilleurs amis,
Rougissez de montrer votre femme et vos fils ;
Dans les épanchements d'un cœur sensible et tendre,
Que personne chez vous ne puisse vous comprendre ;
Traînez ailleurs vos jours et votre obscurité ;
On ne vous plaindra pas, vous l'aurez mérité.

Regardons maintenant celui dont l'âme grande
Cherche dans sa compagne un être qui l'entende ;
Regardons-les tous deux ajouter tour à tour
Le charme des talents au charme de l'amour.
Qu'un tel homme est heureux au sein de sa famille !
Il veut croître aux beaux-arts et son fils et sa fille ;
Écoutant la nature avant de la juger,
Il cherche à l'ennoblir, et non à l'outrager.
Chez lui l'humanité ne connaît point d'entrave ;
L'homme n'est point tyran, la femme point esclave,
Et le génie en paix, planant sur tous les deux,
De l'inégalité décide seul entre eux.
Ô jours trop tôt passés de mon heureuse enfance !
C'est ainsi que mon cœur sentit votre existence ;
C'est ainsi qu'en mon sein vous sûtes imprimer
Ces immuables droits que j'ose réclamer.
Un père généreux, agrandissant mon être,
M'apprit dès le berceau ce que je pouvais être ;
Et du titre de femme en décorant mon front,
Il m'en fit un honneur et non pas un affront.
Ô toi qui m'animas de cette pure flamme,

De ce séjour de paix où repose ton âme,
Jette sur mes travaux un regard bienfaisant,
Et bénis ces transports d'un cœur reconnaissant !

Ne croyez pas pourtant, épouses, mères, filles,
Que je veuille jeter le trouble en vos familles,
D'une ardeur de révolte embraser vos esprits,
Et renverser des lois que moi-même je suis.
Il est des nœuds sacrés et d'honorables chaînes ;
Il est de doux plaisirs et de plus douces peines;
Et cet échange heureux des soins de deux époux
Fait leur bien mutuel et le charme de tous.
C'est l'ordre qui m'irrite, et non pas la prière ;
C'est l'ordre que repousse une âme haute et fière ;
Mais céder à la voix d'un généreux ami,
C'est s'obliger soi-même et jouir plus que lui.
Ne croyez pas non plus qu'en ma verve indiscrète
J'aille crier partout : *Soyez peintre ou poëte*.
Je sais que la nature, avare en ses bienfaits,
Nous donne rarement des talents purs et vrais ;
Mais telle, que retient la critique ou l'envie,
Sent au fond de son cœur le germe du genie ;
Et c'est là que mon vers, armé d'un trait vainqueur,
Veut porter malgré tout un transport créateur.
Et quand il se pourrait qu'à ma voix enflammée
Quelche autre femme en vain cherchât la renommée,
Lui doit-on pour cela d'injurieux discours ?
L'homme dans ses travaux réussit-il toujours ?
Ne vaut-il donc pas mieux d'une ardente jeunesse
Charmer par les talents la dangereuse ivresse,
Que de la condamner au plaisir dégradant
D'inventer ou proscrire un vain ajustement ?
Oui, l'étude est pour nous un bonheur nécessaire :
On apprend à juger, si l'on apprend à faire ;
L'esprit en s'éclairant ne peut que s'ennoblir,
Et c'est sur l'ignorance enfin qu'il faut gémir.
Moi-même, osant braver les dangers de la scène,
J'ai marché vers le but où ma main vous entraîne ;

Moi-même, sur Sapho rappelant quelques pleurs,
J'ai suivi ses leçons et chanté ses douleurs ;
Moi-même à mes côtés j'ai vu la sombre envie
Sur mes tranquilles jours porter sa main impie....
Eh ! que font à mon sort ces êtres orgueilleux ?
Mon bonheur est à moi, leurs travers sont pour eux.
Que dis-je ? ils m'ont servie, et plus que des louanges.
Ces ris, ces mots piquants, ces critiques étranges,
En éclairant mes yeux sur mes propres défauts,
Retranchaient à mes torts bien plus qu'à mon repos.

Ô femmes, qui brûlez de l'ardeur qui m'anime,
Cessez donc d'étouffer un transport légitime ;
Les hommes vainement raisonnent sur nos goûts :
Ils ne peuvent juger ce qui se passe en nous.
Qu'ils dirigent l'État, que leur bras le protege ;
Nous leur abandonnons ce noble privilege ;
Nous leur abandonnons le prix de la valeur ;
Mais les arts sont à tous ainsi que le bonheur.

Paris, 1797.

## A UN CRITIQUE MÉCHANT

Méchant ! lorsque mon indulgence
Encourageant ton insolence
Tu m'oses braver sans raison,
Sache que le dédain pardonne,
Que je suis une femme bonne,
Mais une bonne femme, non.

## SUR DEUX FEMMES

Avec la froide Aminte, avec la fausse Hortense,
Qui peut vivre longtemps sans en perdre l'esprit ?
L'une ne dit jamais rien de ce qu'elle pense,
L'autre ne pense rien de tout ce qu'elle dit.

## LA COQUETTE

De la nature bienfaisante,
Églé reçut tous les presents ;
Finesse, esprit, grâce touchante,
Air noble et doux, gaîté, bon sens ;
On est frappé par sa figure,
On est séduit par son regard ;
Mais elle sait, à force d'art,
Gâter les dons de la nature.

Se taille est souple et délicate,
Un corps la gêne et la roidit ;
Sur son beau teint la rose éclate,
Un fard imposteur le ternit ;
Son pied souffre dans sa chaussure ;
Des cheveux cachent ses cheveux ;
Que de peine et de soins, grands dieux !
Pour défigurer la nature !

Son attitude est composée,
Sa robe drape ses appas ;
Si sur vous sa main s'est posée,
C'est pour faire briller son bras.
Pour développer sa figure
Elle lève les yeux au ciel ;
Et l'air qu'elle croit naturel,
Est l'opposé de la nature.

Chante-t-elle? sa voix sonore
Choque par de trop grands éclats ;
Danse-t-elle? c'est Terpsychore,
Mais calculant ses moindres pas :
D'une sensibilité pure
Elle aime à vanter le tourment,
Mais c'est toujours en minaudant
Qu'elle parle de la nature.

Douce et bonne autant que jolie,
Elle est méchante par bon ton ;
Elle se lève, elle s'écrie,
Pour attirer l'attention ;
Enfin, beauté, talents, lecture,
En elle tout brille et déplaît :
Ah ! pour plaire il n'est qu'un secret,
Et c'est celui de la nature.

# EPÍSTOLA ÀS MULHERES

*"Um tempo de justiça acaba de nascer;*
*Mulheres, sede aquilo que vós deveis ser."*

CONSTANCE DE SALM

A raiva é o suficiente, e vale um Apolo.
Boileau, sat. I.

Ó mulheres, por vós que a lira eu tempero;
Ó mulheres, eu, em meu delírio austero,
Que já por orgulho encara o esforço vão,
Deixo a voz, enfim, expor minha exaltação.
Por muito e muito tempo a infame ignorância
Até a velhice prolongou vossa infância;
Há muito e muito tempo os homens apartados,
Receiam ver em vós censores aclarados:
Um tempo de justiça acaba de nascer;
Mulheres, sede aquilo que vós deveis ser.

Se a natura aos sexos deu forma diferente,
Quanto aos elementos, deu-lhos igualmente.
Mesmo erro, mesma lei e arroubo os conduzem;
Ambos decidem, executam ou deduzem;
Os cargos e poderes, entre eles divididos,
Por ordem imutável restam suspendidos;
Ambos querem reinar, e ambos obedecem;
Juntos, são felizes, separados, padecem;
Cada qual, enfim, um do outro, guia e morada,
Mesmo se doando, não se devem nada.

O homem injusto, olvidando a sua impotência,
Ao ultrajar, de uma vez, o amor e a ciência,
O homem injusto, a fim de tudo sujeitar,
Sob a lei do mais forte nos quer cativar;
Ele pretende não ver, no espírito amigo,
Senão um objeto feito a seu capricho;
Mesmo que o prazer ele encontre em nossos braços:
Quando a face cora e o brio não tem espaço.
Escravo revoltado das leis da natura,
Com clamores, decerto, ele em vão murmura:
Mas, pelo desdém, com que nos quer enodar,
Vende direitos que não nos pode arrancar!
Nossos dons, virtudes e graças fascinantes,
A seus olhos não passam de armas degradantes,
Em que devemos procurar nos apoiar
Para se ter a honra de o alcançar.
Sufoca em nosso peito o brio, a coragem;
Condiciona-nos a suportar o ultraje;
Pra exercer império absoluto, amiúde,
Faz da doçura a nossa única virtude...
O quê? A doçura? Ah, nossas almas sensíveis
Não lhe rejeitem os triunfos aprazíveis!
Mas não basta a seu espírito obstinado:
É a submissão que ele quer ter ao seu lado.
Ingrato! Ignoras tu o saber profundo
Que rege em segredo os seres do mundo?
E quem em teu coração traçou a nuança,
Em teu amor, do princípio de vingança?
Vemos em bosques, montanhas e capoeiras,
Leões ferinos ultrajarem as parceiras?
Vemos nos céus a águia, em sua realeza,
Da águia amada reprimir a grandeza?
Não! Tudo segue o tom da natura, em paz:
Apenas o homem é tirano e mordaz!

Mas o despertar dos sentidos imperiosos
Reata, em breve, o equilíbrio a seus olhos;
Ao nos amar, são necessidade e desejo:

De o homem voltar a ser homem, o ensejo;
Defensor bondoso, ser sensível e são,
De vez ele encontra coração e razão:
Ao deixar sob nossos pés a fama de mestre,
Obedece às leis que ele pouco conhece.
Daí ele vê que, na paixão em que se acode,
Sua força, contra o nosso peito, nada pode;
Que apenas nossa vontade nos convém,
E somente o que se nos pede, se obtém;
E que a liberdade, com que nos honramos,
Não mais torna às mãos de quem já aferramos!

Mulheres, não creiais que é só isso por ora:
Em geral, o bem-estar se eclipsa na aurora;
E a esperança, que hoje o amor vos trará,
Com o amor, apesar de vós, vanescerá.
Pois, aos homens, por nossa convicção, mostremos
Tudo o que nós somos e tudo o que podemos!
Eles nos querem obrigar a contemplá-los;
Pois bem, deles nos vinguemos no imitá-los.
A ciência e a arte, que eles nos interditam,
Fonte de regozijos que os imortalizam.
Vinde, mulheres, mostrai à posteridade,
Que outrossim nos é fonte de imortalidade!
Já mais de uma mulher, no arrostar o querer,
Ao risco da glória dispôs o seu viver;
Mais de uma, no pundonor de sua virtude,
Pelo seu sexo lutou com solicitude.
Ei! Donde vem a nossa vil temeridade?
No fogo que nos devora, alguma utilidade?
E o nosso peito, que um deus faz incendiar,
Deveria secretamente se consumar?
Trazemos à face, em letras incandescentes:
*O homem é senhor, a mulher, subserviente?*
Um súbito segredo nos vem alertar
Quando é preciso admirar, quando acatar?
A natureza, pois, aos seres que ela oprime,
A íntima emoção de revés ela exprime:

O cordeiro pressente no lobo a morte,
O pássaro, no bico do abutre, sua sorte....
Digamos: o homem braveja, em tom herege,
Ao ter a par aquela que ele protege;
Por não nos considerar um ser parelho,
Sua voz desde o berço nos condena ao erro;
Menos forte por si do que por nossa insciência,
Ele se engrandece de nossa insuficiência,
E, por sob um falso ar de respeito afetado,
Ele só admira o nosso ser nulificado.

Escutemos, pois, o que nos diz o sapiente:
"Mulher, falas sobre escravidão realmente?
Tu que com o olhar a todos nós alienas!
Tu que todos os homens aos teus pés algemas!
Teus encantos, teus lamentos e mimos pérfidos,
Ah! Tens precisão de mais meios supérfluos?
Tu nos tiranizas, que mais queres em excesso?"
Que mais queremos? Um poder legitimado.
A astúcia é recurso de um ser avexado.
Não mais nos force a indignas obrigações;
Se tivermos lugar, terás menos senões.
Pudera! Nosso orgulho vos atemoriza:
Decerto, a submissão do tirano o escraviza.
Mas este cruel modo de vingança, ai!
Custa-nos lágrimas que não vedes jamais.
Que a paz ao nosso coração seja ofertada:
A vereda das artes está escancarada;
Ousemos aí entrar. Ah! Quem há de impedir
O saber a arte a quem a pode sentir?

Mas, mil vozes a nossa audácia rechaçam;
Indignam-se, recriminam e ameaçam;
A pluma e o pincel nos querem arrancar;
Contra nós, só belos cantos e o palrar;
Uns nos vêm, com ironia, de modo estouvado,
Recitar, de Molière, versos alterados;
Outros, vazios, pelo meio, e por inveja,

Escarnecem: *há quem lava roupa por ela*.
Jovens não há muito saídos do colégio,
Discutem nossos direitos, seus privilégios;
E as sentenças ditadas por frivolidade,
Por moda, por ignorância e fatuidade,
Reditas de ouvido por imberbes juízes,
Depois de algum tempo tornam-se diretrizes.
Em vão o homem de bem que nos defende
Contra eles, em sua justiça, ressoa altamente,
Mostra-lhes a força de nossos corações,
Os lauréis de todas as nossas gerações;
Que se pode unir dom, virtude e modéstia;
Que Vênus era tão mulher quanto Minerva:
Nada pode reaviar a turba que delira;
O homem cala-se, olha-nos e suspira.
Oh, deuses! Que ele lamente e bem mais suspire
Ao ver o quanto o vil abuso nos aflige!
E, de nossa alma, a vontade de distração
Desbaratar-se na chama da contrição;
Ao ver estes arroubos, que a arte herdarão,
Lesarem, no mundo perverso, a sua razão;
E, sobre a face tenra, a licença funesta
Suceder os lauréis da virtude modesta!
Ah, desviemos o olhar deste atroz dossel!
Ó Mulheres! Retomai a pluma e o pincel.
Deixai o moralista, em seu tolo palrar,
Restringir nosso dom ao dom de o agradar.
Deixai este aflito, brandindo termos pérfidos,
Exaltar-nos os olhos e detrair o sexo;
Deixai o anatomista, cego em sua ciência,
De uma fibra, com arte, aferir a potência,
E inferir sem apelo, o quanto puder,
Que lhe deve eterno respeito a sua mulher.
A natura tem leis que ele próprio ignora:
O peso de qualquer sistema não a dobra;
Nas mãos da fraqueza ela coloca um valor;
Na face do soberbo ela imprime pavor;

Desdenhando os termos de sexo e parecença,
Pesa em sua amplidão os dons que ela dispensa.

Mas que novo arroubo! Que mudança num átimo!
Cheio de emoção, o homem aparece rápido;
E nos grita: “Mulheres, sois mãe, o que há?!
Parai e alheai-vos de todo o prazer já;
Do estudo e das artes, a voluptuosidade
Tornar-se-ia um embuste à maternidade!”
Ó natura, ó dever, por que não vos saber?
O ingrato é cego ou dissimula isso ser?
Não vê ele que nestes primeiros momentos
Em que o céu nos concede os nossos rebentos,
De todo aplicadas às carências da infância,
Nada, senão eles, ocupam nossa anima?
O homem finge não ver que desejos novos
Tão logo nos impõe mais cuidados gloriosos?
E que para uma infância tímida dirigir,
É preciso ser guia e modelo do porvir?
Estes vãos oradores estão esquecidos
De que, informadas, esclarecemos os filhos?
Ei! Que mestre mais vale que uma mãe instruída?
Um pedagogo inflado de mérito em vida,
Um preceptor ávido, triste e não afeito?
Os jovens terão dotes, mas algo no peito?
Quando tu gritas: *Vós todas sois mães, mulheres!*
Cruel! Que todos os homens são pais esqueces;
Que os cuidados entre ambos são partilhados;
E que, por tua criança, os dois são agraciados;
Que depois de formada sua primeira essência,
Deves, mais que nós, cuidar de sua existência?
Ah! Se fosse possível (E já foi por vezes?)
Que uma mãe brevemente estes prós suspendesse,
Um berro de sua criança, na alma enternecida,
Logo revelaria a natureza adormecida.
Mas o homem, afetado por tantas paixões,
Curvado sob o peso de suas dissensões,
Apesar dele e de nós, a cada passo olvida

Que ele deve seu peito a quem lhe deve a vida,
Que dos deveres paternais, de um vão sermão,
Os estéreis lampejos não se afastarão.

Insensatos! Quereis uma mulher insciente;
Bem, que seja! Tomais a esposa por servente:
Vede-a, adequando as lições a seu gosto,
Criar as crianças para ela, e não o oposto;
E quando pelo mundo forem julgadas hábeis,
Vereis nelas as marcas, da mãe, inapagáveis;
Ao sábio, ao forâneo, e aos vossos amigos,
Acanhais-vos de mostrar vossa esposa e filhos;
Na difusão de um coração enternecido,
Que a ninguém vos façais compreendidos;
Passai alhures os vossos dias, esquecidos;
Desafeitos convosco, tê-lo-eis merecido!

Passemos agora àquele de alma espessa,
Que busca em sua amante um ser que o entenda;
Vejamos ambos unirem a seu favor
O charme dos talentos ao charme do amor.
Este homem é feliz no seio de sua família!
Quer ensinar-artes tanto ao filho ou à filha;
Escutando a natura antes de a julgar,
Ele a tenta enobrecer e não ultrajar.
Pois, nele a humanidade não entrava;
O homem não é tirano, nem a mulher, escrava,
E o gênio pacato que está acima deles,
Sobre a desigualdade decide entre eles.
Ó tempos idos de minha infância feliz!
É assim que meu peito vos pode sentir;
É destarte que em meu seio soubestes gravar
O imutável direito que ouso reclamar.
Um pai generoso, que amplificou meu ser,
Ensinou-se sempre o que eu poderia ser;
O ser mulher estampado na minha fronte,
Foi-lhe uma honra e não motivo de afronte.
Oh, tu, que me aguça com esta pura flama,

Deste lugar de paz, em que repousa tua anima,
Cobre o meu labor com olhar enternecido,
Louva meus arroubos, de peito agradecido!

Não penseis vós, portanto, esposas, mães e filhas,
Que quero pôr a discórdia em vossas famílias,
Com ardor revoltoso, vossa alma abrasar,
E aquelas leis que eu mesma sigo solapar.
A dos laços sacros e de nobres algemas;
A dos doces prazeres e mais doces penas;
Esta feliz troca de atenções entre esposos
Faz o bem mútuo e o encantamento de todos.
É a ordem que me enfurece, e não a reza;
Àquela que uma alma altiva e briosa objeta;
Mas, ceder à voz de um generoso amigo,
É obrigar-se e, mais que ele, gozar com isso.
Não penseis também que, em minha verve indiscreta,
Gritarei aos ventos: *Sede pintora ou poeta*.
Eu sei que avara em dar mercês é a Natura,
Que pouco nos dá aptidão veraz e pura;
Mas alguém que retém crítica ou desejo,
Sente no fundo do peito o germe do gênio;
Aí que meu verso, de gênero vencedor,
Traz, contra tudo, um arroubo criador.
E se, na minha voz inflamada, por sorte,
Outra mulher procurasse apenas renome,
Deve-se-lhe por tais palavras afrontosas?
O homem tem sempre êxito em suas obras?
Não é melhor, de ardente juventude, talvez,
Seduzir por talentos a perigosa ebriez,
Do que condená-la ao infame prazer
De um vão ajustamento lhe proscrever?
Sim, o estudo é-nos um essencial prazer:
Aprende-se a julgar se se aprende a fazer;
E o espírito em se iluminando se enobrece,
E é contra a ignorância que arder ele deve.
Eu mesma, ousando facear o revés da cena,
Cheguei à meta donde minha mão vos acena;

Eu mesma, lembrando de Safo os prantos,
Segui suas lições e fiz de suas dores, cantos;
Eu mesma vi ao meu lado a inveja sombria,
Sobre os meus alegres dias levar a mão ímpia....
Ah! Por que me atentam estes inflados seres?
Minha alegria é minha, seus senões são deles.
Que eu digo? Eles me serviram, mais do que alvíssaras.
Estes risos, termos picantes e estranhas críticas,
Esclarecendo-me sobre os meus vãos avanços,
Restringem meus erros, bem mais que o meu descanso.

Ó mulheres, que queimam do ardor que me anima,
Deixai de abafar o arroubo que se legitima;
Os homens em vão discutem o nosso gosto:
Não podem julgar o que se passa conosco.
Que eles cuidem do Estado, e o livrem de assédio,
Deixemos a eles este nobre privilégio;
Deixemos a eles o preço do aporte;
Mas a arte é de todos, assim como a sorte.

Paris, 1797.

## A UM CRÍTICO MALSÃO

Malsão! Por minha indulgência
Encorajar a tua insolência,
Ousas me afrontar sem razão.
Saibas que o desprezo perdoa,
Pois eu sou uma mulher boa,
Porém uma boa mulher, não.

**SOBRE DUAS MULHERES**

Com a gélida Aminta, com a falsa Hortência,
Quem viveria por tempos sem perder o espírito?
Uma não fala jamais daquilo que pensa,
A outra jamais pensa no que sobre ela é dito.

**A COQUETE**

Da natureza benfazeja,
Egle recebeu muitos dotes;
Espírito tocante, fineza,
Bom senso, júbilo, ar nobre;
Muito admira a sua figura,
Seduz o olhar em sua face;
Mas ela sabe, à força d'arte,
Gastar os dons da natura.

Seu porte é leve e airoso,
Um corpo constritor o acossa;
Reluz em rosa o belo rosto,
Um fardo impostor o embota;
O calçado impede a andadura,
Outro cabelo esconde o seu,
Oh, que empenho e cuidado, deuses!
Em desfigurar a natura!

Sua atitude é composta,
Sua roupa lhe cobre os traços;
Se junto a vós ela se posta,
É para alcançar mais espaço.
Para distender sua figura,
Leva os olhos ao plano astral,
E o ar que ela crê natural,
É oposto ao da natura.

Ela canta? Sua voz sonora
Ofende pelo enorme rasgo;
Ela dança? Uma Terpsícora...
Mas calculando o menor passo:
De sensibilidade pura
Ela ama gabar o tormento,
Mas é sempre com afetação
Que ela fala da natura.

Doce, boa, tanto quanto bela,
É má, mas gera aceitação;
Ela exclama, ela se eleva,
Para granjear atenção;
Beleza, talento, leitura,
Tudo nela brilha e desagrada:
Ah! Para agradar há um só segredo,
E é aquele da natura!

# Às amigas
## Mariquita Sánchez

**O texto:** Com o humor-crítico e a análise sob uma ótica perspicaz que lhe é peculiar no ato da escrita, Mariquita Sánchez, que não era poetisa nem escritora oficialmente, descreve em versos os acontecimentos da sociedade portenha do século XIX às suas amigas María Josefa del Pino e Candelaria Somellera de Espinosa. No primeiro poema, narra o assassinato de Rivadavia pelas mãos dos jovens garotos do Sarmento; no segundo, descreve como a sociedade local mudou seus costumes, discorrendo sobre a posição do homem em detrimento à da mulher e a diferença no sistema educacional argentino. Como a maior parte de seus escritos era destinada a amigos, estes dois poemas conformam os poucos dedicados às suas amigas, que traduzem os sentimentos e a visão sociopolítica que Mariquita tinha do período que vivera.

**Texto traduzido:** Sánchez de Thompson, Mariquita. I*ntimidad y Política: diario, cartas y recuerdos*. Selección, notas y estudio preliminar de María Gabriela Mizraje. Buenos Aires: Adriana Hidalgo, 2003.

**A autora:** Mariquita Sánchez (1786-1868), ativista social e política argentina, nasceu na antiga província de Buenos Aires. Considerada a "mãe da pátria" por ter atuado de forma ardorosa para a emancipação de seu país, há relatos de que o hino nacional argentino fora cantado pela primeira vez na sala de sua casa, onde realizava tertúlias, tocava harpa e lia seus escritos. Deixou centenas de cartas para seus filhos, netos, marido e amigos, estes últimos atuantes na cena política do país. Suas missivas são um misto de fervor patriótico, articulação política, preocupações familiares e discussão sobre temas pertinentes à causa das mulheres.

**O tradutor:** Claudio Luiz da Silva Oliveira é professor assistente da UFAC, na área de Língua e Literatura Espanhola. Doutorando em Estudos da Tradução pela UFSC, realiza pesquisa sobre Mariquita Sánchez e traduz pela primeira vez suas cartas ao português brasileiro. Desenvolve estudos nas áreas de língua, literatura e tradução em língua espanhola.

“Este combate naval em que se afogam as meninas por não poder respirar.”

“Este combate naval en que se ahogan las niñas por no poder respirar.”

# A LAS AMIGAS

*"Se muere el amor, amiga,*
*Y se muere la amistad!"*

MARIQUITA SÁNCHEZ

## CARTA POEMA A PEPA

¿Qué dices, amiga mía,
del triste acontecimiento
de matar a Rivadavia
los muchachos de Sarmiento?

¿Te figuras, Pepa mía,
a nuestro gran fundador
en pedazos por el suelo
entre esa turba feroz?

¡Y con la Escuela Modelo
y con la gran procesión
y acabar por enterrarnos
a nuestro pobre Panzón!

*Entre muchachos te veas*
es refrán o maldición
y lo vemos realizado
en esta triste ocasión.

**CARTA POEMA A CANDELARIA SOMELLERA ESPINOSA**

Tú te quejas, pobre amiga,
De tu triste soledad
Y yo quiero convencerte
Que te debes consolar.
¿Has pensado que ahora existe
Nuestra antigua sociedad,
Donde todo era cariño,
Dulzura, amabilidad;
Donde todos a porfía
Le querían tributar
Culto fino y delicado
A la divina amistad;
En donde cada señora
Era una divinidad
Y el respeto y el cariño
Se sabían hermanar;
Donde encontrabas amigos,
Consecuencia y lealtad?
No, mi amiga, ya no existe
Esa dulce amenidad
Y lo que ahora se encuentra
Yo te lo voy a contar.
Los hombres, muy ocupados,
No quieren ya conversar;
En vano buscar asuntos,
A nada responderán.
Un sí, un no, un por supuesto,
Es cuanto puedes sacar;
Y bien pronto te apercibes
De que no quieren hablar.
Y ¿qué hacen estos mudos?
Ahora preguntarás.
¡Oh! ¿Qué hacen? Aburrirse,
Fastidiarse y bostezar.
Ya sabes que ahora es la moda
Todas las mesas llenar

De frasquitos y juguetes
Para tener que limpiar.
Pero éste es un gran recurso
Para poder arañar
Los muebles y hacerte un ruido
Que te hace desesperar.
Mirando que rompen todo,
Distraídos y sin pensar,
Para evitarte un ahogo
Los convidas a bailar.
¡Ay, amiga! Si ahora vieras
Este combate naval
En que se ahogan las niñas
Por no poder respirar.
Y se ponen tan cerquita
Que, si por casualidad,
Se rompieran sus vestidos...
No se podría mirar.
Éste es un baile a lo Congo,
A saltitos y a compás,
Es un candombe de blancos
Que no puedes tú pensar.
Un baile desaforado
Sin gracia ni dignidad
Para darse unos abrazos
Que te harían asustar.
Los vestidos se usan largos
Y es garboso y esencial
Que se rompan a tirones
Como por casualidad.
Y se tomen los pedazos
Los señores, con afán,
Y se los pongan al brazo
Para poder continuar.
¿Y las niñas, me preguntas,
No se las ve sonrojar?
Tienen que cerrar los ojos
Y en el hombro descansar.

Se concluye esta fatiga
Y se pone a conversar
Cada uno con su pareja
¡Esto es el juicio final!
Todos son celos y quejas,
Pelea descomunal,
Y los más lindos amores
Veo en el baile enterrar.
Ya ves, pues, amiga mía,
Que no tienes que envidiar
A la bella juventud
Que nos viene a reemplazar
Y si tienes tentaciones
De volver a comenzar
La vida, piensa el trabajo
Que tendrías que arrostrar.
Nosotros sólo sabíamos
Ir a oír misa y rezar,
Componer nuestros vestidos
Y zurcir y remendar.
Pero ahora ¡si tú vieras
Lo que se debe enseñar!
Diez maestros a cada hora
Sin dejarlos descansar:
Inglés, francés, italiano,
Dibujo, canto o tirar
La pistola o el florete
Y hasta el coche manejar.
Se enseñan las matemáticas,
También hay necesidad
De historia y de geografía
Y no sé qué cosas más.
Y todos estos primores
nadie lo sospechará
Que los saben los niñitos...
Porque no quieren hablar.
Tan mudas están como ellos.
¡Se muere la sociedad

Se muere el amor, amiga,
Y se muere la amistad!

# Às amigas

*"O amor morre, amiga,*
*E morre a amizade!"*

MARIQUITA SÁNCHEZ

**CARTA POEMA PARA PEPA**

O que me dizes, amiga minha,
do triste acontecimento
de matar o Rivadavia
os garotos do Sarmento?

O que achas, Pepa minha,
do nosso grande fundador
despedaçado pelo chão
entre essa turba feroz?

E com a Escola Modelo
e com a grande procissão
e acabamos enterrando
o nosso pobre Pançudão!

*Entre garotos, vês*
é provérbio ou maldição
e vemos isso feito
nesta triste ocasião.

**CARTA POEMA PARA CANDELARIA SOMELLERA ESPINOSA**

Tu te queixas, pobre amiga,
De tua triste solidão
E quero convencer-te
Que deves te consolar.
Já pensaste que agora existe
Na nossa antiga sociedade,
Onde tudo era amor,
Doçura, amabilidade;
Onde todos com empenho
Queriam tributar
Culto fino e delicado
À divina amizade;
Onde cada senhora
Era uma divindade
E o respeito e o carinho
Sabiam irmanar;
Onde encontravas amigos,
Consequência e lealdade?
Não, minha amiga, já não existe
Essa doce amenidade
E o que se encontra agora
Eu vou te contar.
Os homens, muito ocupados,
Já não querem conversar;
É em vão buscar assuntos,
A nada responderão.
Um sim, um não, um certamente,
É o máximo que podes tirar;
E logo percebes
Que não querem falar.
E o que fazem estes mudos?
Agora perguntarás.
Oh! O que fazem? Aborrecer-se
Entediar-se e bocejar.
Já sabes que agora é moda
Todas as mesas encher

De frasquinhos e brinquedos
Para ter que limpar.
Mas esta é uma grande ocasião
Para poder arranhar
Os móveis e fazer barulho
Que te fazem desesperar.
Vendo que quebram tudo,
Distraídos e sem pensar,
Para evitares um sufoco
Convida-os para dançar.
Ah, amiga! Se agora visses
Este combate naval
Em que se afogam as meninas
Por não poder respirar.
E se colocam tão pertinho
Que, se por casualidade,
Seus vestidos se rasgassem...
Não seria possível olhar.
Esta é uma dança do Congo,
Com saltos e ritmo,
É um candombe[1] de brancos
Que tu não podes imaginar.
Uma dança desaforada
Sem graça nem dignidade
Para dar uns abraços
Que te fariam assustar.
Os vestidos são largos
E é gracioso e essencial
Que se rompam em tiras
Como que por casualidade.
E que peguem os pedaços
Os senhores, com afã,
E os coloquem no braço
Para poder continuar.
E as meninas, me perguntas,
Ninguém as vê corar?
Têm que fechar os olhos

[1] Dança com atabaques originária da América do Sul, de raízes africanas, patrimônio cultural da Unesco. (n.t.)

E no ombro descansar.
Se acaba esta fadiga
E se põe a conversar
Cada um com seu par
Isto é o juízo final!
É tudo ciúmes e queixas,
Luta descomunal,
E os mais lindos amores,
Vejo nesta dança enterrar.
Pois, vês, amiga minha,
Que não tens que invejar
A bela juventude
Que nos substituirá
E se tens tentações
De voltar a começar
A vida, pense no trabalho
Que terias que enfrentar.
Nós só sabíamos
Ir à missa e rezar,
Arrumar nossos vestidos
E cerzir e remendar.
Mas agora se tu visses
O que se deve ensinar!
Dez professores a cada hora
Sem deixá-los descansar:
Inglês, francês, italiano,
Desenho, canto ou atirar
A pistola ou o florete
E até a carruagem manejar.
Se ensinam as matemáticas,
Também há necessidade
De história e geografia
E não sei que coisas mais.
E todos estes primores
Ninguém suspeitará
Que sabem os pequeninos...
Porque não querem falar.
Tão mudas estão como eles.

A sociedade morre
O amor morre, amiga,
E morre a amizade!

# Apostasia
## Charlotte Brontë

**O texto:** Originalmente publicada pela Aylott and Jones, em 1846, a primeira edição de *Poems* foi lançada sob os pseudônimos masculinos de Currer, Ellis e Acton Bell, respectivamente, Charlotte, Emily e Anne Brontë, em uma época que a sociedade não aceitava que as mulheres seguissem carreiras literárias. No entanto, apenas em sua segunda edição, editada por Charlotte Brontë, após a morte de suas irmãs Emily e Anne, que *Poems* obteve sucesso. Os poemas aqui traduzidos, com autoria de Charlotte, "The Wife's Will.", "The Wood.", "Regret." e "Apostasy.", retratam a história e os sentimentos de uma esposa que decide acompanhar seu marido em exílio, ao final de cuja jornada ela decreta qual é a sua verdadeira religião.

**Texto traduzido:** Brontë, Charlotte. *Poems by Currer, Ellis, and Acton Bell*. London: Aylott and Jones, 1846.

**A autora:** Charlotte Brontë (1816-1855), poeta e romancista inglesa do período Vitoriano, nasceu em Thornton, Reino Unido. Foi a mais velha entre as três irmãs Brontë a chegar à idade adulta. Publicou seu primeiro livro de poesias em 1846, sob o pseudônimo de Currer Bell, firmando-se como romancista após o lançamento de sua obra mais conhecida, o romance de formação *Jane Eyre*, que se tornou um clássico da literatura e um marco do gênero Bildungsroman. Já sua obra poética, condensada em um único livro, *Poems by Currer, Ellis, and Acton Bell* (1846), representa os moldes da era vitoriana, materializando-se como monólogos dramáticos e longos poemas narrativos.

**O tradutor:** Cílio Lindemberg de Araújo Santos, tradutor, escritor e poeta, é graduado em Letras Inglês pela UEPB. Para a (n.t.) traduziu Mary E. Wilkins Freeman e Olivia Howard Dunbar.

"Nem a Morte abalará, nem o Sacerdócio quebrará minha constância de rocha!"

"Not Death shall shake, nor Priestcraft break my rock-like constancy!."

# Apostasy

*"'Tis my religion thus to love,*
*My creed thus fixed to be."*

CHARLOTTE BRONTË

**THE WIFE'S WILL.**

Sit still – a word – a breath may break
(As light airs stir a sleeping lake,)
The glassy calm that soothes my woes,
The sweet, the deep, the full repose.
O leave me not! for ever be
Thus, more than life itself to me!

Yes, close beside thee, let me kneel –
Give me thy hand that I may feel
The friend so true – so tried – so dear,
My heart's own chosen – indeed is near;
And check me not – this hour divine
Belongs to me – is fully mine.

'Tis thy own hearth thou sitt'st beside,
After long absence – wandering wide;
'Tis thy own wife reads in thine eyes,
A promise clear of stormless skies,
For faith and true love light the rays,
Which shine responsive to her gaze.

Aye, – well that single tear may fall;
Ten thousand might mine eyes recall,
Which from their lids, ran blinding fast,
In hours of grief, yet scarcely past,
Well may'st thou speak of love to me;
For, oh! most truly – I love thee!

Yet smile – for we are happy now.
Whence, then, that sadness on thy brow?
What say'st thou? "We must once again,
Ere long, be severed by the main?"
I knew not this – I deemed no more,
Thy step would err from Britain's shore.

"Duty commands?" 'Tis true – 'tis just;
Thy slightest word I wholly trust,
Nor by request, nor faintest sigh
Would I, to turn thy purpose, try;
But, William – hear my solemn vow –
Hear and confirm! – with thee I go.

"Distance and suffering," did'st thou say?
"Danger by night, and toil by day?"
Oh, idle words, and vain are these;
Hear me! I cross with thee the seas.
Such risk as thou must meet and dare,
I – thy true wife – will duly share.

Passive, at home, I will not pine;
Thy toils – thy perils, shall be mine;
Grant this – and be hereafter paid
By a warm heart's devoted aid:
'Tis granted – with that yielding kiss,
Entered my soul unmingled bliss.

Thanks, William – thanks! thy love has joy,
Pure – undefiled with base alloy;
'Tis not a passion, false and blind,

Inspires, enchains, absorbs my mind;
Worthy, I feel, art thou to be
Loved with my perfect energy.

This evening, now, shall sweetly flow,
Lit by our clear fire's happy glow;
And parting's peace-embittering fear,
Is warned, our hearts to come not near;
For fate admits my soul's decree,
In bliss or bale – to go with thee!

**THE WOOD.**

But two miles more, and then we rest!
Well, there is still an hour of day,
And long the brightness of the West
Will light us on our devious way;
Sit then, awhile, here in this wood –
So total is the solitude,
   We safely may delay.

These massive roots afford a seat,
Which seems for weary travellers made.
There rest. The air is soft and sweet
In this sequestered forest glade,
And there are scents of flowers around,
The evening dew draws from the ground;
   How soothingly they spread!

Yes; I was tired, but not at heart;
No – that beats full of sweet content,
For now I have my natural part
Of action with adventure blent;
Cast forth on the wide vorld with thee,
And all my once waste energy
   To weighty purpose bent.

Yet – say'st thou, spies around us roam,
Our aims are termed conspiracy?
Haply, no more our English home
An anchorage for us may be?
That there is risk our mutual blood
May redden in some lonely wood
   The knife of treachery?

Say'st thou – that where we lodge each night,
In each lone farm, or lonelier hall
Of Norman Peer – ere morning light
Suspicion must as duly fall,

As day returns – such vigilance
Presides and watches over France,
   Such rigour governs all?

I fear not, William; dost thou fear?
So that the knife does not divide,
It may be ever hovering near:
I could not tremble at thy side,
And strenuous love – like mine for thee –
Is buckler strong, 'gainst treachery,
   And turns its stab aside.

I am resolved that thou shalt learn
To trust my strength as I trust thine;
I am resolved our souls shall burn,
With equal, steady, mingling shine;
Part of the field is conquered now,
Our lives in the same channel flow,
   Along the self-same line;

And while no groaning storm is heard,
Thou seem'st content it should be so,
But soon as comes a warning word
Of danger – straight thine anxious brow
Bends over me a mournful shade,
As doubting if my powers are made
   To ford the floods of woe.

Know, then it is my spirit swells,
And drinks, with eager joy, the air
Of freedom – where at last it dwells,
Chartered, a common task to share
With thee, and then it stirs alert,
And pants to learn what menaced hurt
   Demands for thee its care.

Remember, I have crossed the deep,
And stood with thee on deck, to gaze

On waves that rose in threatening heap,
While stagnant lay a heavy haze,
Dimly confusing sea with sky,
And baffling, even, the pilot's eye,
   Intent to thread the maze –

Of rocks, on Bretagne's dangerous coast,
And find a way to steer our band
To the one point obscure, which lost,
Flung us, as victims, on the strand; –
All, elsewhere, gleamed the Gallic sword,
And not a wherry could be moored
   Along the guarded land.

I feared not then – I fear not now;
The interest of each stirring scene
Wakes a new sense, a welcome glow,
In every nerve and bounding vein;
Alike on turbid Channel sea,
Or in still wood of Normandy,
   I feel as born again.

The rain descended that wild morn
When, anchoring in the cove at last,
Our band, all weary and forlorn,
Ashore, like wave-worn sailors, cast –
Sought for a sheltering roof in vain,
And scarce could scanty food obtain
   To break their morning fast.

Thou didst thy crust with me divide,
Thou didst thy cloak around me fold;
And, sitting silent by thy side,
I ate the bread in peace untold:
Given kindly from thy hand, 'twas sweet
As costly fare or princely treat
   On royal plate of gold.

Sharp blew the sleet upon my face,
And, rising wild, the gusty wind
Drove on those thundering waves apace,
Our crew so late had left behind;
But, spite of frozen shower and storm,
So close to thee, my heart beat warm,
   And tranquil slept my mind.

So now – nor foot-sore nor opprest
With walking all this August day,
I taste a heaven in this brief rest,
This gipsy-halt beside the way.
England's wild flowers are fair to view,
Like balm is England's summer dew,
   Like gold her sunset ray.

But the white violets, growing here,
Are sweeter than I yet have seen,
And ne'er did dew so pure and clear
Distil on forest mosses green,
As now, called forth by summer heat,
Perfumes our cool and fresh retreat –
   These fragrant limes between.

That sunset! Look beneath the boughs,
Over the copse – beyond the hills;
How soft, yet deep and warm it glows,
And heaven with rich suffusion fills;
With hues where still the opal's tint,
Its gleam of poisoned fire is blent,
   Where flame through azure thrills!

Depart we now – for fast will fade
That solemn splendour of decline,
And deep must be the after-shade
As stars alone to-night will shine;
No moon is destined – pale – to gaze

On such a day’s vast Phoenix blaze,
   A day in fires decayed!

There – hand-in-hand we tread again
The mazes of this varying wood,
And soon, amid a cultured plain,
Girt in with fertile solitude,
We shall our resting-place descry,
Marked by one roof-tree, towering high
   Above a farm-stead rude.

Refreshed, erelong, with rustic fare,
We'll seek a couch of dreamless ease;
Courage will guard thy heart from fear,
And Love give mine divinest peace:
To-morrow brings more dangerous toil,
And through its conflict and turmoil
   We'll pass, as God shall please.

[The preceding composition refers, doubtless, to the scenes acted in France during the last year of the Consulate.]

**REGRET.**

Long ago I wished to leave
"The house where I was born;"
Long ago I used to grieve,
My home seemed so forlorn.
In other years, its silent rooms
Were filled with haunting fears;
Now, their very memory comes
O'ercharged with tender tears.

Life and marriage I have known,
Things once deemed so bright;
Now, how utterly is flown
Every ray of light!
'Mid the unknown sea of life
I no blest isle have found;
At last, through all its wild wave's strife,
My bark is homeward bound.

Farewell, dark and rolling deep!
Farewell, foreign shore!
Open, in unclouded sweep,
Thou glorious realm before!
Yet, though I had safely pass'd
That weary, vexed main,
One loved voice, through surge and blast,
Could call me back again.

Though the soul's bright morning rose
O'er Paradise for me,
William! even from Heaven's repose
I'd turn, invoked by thee!
Storm nor surge should e'er arrest
My soul, exulting then:
All my heaven was once thy breast,
Would it were mine again!

**APOSTASY.**

This last denial of my faith,
  Thou, solemn Priest, hast heard;
And, though upon my bed of death,
  I call not back a word.
Point not to thy Madonna, Priest, –
  Thy sightless saint of stone;
She cannot, from this burning breast,
  Wring one repentant moan.

Thou say’st, that when a sinless child,
  I duly bent the knee,
And prayed to what in marble smiled
  Cold, lifeless, mute, on me.
I did. But listen! Children spring
  Full soon to riper youth;
And, for Love’s vow and Wedlock’s ring,
  I sold my early truth.

‘Twas not a grey, bare head, like thine,
  Bent o’er me, when I said,
“That land and God and Faith are mine,
  For which thy fathers bled.”
I see thee not, my eyes are dim;
  But, well I hear thee say,
“O daughter, cease to think of him
  Who led thy soul astray.

Between you lies both space and time;
  Let leagues and years prevail
To turn thee from the path of crime,
  Back to the Church’s pale.”
And, did I need that thou shouldst tell
  What mighty barriers rise
To part me from that dungeon-cell,
  Where my loved Walter lies?

And, did I need that thou shouldst taunt
My dying hour at last,
By bidding this worn spirit pant
No more for what is past?
Priest – must I cease to think of him?
How hollow rings that word!
Can time, can tears, can distance dim
The memory of my lord?

I said before, I saw not thee,
Because, an hour agone,
Over my eye-balls, heavily,
The lids fell down like stone.
But still my spirit's inward sight
Beholds his image beam
As fixed, as clear, as burning bright,
As some red planet's gleam.

Talk not of thy Last Sacrament,
Tell not thy beads for me;
Both rite and prayer are vainly spent,
As dews upon the sea.
Speak not one word of Heaven above,
Rave not of Hell's alarms;
Give me but back my Walter's love,
Restore me to his arms!

Then will the bliss of Heaven be won;
Then will Hell shrink away,
As I have seen night's terrors shun
The conquering steps of day.
'Tis my religion thus to love,
My creed thus fixed to be;
Not Death shall shake, nor Priestcraft break
My rock-like constancy!

Now go; for at the door there waits
Another stranger guest:

He calls – I come – my pulse scarce beats,
  My heart fails in my breast.
Again that voice – how far away,
  How dreary sounds that tone!
And I, methinks, am gone astray
  In trackless wastes and lone.

I fain would rest a little while:
  Where can I find a stay,
Till dawn upon the hills shall smile,
  And show some trodden way?
"I come! I come!" in haste she said,
  "'Twas Walter's voice I heard!"
Then up she sprang – but fell back, dead,
  His name her latest word.

# APOSTASIA

*"É a minha religião, portanto, amar,*
*Meu credo fixado, assim, para atuar."*

CHARLOTTE BRONTË

**O TESTAMENTO DA ESPOSA**

Aquieta-te – uma palavra – um sopro e terias rompido
(Como ares leves agitam um lago adormecido)
A calma vítrea que abranda meu pesar,
O doce, o profundo, o pleno descansar.
Ó, não me deixes! para sempre sê assim
Muito mais do que a própria vida em si para mim!

Sim, deixa-me ajoelhar perto de ti –
Dá-me a tua mão, para eu poder sentir
Que o amigo tão veraz – tão julgado – tão amado,
O escolhido de meu coração – de fato, é chegado;
E não ouses me proibir – esta ocasião divinal
Pertence só a mim – é minha de maneira total.

Ao lado de teu próprio lar é que tu estás sentado,
Após uma longa ausência – errante por todo lado;
Isto a tua própria esposa percebe em tua visão
Uma clara promessa de céus sem tempestade;
Pois a fé e o amor verdadeiro acendem os raios
Que em resposta resplandecem sobre seus olhos.

É, – essa única lágrima já pode despencar;
Dez mil, para que façam meus olhos se lembrar,
Que de suas pálpebras escorreu tendo ofuscado,
Em momentos de tristeza, quase nem passado,
Bem, então, que de amor fala-me;
Pois eu, ó, sinceramente – amo-te!

Mas, sorri – pois agora estamos felizes. Donde,
Então, vem essa tristeza que marca tua fronte?
O que disseste? "Nós devemos novamente,
Logo, ser separados pelo continente!"
Disso eu não sabia – e essa ideia me era estranha
Teus passos errariam longe da Grã-Bretanha.

"Obrigações imperativas!" É justo – é verdade;
Tua menor palavra me é sinal de fiabilidade,
Nem a pedido, nem ao mais fraco suspirar,
Eu ousaria tentar teu propósito contestar;
Mas, William, ouve meu voto solene –
Ouve e confirma! – contigo, vou-me!

Tu disseste: "distância e agonia"?
"Perigo à noite, e labuta de dia?"
Ó, não uses inúteis palavras vãs comigo;
Ouve-me! Porquanto cruzarei os mares contigo.
Do risco que deves enfrentar e desafiar,
Eu – tua fiel esposa – vou deveras partilhar.

Passiva, em casa, não definharei;
Tuas labutas – teus perigos terei;
Concede isto – e sê daqui em diante recompensado
Pela devota ajuda de um coração acalorado:
Concedido isto – com esse beijo complacente,
Entrou em minha alma uma felicidade pungente.

Grata, William – grata! Teu amor tem alegria genuína,
Imaculado com liga metalina;
Não é paixão, que, pérfida e insciente,

Estimula, algema, absorve a mente;
Sinto que deves tu ser digno de ser
Amado com o meu perfeito poder.

Agora, esta noite pode suavemente fluir; declaro,
Acesa pelo brilho alegre do nosso fogo claro;
E o medo que amargura a paz de despedida,
Informa-nos ao coração a hora da partida;
Pois o destino admite o decreto de minha alma,
Que eu esteja contigo – haja fardo ou haja calma!

**O BOSQUE**

Mais duas milhas, e cedemos ao cansaço imponente!
Bem, ainda nos resta uma hora do dia,
E por muito tempo o esplendor desse Poente
Iluminará a nossa tortuosa via;
Senta-te aqui, por um instante, neste bosque, então –
Tão totalmente governado pela solidão,
  Quem não se demoraria?

Essas raízes maciças fornecem um assento,
Que parece ser feito para o viajante cansado.
Descansa nesse lugar. O ar eflui suave e brando
Aqui neste ponto que da floresta é afastado,
E há aromas de flores por toda parte,
Que o orvalho da noitinha extrai do chão;
  Quão calmante é sua propagação!

É; estava eu cansada, mas não no coração;
Não – esse bate cheio de contida ternura,
Pois agora eu tenho meu natural quinhão
Vindo de ação combinada com aventura;
Lançada contigo no mundo vasto,
E toda energia minha tendo gasto
  Para um fim de dobrada apertura.

Mas – tu disseste que espiões vagueiam ao nosso redor,
Nossos objetivos são tidos como conspiração?
Acaso, nem a casa inglesa que nos tem por morador
Pode constituir para nós uma ancoragem mais não?
Que caso exista risco o nosso sangue
Avermelhará nalgum ermo bosque
  A lâmina da traição?

Tu disseste que onde quer que nos hospedemos,
A cada noite, em cada fazenda deserta, ou salão
Mais ermo da Nobreza Normanda – antes da luz
Da manhã, suspeitas certas devidamente cairão?

E no retorno do dia – tal vigilância
É presidida e zelada pela França,
  Esses rigores de tudo tem administração?

Eu não temo nada, William; temes tu?
Com o fim de que a lâmina não se divida,
Pode estar sempre pairando perto:
Eu não estremeceria ao lado de tua vida,
E amor extenuante – como o meu por ti –
Contra traição é como broquel forte,
  Apartando a investida.

Estou decidida que tu terás instrução
Pra confiar em minha força como em tua hei confiado;
Decidida estou que nossas almas queimarão
Com um brilhantismo firme, uniforme e mesclado;
Parte do campo está conquistada no momento atual,
Nossas vidas permanecem fluindo no mesmo canal,
  No decurso do mesmíssimo alinhado;

E enquanto resmungo nenhum de tempestade se ouve,
Tu pareces contente que assim seja então,
Mas tão logo um aviso de perigo expresso chegue –
Endireita tua fronte cheia de inquietação
Inclina-se por cima de mim uma sombra maldita,
Como se duvidasse se minha atribuição é feita
  Para atravessar os dilúvios da aflição.

Sabe, então é meu espírito que dilata,
E bebe, com impaciente contentamento, o ar
Da liberdade – onde ele afinal habita,
Reservado, uma tarefa comum a partilhar
Contigo, e então ele se torna precaução,
E pulsa para aprender o que ameaçou machucar
  Exige para ti sua carecida atenção.

Lembra, foi contigo que atravessei os horizontes,
E fiquei contigo no convés olhando

Ondas temíveis se levantar como montes,
Durante uma névoa estagnada pairando,
Confundindo vagamente o céu e o mar,
Iludindo até mesmo o olho do piloto,
  Resolvido a se embrenhar pelo rochoso –

Labirinto, no grave declive bretão,
E encontrar um meio de conduzir nosso bando
Para um ponto que, desaparecido, e vão,
Como vítimas na praia acabou nos jogando; –
Todos, algures, vislumbraram a espada gaulesa,
Sem ancorar, os botes ficaram na correnteza
  Ao longo da terra protegida.

Nada temi antes – nem agora encontro temor;
O interesse de cada cena instigante
Desperta um novo sentido, um brilho acolhedor,
Em cada nervo e cada veia saltitante;
Como no turvo mar do Canal da Mancha,
Ou no sossegado bosque da Normandia,
  Sinto-me como nascida novamente.

A chuva despencou naquela manhã abespinhada
Quando, na enseada estávamos ancorados afinal,
Nossa caravana, toda exausta e desarrimada
Lançada, como marujos surrados, em terra praial –
Procurou um teto albergador em vão,
Mas só obteve escassa alimentação
  Para quebrar o nosso jejum matinal.

Tuas cascas comigo tu dividiste,
Teu manto a minha volta tu cingiste;
E, ao teu lado, sentada em silêncio,
Comi o pão em paz inexprimível:
Dado gentilmente por tua mão, doce
Como iguaria ou nobre regalo fosse
  Em bandeja de ouro real.

Em meu rosto, o granizo soprou potentemente,
E, agudizando-se, o terrível vento tempestuoso
Impeliu aquelas ondas fulminantes rapidamente,
Por onde nossa tripulação passou não muito tarde;
Mas, apesar do temporal e do aguaceiro álgido,
Tão rente a ti, meu coração bate aquecido,
    E, tranquila, adormeceu minha mente.

Então agora – nem pé dolorido nem sobrecarregado
De tanto ter andado durante todo esse dia de agosto,
Neste breve repouso, do paraíso tenho saboreado,
Esta parada cigana da qual o caminho é composto.
As flores silvestres da Inglaterra são belas de se ver,
Como o bálsamo é o orvalho do verão inglês
    Tal como ouro seu raio de pôr do sol.

Mas as violetas brancas que crescem aqui,
São mais doces do que as que eu já vi,
E nunca o orvalho tão puro e limpo
Destilou em florestas verde-musgo,
Como agora, invitado pelo calor estivo,
Perfuma nosso fresco e resfriado retiro –
    Em meio a essas limas fragrantes.

Por baixo dos galhos, olha o pôr do dia!
Além das colinas – acima do bosque;
Quão suave, mas quente e intenso irradia,
E o céu com rica difusão se preenche;
Com nuanças onde se detém o tom opalino,
Seu fulgor de fogo cativo se funde,
    Onde a chama vibra através do azul!

Partamos agora – pois rápido esmaecerá
Esse solene resplendor de decaimento,
E profunda a sombra consecutiva será
E só as estrelas brilharão neste momento;
Nem a lua – pálida – está destinada a ser olhada

No tal dia como o da grande queima da Fênix,
   Um dia de incêndios decadentes!

Isso, atravessamos de novo de mãos dadas
Os dédalos desse bosque em variação,
E logo, no meio de planícies cultivadas,
Cingidas com produtiva solidão,
Devemos um local de descanso avistar,
Marcado por uma viga mestra muito alta
   Acima de uma fazenda rudimentar.

Refrescados com comidas rústicas, em breve, iremos
Buscar uma cama de intensa tranquilidade;
A coragem guardará teu coração do medo, que temos,
E o Amor proverá ao meu uma paz de divindade:
O amanhã traz perigosa labuta,
E através de sua turbulência e luta
   Passaremos, como Deus quiser.

[A composição anterior se refere, sem dúvida, às cenas representadas na França durante o último ano do Consulado[1].]

---

[1] O Consulado Francês (1799-1804) se estabeleceu a partir de um golpe de estado (Golpe do 18 de Brumário), dado por Napoleão Bonaparte, que o mantinha no poder, e cujo governo restringiu a liberdade de expressão e circulação. A oposição francesa da época, quando não presa, era forçada ao exílio, tal como Brontë comenta. (n.t.)

**REMORSO**

Há muito tempo eu desejei deixar
“A casa na qual à luz me haviam dado”;
Há tempos eu costumava prantear,
Meu lar parecia tão desamparado.
Em outros anos, seus quartos quiescentes
Se ocupavam com medos tenazes;
Agora, sua exata memória vem
Onerada com lágrimas suaves.

Conheci a vida e o casamento.
Coisas antes tão deslumbrantes;
Voaram, de todo, neste momento,
Todos os raios relampejantes!
No ponto mediano das águas desconhecidas
Eu não achei vida em nenhuma ilha abençoada;
Por fim, em toda a luta de suas ondas indômitas,
Meu latido é dirigido à minha morada.

Adeus, abismo escuro e ondulado!
Adeus, terra estrangeira!
Aberto, em alcance desanuviado,
Outrora monarquia altaneira!
Mas, embora tenha seguramente cruzado
Aquele exaustivo, aflitivo continente,
Uma voz amada, através de ondas e explosões,
Poderia me chamar novamente.

Embora o vivo albor da alma tenha ascendido
Sobre o Firmamento para mim,
William! mesmo do descanso lá do Paraíso
Eu voltaria, invocada por ti!
Tormenta nem explosão aprisionarão
Minha alma, exaltando dessa vez:
Todo meu paraíso já foi o teu coração,
Queria que fosse o meu de novo!

**APOSTASIA**

Esta última recusa de minha religião,
  Tu, solene Padre, ouviste;
E, mesmo que esteja em meu leito de morte,
  Nada retiro do que discerniste.
Não apontes para tua Madona, Sacerdote –
  Tua santa cega de material esculpido;
Não consegue, daqui deste peito ardente,
  Arrancar nem um lamento arrependido.

Disseste, que quando uma criança é inocente,
  Eu dobrei o joelho devidamente,
E rezei para o que em mármore sorridente
  Frio e morto era e prosseguiu silente.
Eu fiz. Mas ouve-me! Existem crianças que crescem
  Diretamente para a madura mocidade;
E, por anel de União e jura de Amor também,
  Vendi minha prematura verdade.

Não foram a calva cabeça e rosto cinza teus,
  Que, acima de mim, dizer me escutaram,
"Que aquela terra, Deus e Fé são meus,
  Pelos quais teus genitores sangraram."
Eu não te vejo, embaçado está meu olhar;
  Mas te ouço dizer, aqui calma,
"Cessa, ó, filha minha, de nele pensar,
  Naquele que desvirtuou tua alma.

Entre vós espaço e tempo se imprime;
  Deixa que léguas e anos esteja
Pra te desviar do caminho do crime,
  Em retorno ao espaço da Igreja."
E, era preciso, que discorras
  Que barreiras potentes ergueram

Para me apartar das masmorras,
  Onde meu amado Walter[2] prenderam?

E, era preciso que tu devesses provocar
  Minha hora de morte, afinal,
Ordenando este espírito gasto a ofegar
  Pelo que nem é mais atual?
Padre – tenho eu que cessar de nele pensar?
  Quão raso soa esse termo!
Pode o tempo, os prantos, a distância apagar
  A memória de meu amo?

Eu não estava te vendo, como eu disse antes,
  Porque, momentos decorridos,
Pesadamente, sobre meus olhos claudicantes
  Os párpados como pedra caíram.
Ainda assim, a visão interior de minha essência
  Contempla sua imagem
Tão fixa, tão clara, tão cheia de resplandecência,
  Tal como o brilho de algum planeta vermelho.

De teu Último Sacramento me fales não,
  E nem me contes tuas preces por mim;
Tanto o rito quanto a reza são gastos em vão,
  Como o orvalho sobre o mar.
Não fales um só termo do celeste Altar,
  Nem delires sobre os alarmes do Inferno;
Devolva-me somente o amor de meu Walter,
  Restaura-me para seu abraço eterno!

Então a bem-aventurança do Céu será alcançada;
  E até o Inferno, então, terá retrocedido,
Como eu notei a adversidade noturna ser esquivada
  Pelo avanço intimidante do dia nascido.

---

[2] Conforme alguns estudiosos de Charlotte Brontë, acredita-se que Walter se chamava William, tendo sido alterado na versão final. (n.t.)

É a minha religião, portanto, amar,
  Meu credo fixado, assim, para atuar;
Nem a Morte abalará, nem o Sacerdócio quebrará
  Minha constância de rocha!

Agora, vai; porquanto lá na porta espera
  Outro estranho convidado;
Ele chama – eu vou – o pulso quase nem coopera,
  Bate o coração, falhado.
Essa voz novamente – quão longínqua,
  Como essa entoação parece sombria!
E eu acredito que me desvirtuei
  A resíduos sem rastros e arredia.

Eu gostaria de aqui descansar por uma hora:
  Onde poderia eu encontrar uma estadia,
Até que sobre as colinas sorria a aurora,
  E, então, desponte alguma percorrida via?
"Estou indo! Estou indo!" ela disse apressadamente,
  "Foi a voz de Walter que escutei com atenção!"
Saltou ela, então – mas caiu para trás, mortalmente,
  O nome dele é sua última declaração.

# Papoula negra
## Hélène de Zuylen de Nyevelt

**O texto:** Publicada em 1904, *Effeuillemen*ts (*Desfolhações*) é a primeira obra poética que Hélène de Zuylen de Nyevelt lançou sozinha, após ter publicado alguns livros em coautoria com a poeta inglesa Renée Vivien. Em seus versos, ora descreve paisagens, jogando sutilmente com o movimento das flores, ora disseca uma sensação ou procura transpor um sentimento, deixando transparecer certa languidez. Esta seleção apresenta três poemas do livro: "Pavor noir", de tom místico e reminiscência baudelariana; "Le Haar", dedicada ao Castelo de Haar, onde a escritora vivera por anos; e "Les conquillages"), que evoca elementos da natureza.

**Texto traduzido:** Nyevelt, Hélène de Zuylen de. *Effeuillements*. Paris: Alphonse Lemerre, 1904.

**A autora:** Hélène de Zuylen de Nyevelt (1863-1947), escritora e esportista francesa, nasceu em Paris. Aproximou-se da literatura quando, em 1901, conheceu a poeta inglesa Renée Vivien, com quem teve um romance. Seu período de maior produção literária foi entre 1902 e 1907, época em que escreveu poesia, narrativas e peças de teatro, muitas em colaboração com Vivien, cujas obras assinavam com o pseudônimo de Paule Riversdale. A poesia de Zuylen invoca os elementos da natureza, recordando, muitas vezes, a melancolia de Baudelaire e Verlaine, ao mesmo tempo que expressa a sua originalidade. Hélène de Zuylen foi também pioneira no automobilismo feminino ao competir, em 1898, na corrida Paris-Amsterdam-Paris sob o pseudônimo de "Caracol".

**A tradutora:** Bruna Brito Soares é doutoranda em Estudos da Tradução, mestra em Literatura e graduada em Letras-Italiano pela UFSC, onde cursa também o último ano de Letras-Francês.

"Flores de maus jardins em venenoso sono,
As Servas da Sombra e as Mulheres de Magias."

"Fleur des mauvais jardins au vénéneux sommeil,
Les Servantes de l'Ombre et les Magiciennes."

# Pavot noir

*"Fleur des mauvais jardins au vénéneux sommeil."*

HÉLÈNE DE ZUYLEN DE NYEVELT

**PAVOT NOIR**

Fleur des mauvais jardins au vénéneux sommeil,
Les Servantes de l'Ombre et les Magiciennes,
Dont les nocturnes yeux redoutent le soleil,
Respirent âprement tes langueurs léthéennes,

Fleur des mauvais jardins au vénéneux sommeil.

Tu te fanes parmi les âcres chevelures,
Et tu connais le rêve ardent des fronts maudits
Que jamais n'effleura, dans un bruit de ramures,
Le souffle des matins et des simples midis :

Tu te fanes parmi les âcres chevelures.

Tu t'effeuilles auprès des femmes sans dêsir
Dont les prunelles sont froidement endormies,
Dont le cœur ennuyé dédaigne de choisir,
Et dont l'âme est pareille à l'âme des momies :

Tu t'effeuilles auprès des femmes sans désir.

Ennui de l'aconit et de la belladone
Dans le soir où la voix des vieilles trahisons
Fait traîner, à l'égal d'un refrain monotone,
La fadeur et la frigidité des poisons !

Ennui de l'aconit et de la belladone !

**LE HAAR**

L’ombre laisse flotter sa chevelure noire
Sur le château qui rêve, orgueilleux de ses tours :
Les créneaux ont gardé dans leur vague mémoire
Le spectacle fuyant des ondes et des jours.

Le château de granit se mire dans la douve ;
On n’entend plus frémir l'essor bleu des pigeons,
Et la nuit rôde à pas furtifs, comme une louve,
Autour des graves murs et des muets donjons.

Dominant le canal aux frissons éphémères
Et l’étang incertain où dort le nénuphar,
Les griffons, accroupis près des grises chimères,
Veillent sur le repos seigneurial du Haar.

## LES COQUILLAGES

Avec ses bleus profonds et sages,
L'onde est plus belle que l'éther.
Voici le faste de la mer,
Les prestigieux coquillages.

Compliquant leurs rares contours,
Ils évoquent les orchidées
Malades, les lèvres fardées
D'un artificiel velours.

Elle concentre les couleurs
De l'eau, le mystère des mauves
Les blancs irréels, les bruns fauves.
Ce sont des gemmes et des fleurs.

Les conques ont vu des aurores
Vertes, de gris midis sereins,
Et le regret des soirs marins
Ruisselle en leurs âmes sonores.

# PAPOULA NEGRA

*“Flores de maus jardins em venenoso sono.”*

HÉLÈNE DE ZUYLEN DE NYEVELT

**PAPOULA NEGRA**

Flores de maus jardins em venenoso sono,
As Servas da Sombra e as Mulheres de Magias,
Das quais teme o sol o olho noturno,
Respiram arduamente tuas fraquezas leteias,

Flores de maus jardins em venenoso sono.

Tu murchas entre as acres cabeleiras,
E conheces das testas malditas o sonho que ardia
Que jamais aflorou, em um ruído de ganeiras,
O sopro da manhã e do simples meio-dia:

Tu murchas entre as acres cabeleiras.

Tu te desfolhas perto das mulheres sem querer
Cujas ameixosas pupilas estão friamente adormecidas,
Cujo coração aborrecido desdenha escolher,
E cujas almas são com as das múmias parecidas:

Tu te desfolhas perto das mulheres sem querer.

Aborrecimento do acônito e da beladona
Na noite em que a voz de uma velha traição
Retarda, assim como uma estrofe monótona,
A suavidade e a frigidez de uma poção!

Aborrecimento do acônito e da beladona!

**O HAAR**

A sombra deixa seu cabelo preto flutuar
Sobre o castelo que sonha, orgulhoso de suas fachadas:
As ameias em sua vaga memória soíam guardar
O espetáculo fugidio das ondas e das jornadas.

O castelo de granito se reflete no fosso;
Não se ouve mais fremir o voo azul dos pássaros,
E a noite ronda, como uma loba, com furtivo passo,
Em torno das silentes masmorras e dos pesados muros.

Dominando o canal com vibrações efêmeras
E a lagoa incerta onde dorme o nenúfar,
Os grifos, agachados perto das cinzentas quimeras,
Velam o repouso senhorial do Haar.

**AS CONCHAS**

Com seus azuis profundos e sábios,
A onda é mais bela que o éter.
Eis o esplendor do mar,
As prestigiosas conchas.

Complicando seus raros contornos,
Elas evocam as orquídeas
Doentes, os lábios pintados
De um artificial veludo.

Ele concentra as cores
Da água, o mistério das malvas
Os brancos irreais, os marrons fulvos.
São pedras preciosas e flores.

As conchas viram auroras
Verdes, meios-dias cinzentos e serenos,
E o arrependimento das noites marítimas
Flui em suas almas sonoras.

# A DEMENTE
## BRONISŁAWA OSTROWSKA

**O TEXTO:** Seleção com três poemas de Bronisława Ostrowska que se inscrevem no âmbito cultural decadentista e modernista, trazendo diversas marcas da convenção do fim do século XIX, "Bogdajem...", "W starym parku" e "Obłąkana", extraídos de *Pisma poetyckie*, que réune os dois primeiros livros da poeta: *Opale* (1902) e *Poezje* (1905). A misoginia literária da época, que situava a representação do feminino entre os extremos da pureza e do demonismo, vê-se subvertida por meio do recurso ao vocabulário das plantas para a encenação do fazer poético, adotado por Ostrowska, que lança mão de uma dicção poética da concisão e do rigor formal.

**Texto traduzido:** Ostrowska, Bronisława. *Pisma poetyckie*. Tom 1. Warszawa: Wydawnictwo J. Mortkowicza, 1932.

**A AUTORA:** Bronisława Ostrowska (1881-1928), poeta e escritora polonesa, nasceu em Varsóvia. Antes da 1ª Guerra Mundial, visitou a França, participando da Sociedade de Artistas Poloneses. Durante sua estada, conheceu a poesia francesa, que exerceria enorme influência em sua própria obra, pois foi a partir desse contato que desenvolveu um estilo de expressão lírica original, combinando intelectualismo e temperamento, com a publicação de seu primeiro livro, *Opale*, em 1902. Dona de uma vasta obra poética, inicialmente, compôs poemas simbolistas, inclinando-se depois para o classicismo. Foi também tradutora de poesia francesa e escritora de livros infantis.

**A TRADUTORA:** Olga Kempińska, formada em Filologia Românica (UJ) e História Social da Cultura (PUC-Rio), é professora de Teoria da Literatura (UFF). Para a (n.t.) traduziu M. Pawlikowska-Jasnorzewska, K. Iłłakowiczówna, A. Świrszczyńska, W. Szymborska, S. Lem e C. Norwid.

“A moça andava demente à floresta na noite de lua.”

“Obłąkana chodziła dziewczyna w rozszumiały bór nocą miesięczną.”

# Obłąkana

*"Obłąkana chodziła dziewczyna*
*W rozszumiały bór nocą miesięczną."*

---

BRONISŁAWA OSTROWSKA

**BOGDAJEM...**

Bogdajem rosła jako krzaki głogów
W słonecznym złocie,
Albo wykwitła wśród pustych rozłogów
Jako stokrocie.

Bogdajem była jako brzoza biała
Liście rozwiała,
Lub pokraśniała wśród leśnej gęstwiny,
Jako kaliny.

Bogdajem była diewanną tą złotą,
Słońca pieszczotą,
Albo wyrosła jak kwiecie kąkolu
We szczerym polu.

## W STARYM PARKU

W odwiecznym parku opuszczona
Mała sadzawka wiecznie śpi
I pleśń powleka ją zielona
Od długich dni...

Raz nad jej mętem długom stała,
Gdy w blasku dyszał cały park:
Rzekłbyś, że żyje, drży i pała
Od ech i skarg.

Wszystko rozkwita w blasku słońca,
Kwiat każdy śpiewa wonną pieśń,
A ta sadzawka stoi śpiąca,
Spowita w pleśń.

Rzuciłam kamień w toń zieloną
I kamień z pluskiem upadł w dół,
Rozdarłszy martwej rzęsy łono
Szeregiem kół.

Spod rzęsy czarna głąb wyjrzała
I słońce na niej błysło skrą,
Aż znów ją zwarła pleśń zmartwiała
Zieloną rdzą.

Ale już odtąd sen odwieczny,
Jaśniejszy będzie w łonie wód,
Bo fala wzięła blask słoneczny
Aż tam na spód.

## OBŁĄKANA

Obłąkana chodziła dziewczyna
    W rozszumiały bór nocą miesięczną:
    Gdzie najbujniej podszyta gęstwina
Obłąkana chodziła dziewczyna...

Aż do leśnej krynicy samotnej –
    Z konwią w ręku – przez dzikie ostępy
    Przedzierała się w chaszczy wilgotnej –
Aż do leśnej krynicy samotnej...

I łapała odbicie miesiąca
    Konwią swoją z bieżącej krynicy;
    Ponad wodą chyliła się drżąca
I łapała... odbicie miesiąca...

# A DEMENTE

*"A moça andava demente*
*À floresta na noite de lua."*

BRONISŁAWA OSTROWSKA

**QUEM ME DERA...**

Quem me dera crescer tal um espinheiro branco
Na clara fulgida,
Ou florescer no vazio do campo
Como a margarida.

Quem me dera ser como uma bétula branca
O vento suas folhas arranca,
Ou enrubescer dentro do verde,
Tal uma rosa-de-gueldres.

Quem me dera ser aquela flor dourada,
Pelo sol acariciada,
Ou crescer como uma candelária
Na campina vária.

**NO VELHO PARQUE**

No antigo parque olvidado,
Envolto no bolor verde,
Dorme o pequeno lago
Desde sempre...

Certa vez demorou-se em sua beira
E o velho parque ofegava rutilando:
Parecia que vive, vibra e incendeia
Se queixando.

Tudo floresce no resplendor solar,
Cada flor entoa o canto de frescor
E o lago está a descansar
Envolto no bolor.

Joguei uma pedra na água verdejante
E a pedra mergulhou com barulho,
Rasgou o seio morto flutuante
Com seus círculos.

Sob a película olhava o profundo preto
E o brilho do sol nele se reverberava
Até que se fechou por completo
A ferrugem que verdejava.

Mas o sono eterno desde então
Será mais claro no seio profundo
Pois a onda tragou o clarão
Até o fundo.

**A DEMENTE**

A moça andava demente
    À floresta na noite de lua:
    Aonde o mato é mais frondente
A moça andava demente...

Até o nasceiro desolado –
    Com o jarro na mão – pela mata
    Desbravava o mato molhado –
Até o nasceiro desolado...

E captava o reflexo da lua
    No jarro da viva nascente;
    Debruçava-se toda trêmula
E captava... o reflexo da lua...

# Por que este século é o pior de todos?

Anna Akhmátova

**O texto:** Seleção com dez poemas de Anna Akhmátova, pertencentes ao livro *Стихотворения и поэмы* (*Poesias e poemas*), que compreende cinco décadas de sua produção poética, de 1909 a 1963. Seus versos, caracterizados pela aparente simplicidade e naturalidade e pela clareza e precisão da escrita, ora desvelam a dureza de uma existência marcada por perdas, ora manifestam a sede de uma felicidade sonhada, ora revelam uma época repleta de esperanças, mas que só trouxe sombras, deixando entrever não só suas recordações e aspirações, mas também a dificuldade de escrever durante o regime estalinista.

**Texto traduzido:** Ахматова, Анна. *Стихотворения и поэмы*. Ленинград: Советский Писатель, 1976.

**A autora:** Anna Akhmátova (1889-1966), pseudônimo de Anna Andrievna Gorenko, poeta e tradutora russa, nasceu em Odessa (antigo império russo, atual Ucrânia). Desde a juventude, interessou-se por poesia, mas quando seu pai, um engenheiro naval, descobriu sua inclinação, ordenou que não envergonhasse o nome da família, quando ela então adotou o sobrenome da bisavó materna. Embora tenha sido perseguida pelo governo estalinista, tornou-se popular entre os russos, além de ter sido uma das fundadoras do Acmeísmo, corrente literária russa que surgiu na década de 1910, durante a Idade de Prata da literatura russa, em oposição ao simbolismo russo. A partir de 1923 sua obra foi proibida de circular na Rússia Soviética e só voltou a ser publicada em 1956.

**A tradutora:** Verônica Filíppovna é doutora em Teoria Literária pela UFRJ, tradutora e ensaísta. Dedica-se ao estudo e tradução da poesia simbolista e de vanguarda russa. Para a (n.t.) traduziu Marina Tsvetaeva, Ossip Man-delstam, Konstantin Balmont e Zinaida Hippius.

"Estás a ver, vento, meu cadáver frio, e ninguém para dobrar minhas mãos."

"Видишь, ветер, мой труп холодный, и некому руки сложить."

# Чем хуже этот век предшествующих?

*“И если в дверь мою ты постучишь,*
*Мне кажется, я даже не услышу.”*

---

**А́ННА АХМА́ТОВА**

*

Хорони, хорони меня, ветер!
Родные мои не пришли,
Надо мною блуждающий вечер
И дыханье тихой земли.

Я была, как и ты, свободной,
Но я слишком хотела жить.
Видишь, ветер, мой труп холодный,
И некому руки сложить.

Закрой эту черную рану
Покровом вечерней тьмы
И вели голубому туману
Надо мною читать псалмы.

Чтобы мне легко, одинокой,
Отойти к последнему сну,
Прошуми высокой осокой
Про весну, про мою весну.

*Декабрь 1909*
*Киев*

**МУЗЕ**

Муза-сестра заглянула в лицо,
Взгляд ее ясен и ярок.
И отняла золотое кольцо,
Первый весенний подарок.

Муза! ты видишь, как счастливы все –
Девушки, женщины, вдовы…
Лучше погибну на колесе,
Только не эти оковы.

Знаю: гадая, и мне обрывать
Нежный цветок маргаритку.
Должен на этой земле испытать
Каждый любовную пытку.

Жгу до зари на окошке свечу
И ни о ком не тоскую,
Но не хочу, не хочу, не хочу
Знать, как целуют другую.

Завтра мне скажут, смеясь, зеркала:
«Взор твой не ясен, не ярок…»
Тихо отвечу: «Она отняла
Божий подарок».

*10 октября 1911*
*Царское Село*

*

Я научилась просто, мудро жить,
Смотреть на небо и молиться Богу,
И долго перед вечером бродить,
Чтоб утомить ненужную тревогу.

Когда шуршат в овраге лопухи
И никнет гроздь рябины желто-красной,
Слагаю я веселые стихи
О жизни тленной, тленной и прекрасной.

Я возвращаюсь. Лижет мне ладонь
Пушистый кот, мурлыкает умильней,
И яркий загорается огонь
На башенке озерной лесопильни.

Лишь изредка прорезывает тишь
Крик аиста, слетевшего на крышу.
И если в дверь мою ты постучишь,
Мне кажется, я даже не услышу.

*1912*

**УЕДИНЕНИЕ**

Так много камней брошено в меня,
Что ни один из них уже не страшен,
И стройной башней стала западня,
Высокою среди высоких башен.
Строителей ее благодарю,
Пусть их забота и печаль минует.
Отсюда раньше вижу я зарю,
Здесь солнца луч последний торжествует.
И часто в окна комнаты моей
Влетают ветры северных морей,
И голубь ест из рук моих пшеницу…
А не дописанную мной страницу,
Божественно спокойна и легка,
Допишет Музы смуглая рука.

*6 июня 1914*
*Слепнево*

**МИЛОМУ**

Голубя ко мне не присылай,
Писем беспокойных не пиши,
Ветром мартовским в лицо не вей.
Я вошла вчера в зеленый рай,
Где покой для тела и души
Под шатром тенистых тополей.

И отсюда вижу городок,
Будки и казармы у дворца,
Надо льдом китайский желтый мост.
Третий час меня ты ждешь – продрог,
А уйти не можешь от крыльца
И дивишься, сколько новых звезд.

Серой белкой прыгну на ольху,
Ласочкой пугливой пробегу,
Лебедью тебя я стану звать,
Чтоб не страшно было жениху
В голубом кружащемся снегу
Мертвую невесту поджидать.

*27 февраля1915*
*Царское Село*

*

Мы не умеем прощаться, –
Всё бродим плечо к плечу.
Уже начинает смеркаться,
Ты задумчив, а я молчу.

В церковь войдем, увидим
Отпеванье, крестины, брак,
Не взглянув друг на друга, выйдем...
Отчего всё у нас не так?

Или сядем на снег примятый
На кладбище, легко вздохнем,
И ты палкой чертишь палаты,
Где мы будем всегда вдвоем.

*1917*

*

Чем хуже этот век предшествующих? Разве
Тем, что в чаду печали и тревог
Он к самой черной прикоснулся язве,
Но исцелить ее не мог.

Еще на западе земное солнце светит
И кровли городов в его лучах блестят,
А здесь уж белая дома крестами метит
И кличет воронов, и вороны летят.

*Зима 1919*

## НАДПИСЬ НА КНИГЕ

*Что отдал – то твое.*
Шота Руставели

Из-под каких развалин говорю,
Из-под какого я кричу обвала,
Как в негашеной извести горю
Под сводами зловонного подвала.

Я притворюсь беззвучною зимой
И вечные навек захлопну двери,
И все-таки узнают голос мой,
И все-таки ему опять поверят.

*13 января 1959*
*Ленинград*

## КОМАРОВСКИЕ НАБРОСКИ

*О Муза Плача...*
М. Цветаева

... И отступилась я здесь от всего,
От земного всякого блага.
Духом, хранителем «места сего»
Стала лесная коряга.

Все мы немного у жизни в гостях,
Жить – это только привычка.
Чудится мне на воздушных путях
Двух голосов перекличка.

Двух? А еще у восточной стены,
В зарослях крепкой малины,
Темная, свежая ветвь бузины...
Это – письмо от Марины.

*19-20 ноября 1961*
*Гавань (больница)*

## **ПОЧТИ В АЛЬБОМ**

Услышишь гром и вспомнишь обо мне,
Подумаешь: она грозы желала...
Полоска неба будет твердо-алой,
А сердце будет как тогда – в огне.
Случится это в тот московский день,
Когда я город навсегда покину
И устремлюсь к желанному притину,
Свою меж вас еще оставив тень.

*1961-1963*

# Por que este século é o pior de todos?

*"E se vieres bater à minha porta,*
*Vou fingir que não escuto."*

ANNA AKHMÁTOVA

*

Enterra-me, enterra-me, vento!
Nenhum dos meus amigos veio,
Acima de mim a noite erma
E a terra suspira em silêncio.

Como tu, eu estava livre,
Mas queria viver bastante.
Estás a ver, vento, meu cadáver frio,
E ninguém para dobrar minhas mãos.

Cura esta ferida negra
Com o véu da escuridão noturna
E ordena que a névoa azul
Leia Salmos sobre mim.

Para tornar mais fácil, sozinho,
Retira meu último sonho,
O farfalhar alto dos espargânios
Da primavera, da minha primavera.

*Dezembro de 1909*
*Kiev*

## À MUSA

Musa-irmã em meu rosto olhou,
Seu olhar é vivo e brilhante.
E levou de mim o anel de ouro,
Primeiro presente da primavera.

Musa! Vês, como todas estão felizes –
As moças, as esposas, as viúvas…
Melhor morrer numa roda,
A carregar estes grilhões.

Eu sei: a decifrar, arranco
A terna pétala da margarida.
Devo suportar nesta terra
Cada tormento amoroso.

Até o alvorecer a vela ficará acesa
E de ninguém sinto saudades,
Mas não quero, não quero, não quero
Saber, quantas outras ele beija.

Amanhã, a sorrir, os espelhos me dirão:
"Teu olhar não é claro, nem brilhante…"
Serena vou responder: "Ela levou
Meu presente celestial".

*10 de outubro de 1911*
*Tsárskoye Seló*

*

Aprendi a viver simples e sabiamente,
A olhar para o céu e rezar a Deus,
E a perambular pelas tardes longamente,
Para aliviar a preocupação desnecessária.

Quando murmuram no penhasco as bardanas
E murcham os cachos alaranjados da sorveira,
Escrevo versos alegres
Sobre a vida efêmera, efêmera e bela.

Regresso. Um gato peludo, a ronronar
Docemente, me lambe a palma da mão,
E um fogo brilhante se ascende
No topo da serraria à beira do lago

De vez em quando corta o silêncio
O grito da cegonha, pousando no telhado.
E se vieres bater à minha porta,
Vou fingir que não escuto.

*1912*

**SOLIDÃO**

Tantas pedras jogadas sobre mim,
Nenhuma delas me assusta mais,
A armadilha tornou-se uma torre alta
E esguia entre as torres altas.
Agradeço aos seus construtores,
Deixe o pesar e a tristeza de lado.
Daqui posso ver o amanhecer,
Ver a glória do último raio de sol.
E muitas vezes na janela do meu quarto
Voam os ventos do mar do norte,
Uma pomba come trigo das minhas mãos…
E termina a página inacabada
Divinamente calma e suave,
A mão bronzeada da Musa.

*6 de junho de 1914*
*Slepnevo*

**MEU QUERIDO**

Não envia um pombo até mim,
Não escreva cartas desordenadas,
Não sopra em meu rosto com a brisa de março.
Ontem entrei num paraíso verde,
Onde há paz para o corpo e a alma
Sob a tenda de choupos sombrios.

E daqui contemplo uma cidade,
As cabines e os quartéis do palácio,
A ponte chinesa amarela sobre o gelo.
Por três horas tu me esperavas – trêmulo,
Mas não pudeste sair do alpendre
Admirando, a riqueza de estrelas novas.

Igual a um esquilo cinza vou saltar no amieiro,
Assustada fugirei como uma andorinha,
Vou chamar-te de cisne,
Para que o noivo não se apavore
No círculo azul da neve a esperar
Pela noiva morta.

*15 de fevereiro de 1915*
*Tsárskoye Seló*

*

Nunca conseguimos nos separar, –
Perambulamos lado a lado.
Lá fora começa a escurecer,
Estás pensativo, e eu calada.

Entraremos numa igreja, veremos
Batismos, casamentos, funeral,
Sem prestar atenção em nada, sairemos...
Por que tudo é diferente conosco?

Ou sentaremos sobre a neve pisada
No cemitério, com a respiração suave,
E com uma vara tu desenhas o palácio,
Onde estaremos sempre juntos.

*1917*

✻

Por que este século é o pior de todos? Será
Porque, no estupor da ânsia e da dor
Ele colocou o dedo na úlcera mais negra,
No entanto, não pode trazer alívio.

Ainda a oeste o sol reluz sobre a terra
E os telhados da cidade brilham com seus raios,
Aqui a morte marca as casas com cruzes brancas
E os corvos chamam, e os corvos voam.

*Zita 1919*

## ANOTAÇÃO NO LIVRO

*O que devolveste – é teu.*
Shota Rustaveli

De quais ruínas falo,
De qual abismo grito,
Ardo como se fosse cal
Sob os arcos de um porão fétido.

Fingirei ser um inverno silencioso,
Trancarei as portas para sempre,
E ainda assim, minha voz reconhecem,
E ainda assim, de novo a recriarão.

*13 de janeiro de 1959*
*Leningrado*

## ESBOÇOS DE KOMAROVSKI

Ó, Musa do Pranto...
*M. Tsvetáeva*

... E aqui estou separada de tudo,
De todos os bens terrestres.
O espírito, guardião “deste lugar”,
Tornou-se um toco flutuante.

Estamos todos de passagem nesta vida,
Viver – é apenas um hábito.
Ao longo de caminhos celestes percebo
O chamado de duas vozes.

Duas? Há também na parede ao leste,
Entre as moitas cheias de framboesas,
No sabugueiro, um galho escuro e fresco...
É – uma carta de Marina.

*19-20 novembro 1961*
*Gavan (hospital)*

**QUASE UM ÁLBUM**

Ao escutares o trovão se lembrarás de mim,
Vais pensar: ela desejava tempestades...
O horizonte será carmesim-vivo,
E o coração, como antes, ficará – em chamas.
E isso acontecerá no dia moscovita,
Quando partirei desta cidade para sempre
E ao apressar-me a alturas tão esperadas,
Deixarei minha sombra contigo.

*1961-1963*

# Solidão
## Alfonsina Storni

**O texto:** Publicado em 1934, *Mundo de siete pozos* é o sexto livro de poesia de Alfonsina Storni, com o qual ela inaugura um novo caminho estilístico, afastando-se da temática amorosa e da lírica confessional que destacava sua poesia, para se aproximar das vanguardas de princípios do século XX, utilizando, sobretudo, o verso livre. Esta seleção reúne 7 poemas do livro, originalmente dividido em quatro seções: "Y la cabeza comenzó a arder", "Palabras degolladas", "Agrio está el mundo", "Ecuación" (de *Mundos de siete pozos*), "Trópico" (de *Motivos de mar*), "Calle" e "Soledad" (de *Motivos de ciudad*), e uma última seção de sonetos. Nos versos, a poeta retrata, entre variados temas, não apenas sua fascinação pelo mundo marinho, mas também, em tom testemunhal, as mudanças urbanas e sociais que transformavam a capital Buenos Aires durante a "década infame".

**Texto traduzido:** Storni, Alfonsina. "Mundo de siete pozos". In. *Poesía Completa*. Buenos Aires: Losada, 1999, pp. 321-389.

**A autora:** Alfonsina Storni (1892-1938), poeta e escritora argentina, nasceu em Capriasca, na Suíça italiana, e se criou na Argentina desde os 4 anos de idade. Iniciou sua carreira literária em 1916, com a publicação de *La inquietude del rosal*, livro de tom intimista e sentimental, seguido de *El dulce daño* (1918), *Irremediablemente* (1919) e *Languidez* (1920). Na década seguinte, *publicou Ocre* (1925), que marcou um novo rumo de sua poesia, por se aprofundar ainda mais na temática feminista já desenvolvida desde o seu primeiro livro, enquanto que em *Mundo de siete pozos* (1934) e *Mascarilla y trébol* (1938), suas últimas obras, adotou um estilo mais livre e descompassado. Após o diagnóstico de um câncer, suicidou-se em 1938 em Mar del Plata, atirando-se ao mar e deixando escrito um último poema intitulado "Vou dormir", enviado para a redação do jornal *La Nación*.

**A tradutora:** Nadia Ayelén Medail é professora de História e Espanhol e mestranda no programa Estudos pela Integração da América Latina (PROLAM-USP). Fez parte do programa formativo de tradutores literários da Casa Guilherme de Almeida. Publicou traduções de Alfonsina Storni nas revistas *Barril* (Brasil), *Sombra Larga* (Colômbia) e no *Caderno de Leituras*, da editora Chão de Feira (Brasil).

"O vento levaria minha dança."

"El viento se llevaría mi danza."

# SOLEDAD

*"Palabras degolladas,*
*caídas de mis labios."*

ALFONSINA STORNI

## Y LA CABEZA COMENZÓ A ARDER

Sobre la pared
negra
se abría
un cuadrado
que daba
al más allá.

Y rodó la luna
hasta la ventana;
se paró
y me dijo:
"De aquí no me muevo;
te miro.

No quiero crecer
ni adelgazarme.
Soy la flor
infinita
que se abre
en el agujero
de tu casa.

No quiero ya
rodar
detrás de
las tierras
que no conoces,
mariposa,
libadora
de sombras.

Ni alzar fantasmas
sobre las cúpulas
lejanas
que me beben.
Me fijo.
Te miro".
Y yo no contestaba.
Una cabeza
dormía bajo
mis manos.
Blanca
como tú,
luna.

Los pozos de sus ojos
fluían un agua
parda
estriada
de víboras luminosas.

Y de pronto
la cabeza
comenzó a arder
como las estrellas
en el crepúsculo.

Y mis manos
se tiñeron
de una sustancia
fosforescente.

E incendio
con ella
las casas
de los hombres,
los bosques
de las bestias.

## PALABRAS DEGOLLADAS

Palabras degolladas,
caídas de mis labios
sin nacer;
estranguladas vírgenes
sin sol posible;
pesadas de deseos,
henchidas…

Deformadoras de mi boca
en el impulso de asomar
y el pozo del vacío
al caer…
Desnatadoras de mi miel celeste,
apretada en vosotras
en coronas floridas.

Desangrada en vosotras
– no nacidas –
redes del más aquí y el más allá,
mediaslunas,
peces descarnados,
pájaros sin alas,
serpientes desvertebradas…
No perdones,
corazón.

## AGRIO ESTÁ EL MUNDO

Agrio está el mundo,
inmaduro,
detenido;
sus bosques
florecen puntas de acero;
suben las viejas tumbas
a la superficie;
el agua de los mares
acuna
casas de espanto.

Agrio está el sol
sobre el mundo,
ahogados en los vahos
que de él ascienden,
inmaduro,
detenido.

Agria está la luna
sobre el mundo;
verde,
desteñida;
caza fantasmas
con sus patines
húmedos.

Agrio está el viento
sobre el mundo;
alza nubes de insectos muertos,
se ata, roto,
a las torres,
se anuda crespones
de llanto;
pesa sobre los techos.

Agrio está el hombre
sobre el mundo,
balancéandose
sobre sus piernas:

A sus espaldas,
todo,
desierto de piedras;
a su frente,
todo,
desierto de soles,
ciego…

**ECUACIÓN**

Mis brazos:
saltan de mis hombros;
mis brazos: alas.
No de plumas: acuosos…
Planean sobre las azoteas,
más arriba… entoldan,
Se vierten en lluvias;
aguas de mar,
lágrimas,
sal humana…

Mi lengua:
madura…
Ríos floridos
bajan de sus pétalos.

Mi corazón:
me abandona.
Circula
por invisibles círculos
elípticos.
Mesa redonda, pesada,
ígnea…
Roza los valles,
quema los picos,
seca los pantanos…
Sol sumando a otros soles…
(Tierras nuevas
danzan a su alrededor.)

Mis piernas:
crecen hacia adentro,
se hunden, se fijan;
curvan tentáculos
de prensadas fibras:
robles al viento,

ahora:
balancean mi cuerpo
herido….

Mi cabeza: relampaguea
Los ojos, no me olvides
se beben el cielo,
tragan cometas perdidos,
estrellas rotas,
almácigos…

Mi cuerpo: estalla.
Cadenas de corazones
le ciñen la cintura.
La serpiente inmortal
se le enrosca al cuello…

## TRÓPICO

Cálida, morada, viva,
la carne fría del mar.

Trópico que maduras los frutos:
maduraste el agua con sal;
con terciopelo
ataste las olas
y las has echado
a soñar.

Cálida,
morada,
viva,
la carne fría
del mar.

Para mi carne
que se acaba
tu terciopelo
de coral.

Envuelta en él
como una llama
que se desplaza
sobre el mar,
tallo erguido
en la tarde,
arder,
chisporrotear…

## CALLE

Un callejón abierto
entre altos paredones grises.
A cada momento
la boca oscura de las puertas,
los tubos de los zaguanes,
trampas conductoras
a las catacumbas humanas.
¿No hay un escalofrío
en los zaguanes?
¿Un poco de terror
en la blancura ascendente
de una escalera?
Paso con premura.
Todo ojo que me mira
me multiplica y dispersa
por la ciudad.
Un bosque de piernas,
Un torbellino de círculos
rodantes,
una nube de gritos y ruidos,
me separan la cabeza del tronco,
las manos de los brazos,
el corazón del pecho,
los pies del cuerpo,
la voluntad de su engarce.
Arriba
el cielo azul
aquieta su agua transparente:
ciudades de oro
lo navegan.

## SOLEDAD

Podría tirar mi corazón
desde aquí, sobre un tejado:
mi corazón rodaría
sin ser visto.

Podría gritar
mi dolor
hasta partir en dos mi cuerpo:
sería disuelto
por las aguas del río.

Podría danzar
sobre la azotea
la danza negra de la muerte:
el viento se llevaría
mi danza.

Podría,
soltando la llama de mi pecho,
echarla a rodar
como los fuegos fatuos:
las lámparas eléctricas
la apagarían...

# Solidão

*"Palavras degoladas*
*caídas de meus lábios."*

ALFONSINA STORNI

**E A CABEÇA COMEÇOU A ARDER**

Na parede
preta
abria-se
um quadrado
que dava
para o além.

E a lua rodou
até a janela;
ali parou
e me disse:
"Daqui eu não saio;
observo-te.

Não quero crescer
nem me afinar.
Sou a flor
infinita
que se abre
no buraco
de tua casa.

Não quero mais
rodar
atrás das terras
que não conheces,
borboleta,
libadora
de sombras.

Nem alçar fantasmas
sobre as cúpulas
distantes
que bebem de mim.
Olho.
Observo-te”.
E eu não respondia.
Uma cabeça
dormia sob
minhas mãos.
Branca,
como tu,
lua.

Os poços de seus olhos
fluíam uma água
parda
estriada
de víboras luminosas.

E de repente
A cabeça
começou a arder
como as estrelas
no crepúsculo.

E minhas mãos
tingiram-se
de uma substância
fosforescente.

E incendeio
com ela
as casas
dos homens,
os bosques
das bestas.

**PALAVRAS DEGOLADAS**

Palavras degoladas
caídas de meus lábios
sem nascer;
estranguladas virgens
sem sol possível;
pesadas de desejos,
preenchidas...

Deformadoras de minha boca
no impulso de assomar
e o poço do vazio
ao cair...
Desnatadeiras de meu mel celeste,
apertada em vós mulheres
em coroas floridas.

Dessangrada em vós mulheres
– não nascidas –
redes do aqui e do além,
meias-luas,
peixes descarnados,
pássaros sem asas,
serpentes desvertebradas...
Não perdoes,
coração.

**ACRE ESTÁ O MUNDO**

Acre está o mundo,
imaturo,
detido;
seus bosques
florescem pontas de aço;
sobem as velhas tumbas
à superfície;
a água dos mares
aninha
casas de espanto.

Acre está o sol
sobre o mundo,
afogados nos vapores
que dele ascendem,
imaturo,
detido.

Acre está a lua
sobre o mundo;
verde,
desbotada;
caça fantasmas
com seus patins
úmidos.

Acre está o vento
sobre o mundo;
alça nuvens de insetos mortos,
se ata, roto,
às torres,
faz nós de crepes
de prantos;
pesa sobre os telhados.

Acre está o homem
sobre o mundo,
balançando-se
sobre suas pernas:

Às suas costas,
tudo,
deserto de pedras;
à sua frente,
tudo,
deserto de sóis,
cego...

## EQUAÇÃO

Meus braços:
saltam de meus ombros;
meus braços: asas.
Não de penas: aquosos...
Sobrevoam os terraços,
mais acima... toldam,
Vertem-se em chuvas;
águas do mar,
lágrimas,
sal humano...

Minha língua:
madura...
Rios floridos
descem de suas pétalas.

Meu coração:
me abandona.
Circula
por invisíveis círculos
elípticos.
Mesa redonda, pesada,
ígnea...
Roça os vales,
queima os picos,
seca os pântanos...
Sol somado a outros sóis...
(Terras novas
dançam ao seu redor.)

Minhas pernas:
crescem para dentro,
se afundam, se fixam;
torcem tentáculos
de prensadas fibras:
robles ao vento,

agora:
balançam meu corpo
ferido...

Minha cabeça: relampeja
Os olhos, não me esqueças
se bebem no céu,
engolem cometas perdidos,
estrelas rotas,
almácegos...

Meu corpo: estoura.
Correntes de corações
cingem sua cintura.
A serpente imortal
enrosca-se em seu pescoço...

## TRÓPICO

Cálida, roxa, viva
a carne fria do mar.

Trópico que amadureces os frutos:
amaduraste a água com sal;
com veludo
prendeste as ondas
e as deixaste
sonhar.

Cálida,
roxa,
viva,
a carne fria
do mar.

Para minha carne
que acaba
em teu veludo
de coral.

Envolta nele
como chama
que anda
sobre o mar,
talo erguido
na tarde,
arder,
faiscar...

**RUA**

Um beco aberto
entre altos muros cinzentos.
A cada momento
a boca escura das portas,
os tubos dos saguões,
armadilhas condutoras
às catacumbas humanas.
Não há um arrepio
nos saguões?
Um pouco de terror
na brancura ascendente
de uma escada?
Passo com pressa.
Cada olho que me olha
me multiplica e dispersa
pela cidade.
Um bosque de pernas,
Um redemoinho de círculos
rodantes,
uma nuvem de gritos e ruídos,
separam minha cabeça do tronco,
as mãos dos braços,
o coração do peito,
os pés do corpo,
a vontade de seu engaste.
Acima
o céu azul
acalma sua água transparente:
cidades de ouro
nele navegam.

**SOLIDÃO**

Poderia jogar meu coração
em cima de um telhado:
meu coração rodaria
sem ser visto.

Poderia gritar
minha dor
até partir meu corpo em dois:
seria dissolvido
pelas águas do rio.

Poderia dançar
no terraço
a dança negra da morte:
o vento levaria
minha dança.

Poderia,
soltando a chama de meu peito,
fazê-la rodar
como os fogos fátuos:
as lâmpadas elétricas
a apagariam...

# Sou a flor
## Maria Polyduri

**O texto:** Publicado em 1928, *Οι τρίλλιες που σβήνουν* (*Trinados que se esvaem*), de Maria Polyduri, é a primeira de duas coletâneas poéticas que a poeta publicou em vida, ao lado de *Ηχώ στο χάος* (*Eco no caos*), de 1929. Esta seleção apresenta 10 poemas extraídos a partir de seu primeiro livro, cujos versos já manifestam o desalento e o ensimesmamento característicos de uma lírica exclusivamente amorosa e passional, como a de Polidury, que se nutre em sentimentos de profunda tristeza, insatisfação e decadência. O tom e o gosto de suas poesias ilustram toda uma época, tornando-a uma típica representante da geração de 1920 da literatura grega, que cultivava o sentimento de insatisfação e declínio.

**Texto traduzido:** Πολυδουρη, Μαρία. *Οι τρίλλιες που σβήνουν*. Αθήναι: Κοντομαρησ, 1928.

**A autora:** Maria Polyduri (1902-1930), poeta grega, nasceu em Kalamata. Figura lendária nos círculos literários de Atenas no início do século XX, pertencente à geração de 1920, teve uma vida marcada por acontecimentos trágicos, desde a morte dos pais aos 18 anos, a relação apaixonada e de fatídico desenlace com o poeta Kostas Karyotakis, e por contrair tuberculose aos 28 anos, sendo internada em um sanatório em Atenas, onde faleceria, na mais completa indigência, sob circunstâncias pouco claras. Polydouri deixou duas obras poéticas, *Οι τρίλλιες που σβήνουν* (1928) e *Ηχώ στο χάος* (1929), além de seu diário e um romance sem título, no qual ataca o conservadorismo e a hipocrisia da época.

**O tradutor:** Miguel Sulis, coeditor da (n.t.), é bacharel em letras (alemão e literaturas de língua alemã), mestre e doutor em literatura pela UFSC. É tradutor, professor de grego e dedica-se aos estudos da tradução. Para a (n.t.) traduziu Rufinos, Konstantinos Kaváfis, Forugh Farrokhzad, Giánnis Ritsos, Sacher-Masoch, Haris Vlavianos e Dionýsios Solomós.

"Sou vida e sou morte, nada espero da risonha sorte."

"Και ζωή και χάρος είμαι, απ' τη γελάστρα τύχη δεν προσμένω."

# ΕΙΜΑΙ ΤΟ ΛΟΥΛΟΥΔΙ

*“Είμαι το λουλούδι που σιγά το τρώει το κρυφό σαράκι.*
*Γέννημα και θρέμμα στην ψυχή μου μέσα το κακό φωλιάζει.”*

---

**ΜΑΡΊΑ ΠΟΛΥΔΟΎΡΗ**

**ΕΙΜΑΙ ΤΟ ΛΟΥΛΟΥΔΙ**

Είμαι το λουλούδι που σιγά το τρώει το κρυφό σαράκι.
Δε με τυραννάει το άγριο κακοκαίρι, όπως τάλλα εμένα
και της χλωμιασμένης μου όψης δε μαδάνε ένα ένα τα φύλλα.
Οι καλές οι μοίρες κ’ οι κακές καρτέρι κι αν μώχουν στημένα,
σάμπως πεταλούδες να με τριγυρνάνε νοιώθω ανατριχίλα.

Είμαι το λουλούδι που σιγά το τρώει το κρυφό σαράκι.
Γέννημα και θρέμμα στην ψυχή μου μέσα το κακό φωλιάζει.
Και ζωή και χάρος είμαι, απ’ τη γελάστρα τύχη δεν προσμένω.
Αψηλό κι’ ωραίο στήνω το κορμί μου κι’ άλλο δε μου μοιάζει.
Όμως όταν δείξω τις πληγές μου στάστρα, θάμαι πεθαμένο.

**ΘΑΡΘΗΣ ΑΡΓΑ**

Ως πότε πια θα καρτερώ να ξαναρθείς και πάλι
σαν από χρόνους μακρινούς και ξένες χώρες πέρα;
Λιγόστεψε η ζωούλα μου και μέρα με τη μέρα,
ανήμπορη και τρυφερή, σβήνεται αγάλι αγάλι…

Άκου στα δέντρα πένθιμα πως τρίζουνε τα φύλλα,
μηνάνε το φθινόπωρο. Δες, τ' ουρανού το χρώμα
το θόλωσαν τα σύννεφα… Μια κρύα ανατριχίλα
στα λουλουδάκια χύνεται… κι' αργείς, αργείς ακόμα!

Θαρθής αργά, με τη νυχτιά και με τον κρύο χειμώνα,
με το χιονοσαβάνωμα, με του βορηά το θρήνο
και δε θα βρης ούτ' ένα ρόδο, ούτ' ένα αθώο κρίνο
να μου χαρίσης… ούτε καν μια πένθιμη ανεμώνα.

## ΌΝΕΙΡΟ

Δε μ’ έφτανε ούτε καν αχός
μέσ’ στη ζωή που ζούσα.
Κ’ η θύμηση λιγόθυμη
των όσων αγαπούσα.

Κ’ ήρθε η ματιά σου γελαστή
εαρινή ελπίδα
και για τα που μου λείψανε
μου μίλησε μ’ ελπίδα.

Μα είνε οι χαρές μας φτερωτές
και το φθινόπωρο είνε
μέσα στην ίδια μου φωνή
που σου φωνάζει: μείνε.

Και της ματιάς σου ο γελαστός
ήλιος θα βασιλέψη
και τ’ όνειρο θα ξεχαστή
προτού καν αληθέψη.

**"ΣΩΤΗΡΙΑ"**

Ας περάσει πια η μέρα με το φως της.
Η νύχτα γιατί τόσο αργοπορεί;
Στων πεύκων τις σκιές μια πολυθρόνα
με καρτερεί.

Των θαλάμων θα σβήσουνε τα φώτα
κι΄ ο ύπνος θάρθη σα λιγοθυμιά.
Ένα αδειανό κρεββάτι, εδώ δίνει
εντύπωση καμμιά.

Θα με διπλώση το σκοτάδι κι΄ όπως
μέσ΄ στις βαθιές σκέψεις θα μπερδεφτώ,
πως είμαι θα πιστέψω πάλι κάτι
από τον κόσμο αυτό.

Μέσα στο φόβο θα βαθαίνη η νύχτα
όταν ο άνεμος θάρθη ξαφνικά.
Ο ευκάλυπτος τα μαλλιά του θα τινάξη
και των ονείρων μαζί τα μυστικά.

Το μυστικόν αγώνα θα γροικάω
του φθινοπώρου, ανίκητος εχθρός.
Θα με λικνίζη χαρωπό τραγούδι
ο απελπισμένος θρος.

Κι΄ αν δεν την καρτερώ, ξέρω πως θάρθη
η γάτα αυτή που νυχτοπερπατεί,
μια γάτα που δεν ξέρει τι είνε χάδι
και δεν το δίνει και δεν το ζητεί.

Στα πόδια μου κοντά κάθεται μόνο,
αδιάφορη στο κρύο το παγερό,
διακριτικά το βλέμμα μου αποφεύγει
κ΄ είνε σα να με ξέρη από καιρό.

**ΓΙΑΤΙ Μ' ΑΓΑΠΗΣΕΣ**

Δεν τραγουδώ παρά γιατί μ’ αγάπησες
στα περασμένα χρόνια.
Και σε ήλιο, σε καλοκαιριού προμάντεμα
και σε βροχή, σε χιόνια,
δεν τραγουδώ παρά γιατί μ’ αγάπησες.

Μόνο γιατί με κράτησες στα χέρια σου
μια νύχτα και με φίλησες στο στόμα,
μόνο γι’ αυτό είμαι ωραία σαν κρίνο ολάνοιχτο
κ’ έχω ένα ρίγος στην ψυχή μου ακόμα,
μόνο γιατί με κράτησες στα χέρια σου.

Μόνο γιατί τα μάτια σου με κύτταξαν
με την ψυχή στο βλέμμα,
περήφανα στολίστηκα το υπέρτατο
της ύπαρξής μου στέμμα,
μόνο γιατί τα μάτια σου με κύτταξαν.

Μόνο γιατί όπως πέρναα με καμάρωσες
και στη ματιά σου να περνάη
είδα τη λυγερή σκιά μου, ως όνειρο
να παίζει, να πονάη,
μόνο γιατί όπως πέρναα με καμάρωσες.

Γιατί διστακτικά σα να με φώναξες
και μου άπλωσες τα χέρια
κ’ είχες μέσα στα μάτια σου το θάμπωμα
– μια αγάπη πλέρια,
γιατί διστακτικά σα να με φώναξες.

Γιατί, μόνο γιατί σε σέναν άρεσε
γι’ αυτό έμεινεν ωραίο το πέρασμά μου.
Σα να μ’ ακολουθούσες όπου πήγαινα,
σα να περνούσες κάπου εκεί σιμά μου.
Γιατί, μόνο γιατί σε σέναν άρεσε.

Μόνο γιατί μ’ αγάπησες γεννήθηκα,
γι’ αυτό η ζωή μου εδόθη.
Στην άχαρη ζωή την ανεκπλήρωτη
μένα η ζωή πληρώθη.
Μόνο γιατί μ’ αγάπησες γεννήθηκα.

Μονάχα για τη διαλεχτήν αγάπη σου
μου χάρισε η αυγή ρόδα στα χέρια.
Για να φωτίσω μια στιγμή το δρόμο σου
μου γέμισε τα μάτια η νύχτα αστέρια,
μονάχα για τη διαλεχτήν αγάπη σου.

Μονάχα γιατί τόσο ωραία μ’ αγάπησες
έζησα, να πληθαίνω
τα ονείρατά σου, ωραίε που βασίλεψες
κ’ έτσι γλυκά πεθαίνω
μονάχα γιατί τόσο ωραία μ’ αγάπησες.

**ΜΕΣ' ΣΤΟ ΣΠΙΤΑΚΙ ΜΟΥ...**

Μέσ’ στο σπιτάκι μου ήταν μια φορά
της ξεγνοιασιάς το μύρο.
Και γω ήμουν το τραγούδι με φτερά
που ξεπετιόταν γύρω.

Μα λίγο λίγο πίκραινε ο σκοπός
στα παιδικά μου χείλη
και σάμπως ένας χρόνος αγριωπός
νάχε άξαφνα ανατείλει.

Λυγίστη του πατέρα μου η βουλή
στα θαλασσιά του μάτια
κ’ έκλεισαν σα να βάρυναν πολύ.
Μέσ’ στ’ άφωνα δωμάτια,

Περήφανη η μητέρα μου κι’ ορθή
στα πλουμιστά σαντάλια,
λες άφησε η ψυχή της να παρθή
στοχαστική σαν ντάλια.

Και τα παιδιά της πίκρας το γραφτό
να ζουν και να σωπάνε
και φύλλα απώνα ανώφελο φυτό
σκορπίστηκαν και πάνε.

**(Με της σιωπής τα κρίνα...)**

Με της σιωπής τα κρίνα που λυγούνε
μέσα στα νικημένα μου τα χέρια
με τις σκέψεις που μάταια κυνηγούνε
η μια την άλλη πέρα από τ’ αστέρια,

Με τα μάτια που κάτι νοσταλγούνε,
κάτι που είναι αγνοημένο πλέρια,
σα να μη βλέπουν, σα να μην αλγούνε,
εξαϋλωμένα μάτια, μάτια αιθέρια,

Στέκω οραματισμένη και πιστεύω.
Δεν ξέρω τι πιστεύω. Ξεφυλλίζω
τα ποιήματά σου κι’ όλο μεσιτεύω.

Στη σκέψη σου και στη βουλή του απείρου.
Κι’ όπως ποτέ τα μάτια δε σφαλίζω
ξέρω πως πια δεν είνε απάτη ονείρου.

**ΤΑΠΕΙΝΩΣΥΝΗ**

Φιλάρεσκα αρωματισμένη η νύχτα πάλι
ήρθε κι' ως τη φτωχή την κάμαρά μου,
μου ζήτησε ένα γέλιο, τη χαρά μου
και στο προκηρυγμένο μου έσκυψε κεφάλι.

Γιατί τη φιλαρέσκεια ακόμα αυτή σε μένα;
Ακόμα μια βρισιά στα αισθήματά μου.
Ξέρει καλά την ταπεινότητά μου
το μέγα Σύμπαν κ' η ράβδος του Ποιμένα.

Ξέρει καλά πως κι' αν τα χείλη στην πληγή μου
με ροδοκλώνια, παίζοντας, ανοίγει,
μια περηφάνια πάντοτε θα πνίγη
και τη βλαστήμια ακόμα στη σιγή μου.

## ΓΛΕΝΤΙ

Σ' ένα γλέντι με κάλεσαν οι συντρόφοι.
Δε θ' αρνηθώ. Θα πάω να λησμονήσω!
Θα φορέσω το κόκκινό μου φόρεμα
και την ίδια ομορφιά μου θα φθονήσω.

Το νεκρό πώχω μέσα μου περήφανα
και στοργικά μαζί μου θα τον πάρω.
Θάμαι χαρωπή, σα μυστικόπαθη
θάμαι μια αποσταλμένη από το Χάρο.

Οι μελλοθάνατοι σύντροφοι στο γλέντι τους
κι' αν πίνουνε κρασί δε θα μεθούνε.
Μια κατάρα θα στέκεται στο πλάι τους
μα θάμαι ωραία και δε θα υποψιασθούνε.

Έπειτα ένα τραγούδι θα ζητήσουνε
μήπως σε μια χλωμή χαρά ελπίσουν,
μα τόσο αληθινό θαν' το τραγούδι μου
που σαστισμένοι θα σωπήσουν.

**ΠΑΝΤΑ ΓΥΡΙΖΩ**

Πάντα γυρίζω εκεί προς τα χαράματα
της όμορφης αγάπης μας. Μην τύχη,
φοβάμαι, το μοιραίο να συντύχη
και φύγουν για τ' αγύριστα περάματα.

Θαρρώ ζωή της δίνω ανακαλώντας
τα πρωτινά φεγγοβολήματά της,
το ανόθευτο μεθύσι μας κοντά της
τα δώρα της περίσσια σπαταλώντας.

Κι' αναζητώ το βλέμμα σου γεμάτο
μιαν αφοσίωση αστέρευτη, σαν έννοια,
σαν έλξη νάταν όλα μαγνητένια,
τόσο όμορφο ήταν, τόσο ήταν γεμάτο.

Αχ! ο κρυφός καημός που μου κρατάει
τη σκέψη σκλαβωμένη στο πρωτάνθι,
ενώ γύρω μας περισσεύουν τάνθη
που αμέριμνα η αγάπη μας σκορπάει.

# Sou a flor

*"Sou a flor pouco a pouco roída pelo verme oculto.*
*Nascido e criado em minha alma o mal se aninha."*

MARIA POLYDURI

**SOU A FLOR**

Sou a flor pouco a pouco roída pelo verme oculto.
Não me atormenta, como as outras, o bravio verão
e de minha face pálida não arrancam uma a uma as folhas.
Os bons e os maus fados embora me tenham emboscado,
como borboletas à minha volta e sinto um calafrio.

Sou a flor pouco a pouco roída pelo verme oculto.
Nascido e criado em minha alma o mal se aninha.
Sou vida e sou morte, nada espero da risonha sorte.
Alço meu corpo alto e belo como não existe outro igual.
Mas quando mostrar aos astros minhas chagas, já estarei morta.

## VIRÁS TARDE

Até quando hei de esperar que voltes outra vez
como que de tempos distantes e estranhas terras do além?
Extingue-se minha vidinha dia após dia,
impotente e terna, apaga-se pouco a pouco…

Ouve como crepitam as folhas nas árvores enlutadas
anunciam o outono. Olha, a cor do céu
turvaram-no as nuvens... Derrama-se um calafrio
pelas florezinhas… e te demoras ainda te demoras!

Virás tarde, com a noite e o frio inverno,
com a mortalha da neve, com o lamento do vento norte
e não encontrarás nenhuma rosa, nenhum lírio inocente
para me dar... nem mesmo uma fúnebre anêmona.

**SONHO**

Não me chegava nem mesmo rumor
na vida em que eu vivia.
E a lembrança desbotada
de todos que amava.

E teu olhar chegou sorrindo
esperança primaveril,
e do que sentia falta
me falou com esperança.

Mas nossas alegrias são aladas
e o outono está
em minha própria voz
que te grita “fica”.

E de teu olhar sorrindo
o sol irá se por
e será esquecido o sonho
antes mesmo de realizar-se.

**"SOTIRIA"** [1]

Que passe já o dia e sua luz.
Por que demora tanto a noite?
nas sombras dos pinheiros uma poltrona
me aguarda.

Apagarão as luzes das alcovas
e o sono virá como desmaio.
Uma cama vazia aqui não dá,
impressão alguma.

Envolver-me-á a escuridão e como
me confundirei em pensamentos profundos,
acreditarei que sou, novamente, algo
deste mundo.

A noite se aprofundará no medo
quando o vendo de súbito chegar.
O eucalipto agitará seus cabelos
com os segredos dos sonhos.

Ouvirei a batalha secreta
do outono, inimigo invencível.
Alegre canção me embalará,
o murmúrio desesperado.

E embora não a espere, sei que virá
aquela gata que ronda à noite,
uma gata que não sabe o que é carinho
e não o dá e não o pede.

Apenas se senta próxima a meus pés,
indiferente ao frio congelante.
discretamente evita meu olhar,
e é como se me conhecesse desde há muito.

---

[1] "Salvação", sanatório público em Atenas. (n.t.)

## PORQUE ME AMASTE

Só canto porque me amaste
em anos passados.
Faça sol, no presságio do verão,
faça chuva, faça neve,
só canto porque me amaste.

Só porque me tomaste em teus braços
uma noite e me beijaste a boca,
só por isso sou bela como lírio aberto
e tenho ainda um arrepio na alma,
só porque me tomaste em teus braços.

Só porque teus olhos me olharam,
com a alma na mirada,
orgulhosa me adornei com a suprema
coroa de minha existência,
só porque teus olhos me olharam.

Só porque te enfatuaste quando eu passava
e em teu olhar vi passar
minha sombra esguia, como sonho
brincando, doendo,
Só porque te enfatuaste quando eu passava.

Porque me chamaste hesitante
e me estendeste os braços
e tinhas em teus olhos o fascínio
– um amor pleno,
porque me chamaste hesitante.

Só porque te agradava
por isso era belo meu passar.
Como se me acompanhasses onde fosse,
como se passasses algures a meu lado.
Só porque te agradava.

Só nasci porque me amaste,
por isso me foi dada a vida.
Na vida ingrata e incompleta,
minha vida foi paga.
Só nasci porque me amaste.

Só para teu amor seleto
agraciou-me a aurora rosas às mãos.
Para que ilumine teu caminho um instante
a noite encheu meus olhos de estrelas,
só para teu amor seleto.

Só porque me amaste tão lindamente
vivi para multiplicar
teus sonhos, belo que feneceste
e assim docemente morro
só porque me amaste tão lindamente.

**EM MINHA CASINHA...**

Era uma vez em minha casinha
a mirra da tranquilidade.
E eu era a canção alada
que se lançava ao redor.

Mas pouco a pouco amargou a melodia
me meus lábios de criança
como se um tempo feroz
nascesse de repente.

Dobrou-se a vontade de meu pai
em seus olhos marinhos
e fecharam-se como se pesassem muito.
Nos quartos afónicos,

Orgulhosa e ereta minha mãe
em suas sandálias adornadas,
pareceu deixar sua alma ser tomada
pensativa como uma dália.

E o destino amargo dos filhos
viver e calar;
folhas de uma planta inútil
espalhados vão.

**(Com os lírios do silêncio...)**

Com os lírios do silêncio que se curvam
em minhas mãos derrotadas;
com pensamentos que em vão perseguem
um ao outro, além das estrelas;

Com olhos que de algo sentem falta,
algo que é completamente ignorado,
como se não vissem, como se não doessem,
olhos exauridos, olhos etéreos;

Fico visualizando e creio.
Não sei no que creio. Folheio
teus poemas e sempre medeio.

Entre teu pensamento e a vontade do infinito.
E como nunca cerro meus olhos
sei que não é mais o engano de um sonho.

## HUMILDADE

Sedutora perfumada a noite novamente
veio até meu pobre quarto;
pediu-me uma risada, minha alegria
e se curvou sobre minha cabeça condenada.

Por que ainda esta sedução comigo?
Outra ofensa a meus sentimentos.
Bem sabe de minha humildade
o grande Universo e o cajado do pastor.

Bem sabe que se os lábios em minha ferida
brincando, com pétalas de rosa, abrir,
um orgulho sempre afogará
até mesmo a maldição em meu silêncio.

## FESTA

A uma festa me convidaram os companheiros.
Não vou negar. Irei para esquecer!
Usarei meu vestido vermelho
e invejarei minha própria beleza.

O morto que tenho em mim com orgulho
e com carinho levarei comigo.
Serei feliz, como misteriosa
enviada da Morte.

Os companheiros condenados em sua festa
por mais que bebam não se embriagarão.
Uma maldição ficará a seu lado,
mas serei bela e não suspeitarão.

Depois pedirão uma canção
talvez esperem por uma pálida alegria,
mas minha canção será tão verdadeira
que confusos silenciarão.

## SEMPRE VOLTO

Sempre volto lá ao amanhecer
de nosso belo amor. Não que,
temo, o fado o encontre
e fujam às paragens sem volta.

Creio que lhe dou vida relembrando
seus primeiros vislumbres,
nossa pura embriaguez a seu lado
desperdiçando suas dádivas sem medidas.

E busco teu olhar pleno,
uma devoção sem fim, como conceito,
como atração como se tudo fosse magnético:
tão belo era, tão pleno.

Ah! a dor oculta que me mantém
o pensamento escravizado à flor primeira,
quando ao redor de nós sobram as flores
que nosso amor descuidado espalha.

# LABOR DE POETA
## LORINE NIEDECKER

**O TEXTO:** Seleção com quatro poemas de Lorine Niedecker que integram sua *Collected Works*: "Poet's work" e "I knew a clean man", originalmente publicados em *North Central*, de 1968, e "We are what seas" e "Fall", publicados em *My Life by Water*, de 1970, seus últimos livros publicados em vida que, fugindo da tendência surrealista adotada ao início de sua poesia, retratam mais diretamente a realidade social e política de seu ambiente rural imediato.

**Texto traduzido:** Niedecker, Lorine. *Collected Works*. Edited by Jenny Penberthy. Berkeley: University of California Press, 2002.

**A AUTORA:** Lorine Niedecker (1903-1970), poeta estadunidense, nasceu em Blackhawk Island, Wisconsin. Após enfrentar diversas dificuldades pessoais, de familiares a financeiras, teve um início tardio na poesia. Seu primeiro livro, *New Goose*, de 1946, foi publicado quando a poeta já contava com 43 anos de idade. É a única mulher a participar do grupo dos poetas objetivistas, integrado também por Louis Zukofsky e William Carlos Williams, que buscavam tratar o poema como um objeto, enfatizando nele a capacidade de o poeta olhar claramente para o mundo. Pela delicadeza e concretude, sua poesia foi comparada à oriental, enquanto que sua verve poética, à de Emily Dickinson.

**A TRADUTORA:** Thais M. Giammarco é mestra em Teoria Literária pela Unicamp e entusiasta da tradução e da poesia.

"Aprendi a sentar à mesa e condensar."

"I learned to sit at desk and condense."

# Poet's work

*"I learned to sit at desk and condense."*

LORINE NIEDECKER

## POET'S WORK

Grandfather
    advised me:
        Learn a trade

I learned
    to sit at desk
        and condense

No layoff
    from this
        condensery

*

I knew a clean man
but he was not for me.
Now I sew green aprons
over covered seats. He

wades the muddy water fishing,
fall in, dries his last pay-check
in the sun, smooths it out
in *Leaves of Grass*. He's
the one for me.

*

We are what the seas
have made us

longingly immense

the very veery
on the fence

**FALL**

We must pull
the curtains –
we haven't any
leaves

# LABOR DE POETA

*"Aprendi a sentar à mesa e condensar."*

LORINE NIEDECKER

**LABOR DE POETA**

Aprenda
    um ofício,
        vovô disse

Aprendi
    a sentar à mesa
        e condensar

Não há dispensa
    daqui dessa
        condensação

*

Eu conheci um homem limpo
mas ele não era para mim.
Hoje costuro aventais verdes
sobre assentos cobertos. Ele

anda pela água lamacenta pescando,
outono adentro, seca seu último salário
ao sol, e o desamarrota
nas *Folhas de Relva*. Ele é
o único para mim.

*

Nós somos o que os mares
fizeram de nós

saudosamente imensos

o próprio sabiá
sobre a cerca

**OUTONO**

Precisamos fechar
as cortinas –
nós não temos nenhuma
folha

# Inocência
## Silvina Ocampo

**O texto:** Seleção com dez poemas de Silvina Ocampo publicados no livro póstumo *Poesia inédita y dispersa*, de 2001, organizado pela escritora argentina Noemí Ulla a partir dos originais que lhe foram concedidos por Adolfo Bioy Casares, marido de Ocampo. Até então, excetuando alguns poucos que haviam sido publicados em suplementos literários e revistas em vida por Ocampo, os poemas que integram a coletânea achavam-se inéditos. As composições selecionadas fazem parte da seção "Poemas breves", oferecendo uma mostra de sua poesia, que teve início pelos caminhos da pintura, culminando na página escrita. Ocampo intensifica a máxima horaciana de que a poesia deve ser como a pintura.

**Texto traduzido:** Ocampo, Silvina. *Poesía inédita y dispersa*. Selección, prólogo y notas de Noemí Ulla. Buenos Aires: Emecé Editores, 2001.

**A autora:** Silvina Ocampo (1903-1993), escritora, contista e poeta argentina, nasceu em Buenos Aires. Iniciou sua carreira literária publicando poemas e contos na revista *Sur*, dirigida pela irmã Victoria Ocampo, estreando com o livro *Viaje olvidado*, de 1937. Ao lado do marido Bioy Casares e Borges, em 1940 lançou a *Antología de la literatura fantástica*, reunindo 75 contos dos mais variados autores. Foi também tradutora literária e artista plástica, tendo estudado pintura e desenho em Paris, onde teve contato com Giorgio de Chirico, mestre do surrealismo que exerceu enorme influência em sua pintura. Foi homenageada com o Prêmio Nacional de Poesia argentina em duas ocasiões, em 1953 e 1962.

**O tradutor:** Juan Manuel Terenzi é escritor, tradutor e doutorando em Teoria Literária pela UFSC, estudioso da obra de Samuel Beckett. É autor do livro de poemas *Fissuras* (Caiaponte) e tem artigos, traduções, poemas e contos publicados em diversas revistas nacionais e internacionais, sendo membro do corpo de tradutores da revista *Longitudines*.

"Conheci a luxúria dentro do catecismo."

"Conocí la lujuria dentro del catecismo."

# INOCENCIA

*“El* ser *más inesperado es uno mismo.”*

SILVINA OCAMPO

**LA ESFINGE**

El ser más inesperado es uno mismo:
hasta las esfinges nos miran con ojos asombrados.

## RUBOR

Existe una tristeza
de estar triste y también
existe una vergüenza
cruel de tener vergüenza.

## SACRIFICIOS PUROS

Le basta a la mentira, la mentira.
¡Pero cuántas mentiras la verdad necesita
para que la comprendan!

## ÚNICA SABIDURÍA

Lo único que sabemos
es lo que nos sorprende:
que todo pasa, como
si no hubiera pasado.

## CUADRO APÓCRIFO

La santa se convierte en prostituta;
el león, el mono, el ángel, el pez en un jardín;
cuatro niños que juegan a la mancha, en una playa.
Con las vicisitudes del tiempo o casualmente
aparece en la tela de un cuadro otra pintura
que fue la original ¡como nuestros recuerdos!

## VANIDAD DE VANIDADES

Vivimos para una casa
que no podremos construir,
para un viaje que no haremos
y para un libro que nunca
llegaremos a escribir;
como un dibujo trazado
en una hoja cuyos límites
exiguos no han permitido
la inclusión total de un plano.

## ESTADO DE GRACIA

Con qué bondad nos escuchaba Dios
cuando aún no sabíamos hablar.

**INOCENCIA**

Conocí la lujuria
dentro del catecismo
blanco de mi primera
comunión, con la pura
prematura lujuria.

**EL AGUA**

El agua de la lluvia
y el agua del arroyo
no son tan persistentes
como ella cuando llora.

## SOLEDAD

En algunas personas
amamos a personas
que no existen ya;
en otras, amamos a nadie,
ni a esa misma persona.

# INOCÊNCIA

*"O* ser *mais inesperado és tu mesmo."*

SILVINA OCAMPO

## A ESFINGE

O *ser* mais inesperado és tu mesmo:
até as esfinges nos olham com olhos assombrados.

**RUBOR**

Existe uma tristeza
de estar triste e também
existe uma vergonha
cruel de ter vergonha.

## SACRIFÍCIOS PUROS

A mentira é suficiente à mentira.
Mas quantas mentiras a verdade necessita
para que a compreendam!

## ÚNICA SABEDORIA

O único que sabemos
é o que nos surpreende:
que tudo passa, como
se não tivesse passado.

## QUADRO APÓCRIFO

A santa se converte em prostituta;
o leão, o macaco, o anjo, o peixe em um jardim;
quatro meninos que brincam de pega-pega, em uma praia.
Com as vicissitudes do tempo ou casualmente
aparece na tela de um quadro outra pintura
que foi a original, como as nossas lembranças!

**VAIDADE DE VAIDADES**

Vivemos para uma casa
que não poderemos construir,
para uma viagem que não faremos
e para um livro que nunca
chegaremos a escrever;
como um desenho traçado
em uma folha cujos limites
reduzidos não permitiram
a inclusão total de um plano.

**ESTADO DE GRAÇA**

Com quanta bondade nos ouvia Deus
quando ainda não sabíamos falar.

## INOCÊNCIA

Conheci a luxúria
dentro do catecismo
branco da minha primeira
comunhão, com a pura
prematura luxúria.

## A ÁGUA

A água da chuva
e a água do riacho
não são tão persistentes
como ela quando chora.

## SOLIDÃO

Em algumas pessoas
amamos pessoas
que não existem mais;
em outras, não amamos ninguém,
nem mesmo essa pessoa.

# Ameaças de temporal
## Antonia Pozzi

**O texto:** Dispostos em formato de diário, com a apresentação do local e da data quando foram elaborados, os poemas de Antonia Pozzi são essencialmente autobiográficos, estando relacionados a momentos marcantes de sua vida. Nesta seleção, que apresenta 10 poemas da coletânea *Parole*, Pozzi registra sua vivência nas montanhas da Lombardia, ao norte da Itália, e em outras paisagens naturais, manifestando de maneira delicada e melancólica uma conexão profunda entre sua sensibilidade, que advém de seu enorme poder de observação e introspecção, e os elementos da natureza.

**Texto traduzido:** Pozzi, A. *Parole*. A cura di A. Cenni e O. Dino. Milano: Garzanti, 1989.

**A autora:** Antonia Pozzi (1912-1938), poeta italiana, nasceu em Milão. Considerada uma das vozes mais originais da poesia moderna italiana, manifesta tanto influências do Crepuscularismo quanto do expressionismo alemão, ao desenhar atmosferas desoladas, mas carregadas de sensibilidade. Reservada como suas palavras, buscava transferir peso e substância às imagens e difundir sentimento nas coisas transfiguradas. Seus mais de trezentos poemas, escritos entre 1929 e 1938, foram publicados postumamente cerca de um ano após seu suicídio, em 1938, aos 26 anos de idade. A primeira edição de seu livro *Parole. Liriche* foi publicada em 1939, com 91 poesias, alcançando, na 4ª edição, *Parole. Diario di poesia*, de 1964, 176 composições, que foram reunidas em *Parole. Tutte le poesie*, de 2015.

**A tradutora:** Milene Santos Couto cursa bacharelado e licenciatura em Letras Português/Italiano na UERJ e especialização em Tradução na PUC-Rio. É revisora, tradutora e membro do corpo editorial da *Revista de Comunicação Dialógica* da UERJ.

"Para molhar de chuva a minha raiva ressequida."

"Per inaffiare di pioggia la mia stizza rinsecchita."

# MINACCE DI TEMPORALE

*"Parole – vetri che infedelmente*
*rispecchiate il mio cielo."*

ANTONIA POZZI

## ODORE DI FIENO

Chissà da dove esala
quest'odore di fieno:
ha la pesantezza d'una'ala
che giunga da troppo lontano.
Si affloscia, si lascia piombare
su me, con abbandono insano,
come l'alito di una creatura
che non sappia più continuare.
Tutte le lagrime di questo ignoto interrotto cammino
tremolano nella mia anima impura,
come il tintinnio roco di quel grillo, in giardino,
che rode la solitude oscura.

Milano, 1° giugno 1929

## SERA D'APRILE

Batte la luna soavemente
di là dai vetri
sul mio vaso di primule:
senza vederla la penso
come una grande primula anch'essa,
stupita,
sola,
nel prato azzurro del cielo.

Milano, 1° aprile 1931

## GIOIA

Lo splendore del sole
ti abbacinava ieri
dolendo
come la piaga
nelle pupille del cieco.
Ma oggi
lo splendore del sole
non è abbastanza lucente
per la lucentezza tua:
nell'infinito mondo non c'è
che questo tuo splendore
vero.

6 marzo 1932

## ALBA

E quando sarà nato
tu aprirai la finestra
perché possiamo vedere
tutta l'alba –
tutta l'alba fiorire
nel nostro cielo –
Ed egli dormirà –
piccino –
nella sua culla bianca
e la luce sarà
su lui
lacrimata
negli occhi suoi
dal mio pianto.

2 febbraio 1933

## DISTACCO DALLE MONTAGNE

Questa è la prova
che voi mi benedite –
montagne –

se nell'ora del distacco
la vostra chiesa m'accoglie
con la sua bianchezza di sole
e abbraccia forte la mia
malinconia
col canto
delle campane di mezzogiorno –

Nella piccola piazza
una donna ridente
vende le prugne rosse e gialle
per la mia ardente
sete –

sul gradino di pietra
della fontana
luccica la lama
di una piccozza –

l'acqua diaccia gela
il riso in bocca
a un fanciullo –
stampa lo stesso riso
sulla mia bocca –

Questa è la vostra
benedizione –
montagne.

Valtournanche, 30 luglio 1933
Pasturo, 23 agosto 1933

## RIFLESSI

Parole – vetri
che infedelmente
rispecchiate il mio cielo –

di voi pensai
dopo il tramonto
in una oscura strada
quando sui ciotoli una vetrata cadde
ed i frantumi a lungo
sparsero in terra lume –

26 settembre 1933

**NON SO**

Io penso che il tuo modo di sorridere
è più dolce del sole
su questo vaso di fiori
già um poco
appassiti –

penso che forse è buono
che cadano da me
tutti gli alberi –

ch'io sia un piazzale bianco deserto
alla tua voce – che forse
disegna i viali
per il nuovo
giardino.

4 ottobre 1933

**DESIDERIO DI COSE LEGGERE**

Giuncheto lieve biondo
come un campo di spiahe
presso il lago celeste

e le case di un'isola lontana
color di vela
pronte a salpare –

Desiderio di cose leggere
nel cuore che pesa
come pietra
dentro una barca –

Ma giungerà una sera
a queste rive
l'anima liberata:
senza piegare i giunchi
senza muovere l'acqua o l'aria
salperà – con le case
dell'isola lontana,
per un'alta scogliera
di stelle –

1° febbraio 1934

## PAUSA

Mi pareva che questa giornata
senza te
dovesse essere inquieta,
oscura. Invece è colma
di una strana dolcezza, che s'allarga
attraverso le ore –
forse com'è la terra
dopo uno scroscio,
che resta sola nel silenzio a bersi
l'acqua caduta
e a poco a poco
nelle più fonde vene se ne sente
penetrata.

La gioia che ieri fu angoscia,
tempesta –
ora ritorna a brevi
tonfi sul cuore,
come un mare placato:
al mite sole riapparso brillano,
candidi doni,
le conchiglie che l'onda
lasciò sul lido.

7 dicembre 1934

## MINACCE DI TEMPORALE

Al crepuscolo
l'arroganza chioccia dei passeri
a sforbiciare l'acquoso cielo
per inaffiare di pioggia
la mia stizza rinsecchita.

26 aprile 1929

# AMEAÇAS DE TEMPORAL

*"Palavras – vidros que de forma infiel*
*refletem o meu céu."*

ANTONIA POZZI

## CHEIRO DE FENO

Quem sabe de onde exala
este cheiro de feno:
tem o peso de uma asa
que chega de muito longe.
Afrouxa-se, deixa-se cair
sobre mim, com abandono insano,
como o hálito de uma criatura
que não consegue mais continuar.
Todas as lágrimas deste ignoto e interrompido caminho
tremem na minha alma impura,
como o  tilintar rouco daquele grilo, no jardim,
que corrói a sombria solidão.

Milão, 1° de junho de 1929

**NOITE DE ABRIL**

A lua bate suavemente
além das vidraças
em meu vaso de prímulas:
sem vê-la me sinto
como uma grande prímula também,
maravilhada,
solitária,
no prado azul do céu.

Milão, 1º de abril de 1931

**ALEGRIA**

O esplendor do sol
te ofuscava ontem
doendo
como uma chaga
nas pupilas dos cegos.
Mas hoje
o esplendor do sol
não está iluminado o suficiente
para a tua luz própria:
no mundo infinito não há nada
como o teu esplendor
verdadeiro.

6 de março de 1932

## AMANHECER

E quando ele nascer
tu abrirás a janela
para que possamos ver
todo o amanhecer –
todo o amanhecer florescer
em nosso céu –
E ele dormirá –
pequenino –
em seu berço branco
e a luz será
sobre ele
derramada
em seus olhos
pelo meu pranto.

2 de fevereiro de 1933

## DISTANTE DAS MONTANHAS

Esta é a prova
de que vós me abençoais –
montanhas –

se no momento que me distancio
a vossa igreja me acolhe
com a sua brancura solar
e abraça forte a minha
melancolia
com o canto
dos sinos de meio-dia –

Na pequena praça
uma senhora sorridente
vende ameixas vermelhas e amarelas
para a minha ardente
sede –

no degrau de pedra
da fonte
brilha a lâmina
de uma picareta –

a água fria congela
o riso na boca
de uma criança –
o mesmo riso se manifesta
na minha boca –

Esta é a vossa
benção –
montanhas.

Valtournanche, 30 de julho de 1933
Pasturo, 23 de agosto de 1933

**REFLEXOS**

Palavras – vidros
que de forma infiel
refletem o meu céu –

penso em você
depois do pôr do sol
numa estrada escura
quando um vidro cai sobre as pedras
e os fragmentos demoradamente
se espalham na luz da terra –

26 de setembro de 1933

## EU NÃO SEI

Creio que o teu modo de sorrir
é mais doce que o sol
neste vaso de flores
já um pouco
murchas –

penso que talvez seja bom
que caiam de mim
todas as árvores –

que eu seja um quintal branco e deserto
para tua voz – que talvez
desenhe as aleias
para o novo
jardim.

4 de outubro de 1933

## DESEJO DE COISAS LEVES

Juncal leve e louro
como um campo de espigas
junto ao lago celeste

e as casas de uma ilha distante
cor de vela
prontas para zarpar –

Desejo coisas leves
no coração que pesa
como pedra
dentro de um barco –

Mas chegará uma noite
nessas margens
a alma liberta:
sem curvar os juncos
sem mover a água ou o ar
zarpará – com as casas
da ilha distante,
para um alto penhasco
de estrelas –

1º de fevereiro de 1934

**PAUSA**

Pareceu-me que este dia
sem ti
seria inquieto,
sombrio. Em vez disso, está repleto
de uma estranha doçura, que aumenta
com o passar das horas –
quase como a terra
depois de uma chuvarada,
que fica sozinha no silêncio bebendo
a água que cai,
e pouco a pouco
nas veias mais profundas se sente
penetrada.

A alegria que ontem foi angústia,
temporal –
agora volta com breves
batidas no coração,
como um mar calmo:
à luz suave do sol que reapareceu brilham,
cândidas oferendas,
as conchas que a onda
deixou na praia.

7 de dezembro de 1934

## AMEAÇAS DE TEMPORAL

No crepúsculo
a arrogância rouca dos pardais
recorta o céu aquoso
para molhar com chuva
a minha raiva ressequida.

26 de abril de 1929

# O UNIVERSO É A PÁTRIA

## EMILIA AYARZA

**O TEXTO:** Seleção com quatro poemas de Emilia Ayarza: “Imprecación”, “Tríptico del adiós” e “A Cali ha llegado la muerte”, extraídos de *Voces al mundo*, de 1957, e “El universo es la patria’, de homônima obra, de 1962. Nas composições, que rompem com a tradição tanto na forma quanto na escrita, nota-se a versatilidade de Ayarza, cuja obra transita entre os olhares intimista e social, ao expor, de um lado, seus sentimentos acerca do mundo com maestria, e de outro, usar a poesia como testemunho e denúncia da trágica memória histórica de seu país e região.

**Textos traduzidos:** Ayarza, Emilia. *Voces al mundo*. Bogotá: Lumbre, 1957; *El universo es la patria.* México: B. Costa-Amic Editor, 1962.

**A AUTORA:** Emilia Ayarza (1919-1966), poeta e escritora colombiana, nasceu em Bogotá. Doutora em filosofia e letras pela Universidade dos Andes, além de poesia, escreveu também narrativa e deixou um romance inédito, *Hay un árbol contra el viento*. Era uma autora preocupada com as disputas sociais que ocorriam na Colômbia, tendo se exilado no México e passado os últimos anos de sua vida em Los Angeles. Na década de 1940, foi uma das primeiras colunistas mulheres do jornal colombiano *El Tiempo*, onde discutia temas feministas. Embora tenha feito parte de uma geração pioneira de mulheres escritoras na Colômbia, sua obra poética foi esquecida até 1996, quando se publicou sua primeira antologia, *Sólo el canto*.

**OS TRADUTORES:** Ángela Cuartas é doutoranda em Letras, na área de Escrita Criativa, na PUC-RS. É autora da novela *Ceiba*, publicada na Colômbia e no Equador, e tem contos e poemas publicados em revistas e antologias colombianas e nacionais.

Diego Grando é doutor em Letras pela UFRGS. Realiza estágio de pós-doutorado na PUC-RS, onde também é professor colaborador no Programa de Pós-Graduação em Letras, na área de Escrita Criativa.

"Eu sou esta mulher larga de corpo que não crê nos limites nem nos idiomas."

"Yo soy esta mujer ancha de cuerpo que no cree en los límites ni en los idiomas."

# EL UNIVERSO ES LA PATRIA

*"Yo soy esta mujer ancha de cuerpo*
*que vive en medio de la raza humana."*

EMILIA AYARZA

**IMPRECACIÓN**

En vano nuestra carne
alzará el hijo en el tallo fatal de su potencia.
En vano la soledad se mirará de frente
y se hará una estatua sola
como un hombre que descubre la muerte entre sus venas.
El hijo vendrá, como la hierba y los caminos,
sabiéndose primero que la tierra
viviéndose adentro de su dermis
y desnudo como el día que lo engendraron.

Su justa tentación de ala
será nula cuando sepa
que es un insignificante payaso de los huesos
y ocultará entonces sus remos de diamante.

Oh! tiempo sin hechura de sueño.
Oh! absurdo porvenir de alondra.
Oh! inútil entraña iluminada.
Cuando en el vientre dibujes ojeras a la madre
– desde tu breve condición de péndulo –

ya será recordada tu sustancia en los gusanos
y las lágrimas se habrán colocado primero que los ojos.

Tu sangre que circula
– como la sombra de los caminantes bajo su rota sandalia –
iniciará en tus cartílagos su crucero de cadáveres,
su serie de hombres sin poblar,
su viaje de tumbas, su colmenar de viudas,
mientras la tierra misma empujará
como un ratero, las palabras a tu boca.

Hijo que naces como lirio en decadencia:
La muerte está pegada a tus arterias
como estarás tú luego al seno de la madre.
Lentamente caerá el odio sobre tu adolescencia
en tanto que el sol, como puñal,
se clavará al pecho de los árboles.

Y tú, adentro de tu savia,
conocerás antes que el pan la rigidez del trigo.
Antes que el amor tu corazón de arena.
Buscarás en vano la clave de la rosa,
la fecha del ala y un poblado profundo,
la hora vespertina en los pastores,
la palabra no dicha de la lluvia
o simplemente un cielo diáfano u desnudo
como una hembra azul.

En vano increparás.
Tu nacimiento es un hermano más que cae.
No alcanzarás a existir en la tibieza de la piel
porque se derramará tu sangre como una vena agraria
sobre los surcos abiertos de cadáveres.

Si naces, niño nuestro, resurrecto del caos,
preguntarán los pasos del crimen por tus pies
y una bandera – de la cual el viento hará un retrato –
te enseñará su himno fratricida.

A eso vienes.
A brotar de tu madre como una bayoneta.
A quitarle a sus hombros el sitio de las frutas
para amoldar el fusil a tu estatura.
A eso naces.

A borrar los senos de tu madre de su mapa fecundo.
A sembrar la flor inútil en el jardín de su vientre.

Ya no damos hijos, pequeños hijos,
sino monstruos de botas y dimensión felina.

Ah! nuestras entrañas como un mar adentro
ahora derrotadas sobre playas de sangre.
Ah! nuestra piel de agapantos susceptibles,
nuestras sienes en la torre del sueño
y la abeja inverosímil de los labios.

Cuánta semilla vana bajo el paladar.
Cuántos paisajes de hojas en la estación del viento.
Cuántos potros de luna en el silencio!
Cuánto futuro en el vaivén de la cuna
que albergaba un guerrero, como si fuera un niño…

Qué absurdo vuestro nombre
Alberto, Jorge, Luís, Álvaro, Rodrigo, Francisco.
Qué absurdas las vigilias para inventar el cauce
de la miel!
Si cualquier día os harán el festín de los gusanos
y os pondrán la carne amarilla y nauseabunda
como un charco de donde huyen las estrellas.

No. Ya no damos hijos. Esos pequeños hijos
que nuestra leche sitúa entre los hombres.
Ahora nuestro vientre
es el primer recinto de las bestias.
Ahora las criaturas

por las que nos ponemos a nivel con Dios
son un pretérito ejército de búhos.

Maldice nuestros vientres, señor del pan y el agua!
Maldícelos! Maldícelos!
Nuestros hijos están entre la muerte
como el alma del hombre entre su estatua!

## TRÍPTICO DEL ADIÓS

### I

Tal vez llegue un lunes.
Tal vez esté lloviendo.
Tal vez sobre el tejido haya un poco de sol.
Tal vez en las ventanas hay frentes. Humo o nada.
Tal vez cruce un payaso
con un circo llorando en el tambor.
Tal vez sea un día con niños y banderas
un día asnos y borrachos.

Tal vez haya puesto un sábado
su víspera de fiesta en las esquinas.
Puede ser que una modista y un labriego
aúnen su sexo, su moneda y su desvelo.
Quizás una mujer de vientre encandilado
busque entre los hombres un rosto para el hijo.
Quizás algún adolescente sueñe con la ternura de Hamlet
o la hierba…
Quizás no pase nada.
Tal vez sobre los vientos
escriban las campanas su palabra nupcial
o sostengan los perros el clima de la noche.
Tal vez alguien necesite un libro abierto. Una mujer.
Una melancolía pequeña.
Una caja fuerte. Una droga. Un nieto con ojos de abanico.
Un ejército de ranas. Un grillo displicente.
O una bodega donde el vino
cante operetas y esté – como la sangre – tibio.
Tal vez no quiera nada.
Tal vez haya empezado la estación del tiempo
en la memoria de la primavera.
Porque el adiós no llega la noche del vestido
nuevo y los cerrojos.
Ni el momento en que la luz y las hendijas
escogen el arma
para la certera indiscreción del duelo.

El adiós llega la noche en que uno dice “irremediable”.
La tarde en que uno piensa “inseparable”.
El día en que uno llora para siempre!

**II**

Es la simpleza del vacío.
La algarabía de los idiotas que nos hace sonreír.
Es una vieja palabra sin estribos.
Es el tren. Las hojas. Los vocablos al borde de la lengua.
El luto de las noches.
La histeria de los pueblos a las seis de la tarde.
La angustia entre el vientre y el recién parido.
Entre las puertas y el aliento.
El adiós es el breve onomástico del caos!

**III**

El adiós llega la noche en que se va el tacto de las manos.
La tarde en que la hora se roba el contorno de los pinos.
El día en que el sol en el espejo
sabe que es un dios amarillo y sempiterno.
El momento en que lloramos
y el llanto se desnuda y enfila su cuerpo hacia la muerte.
Llega cuando los novios estrenan la pausa de su lengua
Y su silencio construye una casa con flores
o bautiza los hijos.
Cuando una montaña eleva su cuerpo de distancia
y certifican el limbo, las tumbas y los barcos…
Cuando caen los pañuelos como nieve en el olvido.
Y desatan los caballos sus cuerpos sagitarios,
llega el adiós.
El adiós es liso.
Nublado.
Ruginoso…

## A CALI HA LLEGADO LA MUERTE

No.
Ni la sangre de polvo.
Ni el rumor de las venas sub-terrestres.
Ni los ojos de antiguas polillas vagabundas.
Ni los hombres de párpados doblados.
Ni la casulla del viento.
Ni la tierra pintada de frutos en la tarde.

No.
Nada.
Ni el sexo que comienza en la lengua de los niños.
Ni los pastores de culebras.
Ni las esquinas infieles sobre las ventanas.
Ni la dignidad de los trapiches
sostenida en el breve equilibrio de la caña.
Ni el transparente río que se hunde por los muslos de Cali.

No.
Nada.
Ni las almadías del sueño.
Ni el somnoliento camello de la cordillera.
Ni el monólogo amarillo del sol en el espacio.
Ni la paz de los escarabajos.
Ni la mariposa pintora.
Ni el grillo concertista.
Ni la boñiga de oro.

Ni los geranios, ni las bicicletas
que absorben con sus esponjas de silencio
la tibia pereza de los muros.

No.
Nada.
Ni el candor de las escuelas que traza palotes de ausencia en los tableros.
Ni los borrachos que miran fijamente a la ventera
y le derraman el corazón entre las trenzas.

Ni las polleras de los siete-cueros.
Ni la barba de cristal de los torrentes.
Ni los panales detrás de las ortigas
Ni los bueyes de artificial melancolía.
No.
Nada pudo detener la muerte.
Llegó a Cali navegando
y los corceles del Océano Pacífico
la saludaron volcando sus belfos espumeantes en la playa.
Llegó por el pito de los buques
por las banderas de los guacamayos
por el ojo de las agujas que remienda el pudor de las modistas
por la voz de los muertos en los árboles
por los billetes rubios
por el alma incolora de los camioneros
por los ojos trasnochadores de los naipes
por la felina displicencia de los grandes
por la rosa ignorante
por el paisaje de zapatos sin huella.

Llegó sin pasaporte y cruzó la frontera
caminando sobre el miedo rosado de los niños
por el clavicordio dorado de los campanarios
por el pelo de agua de los cosos
por la sencillez de los pueblos
donde los campesinos y las almojábanas se encaran con el sol
y los mendigos pegan su coto a las ventanillas del tren.

Llegó sin autorización de los muertos
que se salieron de sus tumbas
a protestar en un mitin putrefacto y amarillo.

Llegó por en medio de las garzas
los taladros
por entre el múltiple corazón de pitahayas
por la flor que se colocan las solteronas tras la oreja
por los solares donde hacen venias al viento los interiores parroquiales
y un tulipán oye misa diariamente.

Por cerca de los gallos
que creen en la blancura de los huevos
por los tejados donde los zuros escriben la epopeya de los celos
y los gatos y la luna
forman siete lechos y un violín.

Invadió los palacios, las haciendas
los ranchos y las niñas de capul.
Invadió el cielo y sus altos corderos extraviados.
Invadió la secreta desnudez de los cadáveres.
(La ciudad era un racimo de plomo derretido
y la muerte le salía a bocanadas).

La historia de Cali dejó de ser un río deliberadamente puro
por cuyas ondas los días eran barcos de vidrio.

El rojo fue una lluvia sostenida en el aire
y entre los montes de cristal la sangre
dibujará para siempre vitrales en la sombra!

¡Hay que llorar desesperadamente!

## EL UNIVERSO ES LA PATRIA

Yo soy esta mujer ancha de cuerpo
hormonal, de frente.
Esta mujer con el sistema solar bajo la dermis
con las extremidades, los bronquios y la pluma saludables;
esta mujer que le corta las venas al silencio
para fluir desesperadamente.
Yo soy esta mujer ancha de cuerpo
esta mujer que no cree en los límites ni en los idiomas
que no cree en cuatro docenas de himnos nacionales
ni en determinados colores de bandera.
Esta mujer que respira con aire general
que establece la canción humana
el hermano mundial
el hombre cósmico
el niño incoloro
y una sola bandera
blanca como la sal de los enanos
blanca como la córnea de los negros
blanca como los huesos de los blancos
blanca como la leche que toman los lapones
colectivamente blanca
decididamente blanca.
Yo soy esta mujer ancha de cuerpo
que vive en medio de la raza humana
que llora a veces lágrimas de Argelia
o se sacude al compás del estertor de Chile.
Esta mujer que se desvela en el Congo
que tiene hambre en La China
que ostenta sin cerrar la cicatriz de Pearl Harbor
que pierde el sentido y la noción
ante la cesárea que descuaja
el dorado vientre de Berlín.
Esta mujer que pertenece al dominio de la luna de Moscú
que tiene la serena languidez de Suiza
el color de la melancolía de Colombia
o el escándalo gris de Nueva York.

Esta mujer propietaria del mar, de la tierra,
del cielo, del viento y las estrellas
esta mujer que besa en la boca a los mudos
que llora por las cuencas de los ciegos
que grita por el cáncer de los hombres
y dispersa una sinfonía entre los sordos.
Esta mujer llena de amor
que le fluye por los dedos de la mano
por los hilos del cerebro
por la madeja del pelo
por la leche de los senos
por la cal del esqueleto.
Esta mujer llena de amor por el odio y la vigilia.
Por la muerte y el aborto.
Por la madre de Imbécil.
Por el hermano de Mediocre.
Por el padre de Anormal.
Por el hijo de Asesino.
Por la novia de Impotente.
Yo soy esta mujer ancha de cuerpo
hormonal, de frente.
Esta mujer con la risa grande y los dientes de frontera
declarando definitivamente
desde el amoroso territorio de su corazón
¡El Universo como Patria!

# O UNIVERSO É A PÁTRIA

*"Eu sou esta mulher larga de corpo*
*que vive em meio à raça humana."*

EMILIA AYARZA

## IMPRECAÇÃO

Em vão nossa carne
erguerá o filho no caule fatal de sua potência.
Em vão a solidão se olhará de frente
e fará de si uma estátua só
como um homem que descobre a morte entre suas veias.
O filho virá, como a relva e os caminhos,
sabendo-se primeiro do que a terra
vivendo-se por dentro de sua derme
e nu como no dia em que foi gerado.

Sua justa tentação de asa
será nula quando souber
que é um insignificante palhaço dos ossos
e então ocultará seus remos de diamante.

Oh! tempo sem feitura de sonho.
Oh! absurdo porvir de cotovia.
Oh! inútil entranha iluminada.
Quando no ventre desenhares olheiras à mãe
– de tua breve condição de pêndulo –

já será recordada tua matéria nos vermes
e as lágrimas terão sido colocadas antes que os olhos.

Teu sangue que circula
– como a sombra dos caminhantes sob a sandália gasta –
iniciará em tuas cartilagens um cruzeiro de cadáveres,
uma série de homens sem povoar,
uma viagem de tumbas, uma colmeia de viúvas,
enquanto a própria terra empurrará
como um larápio, as palavras à tua boca.

Filho que nasces como lírio em decadência:
A morte está colada às tuas artérias
como estarás tu depois ao peito da mãe.
Lentamente o ódio cairá sobre tua adolescência
enquanto o sol, como punhal,
será cravado no peito das árvores.

E tu, dentro de tua seiva,
conhecerás antes que o pão a rigidez do trigo.
Antes que o amor teu coração de areia.
Buscarás em vão o código da rosa,
a dia da asa e um povoado profundo,
a hora vespertina entre os pastores,
a palavra não dita da chuva
ou simplesmente um céu diáfano e nu
como uma fêmea azul.

Em vão protestarás.
Teu nascimento é mais um irmão que cai.
Não chegarás a existir na tepidez da pele
porque teu sangue será derramado como uma veia agrária
sobre os sulcos abertos de cadáveres.

Se nasceres, menino nosso, ressuscitado do caos,
os passos do crime perguntarão por teus pés
e uma bandeira – da qual o vento fará um retrato –
te ensinará seu hino fratricida.

Para isso vens.
Para brotar de tua mãe como uma baioneta.
Para tomar de seus ombros o lugar das frutas
a fim de ajustar o rifle à tua estatura.
Para isso nasces.

Para apagar os seios de tua mãe de seu mapa fecundo.
Para semear a flor inútil no jardim de seu ventre.

Já não damos filhos, pequenos filhos,
mas monstros de botas e dimensão felina.

Ah! nossas entranhas como um mar adentro
agora derrotadas sobre praias de sangue.
Ah! nossa pele de agapantos suscetíveis,
nossas têmporas na torre do sonho
e a abelha inverossímil dos lábios.

Quanta semente vã sob o paladar.
Quantas paisagens de folhas na estação do vento.
Quantos potros de lua no silêncio!
Quanto futuro no vaivém do berço
que abrigava um guerreiro, como se fosse um menino...

Que absurdos seus nomes
Alberto, Jorge, Luis, Álvaro, Rodrigo, Francisco.
Que absurdas as vigílias para inventar o leito
do mel!
Se algum dia fizerem de vós o banquete dos vermes
vos deixarão com a carne amarela e nauseabunda
como um charco de onde fogem as estrelas.

Não. Não damos mais filhos. Esses pequenos filhos
que nosso leite situa entre os homens.
Agora nosso ventre
é o primeiro recinto das feras.
Agora as criaturas

pelas quais nos colocamos ao nível de Deus
são um pretérito exército de corujas.

Amaldiçoe nossos ventres, senhor do pão e da água!
Amaldiçoe-os! Amaldiçoe-os!
Nossos filhos estão entre a morte
como a alma do homem entre sua estátua!

## TRÍPTICO DO ADEUS

### I

Talvez chegue uma segunda-feira.
Talvez esteja chovendo.
Talvez sobre o tecido haja um pouco de sol.
Talvez nas janelas haja frentes. Fumaça ou nada.
Talvez passe um palhaço
com um circo chorando no tambor.
Talvez seja um dia com crianças e bandeiras
um dia asnos e bêbados.

Talvez tenha colocado um sábado
sua véspera de feriado nas esquinas.
Pode ser que uma costureira e um camponês
unam seu sexo, sua moeda e seu desvelo.
Quiçá uma mulher de ventre incendiado
busque entre os homens um rosto para o filho.
Quiçá algum adolescente sonhe com a ternura de Hamlet
ou a relva...
Quiçá nada aconteça.
Talvez sobre os ventos
escrevam os sinos sua palavra nupcial
ou sustentem os cães o clima da noite.
Talvez alguém precise de um livro aberto. Uma mulher.
Uma melancolia pequena.
Uma caixa-forte. Um remédio. Um neto com olhos de leque.
Um exército de rãs. Um grilo displicente.
Ou uma adega onde o vinho
cante operetas e esteja – como o sangue – tíbio.
Talvez não queira nada.
Talvez tenha começado a estação do tempo
na memória da primavera.
Porque o adeus não chega na noite do vestido
novo e os ferrolhos.
Nem no momento em que a luz e as fissuras
escolhem a arma
para a certeira indiscrição do duelo.

O adeus chega na noite em que se diz “irremediável”.
Na tarde em que se pensa “inseparável”.
No dia em que se chora para sempre!

**II**

É a simplicidade do vazio.
A algazarra dos idiotas que nos faz sorrir.
É uma velha palavra sem estribos.
É o trem. As folhas. Os vocábulos à beira da língua.
O luto das noites.
A histeria dos povos às seis da tarde.
A angústia entre o ventre e o recém-nascido.
Entre as portas e o alento.
O adeus é o breve onomástico do caos!

**III**

O adeus chega na noite em que se vai o tato das mãos.
Na tarde em que a hora rouba o contorno dos pinheiros.
No dia em que o sol no espelho
sabe que é um deus amarelo e sempiterno.
No momento em que choramos
e o choro se desnuda e põe o corpo na linha da morte.
Chega quando os noivos estreiam a pausa de sua língua
e seu silêncio constrói uma casa com flores
ou batiza os filhos.
Quando uma montanha eleva seu corpo distante
e certificam o limbo, os túmulos e os navios...
Quando caem os lenços como neve no esquecimento.
E os cavalos desatam seus corpos sagitários,
chega o adeus.
O adeus é liso.
Nublado.
Ferruginoso...

**EM CALI CHEGOU A MORTE**

Não.
Nem o sangue de pó.
Nem o rumor das veias subterrestres.
Nem os olhos de antigas mariposas errantes.
Nem os homens de pálpebras dobradas.
Nem a casula do vento.
Nem a terra pintada de frutos à tarde.

Não.
Nada.
Nem o sexo que começa na linguagem das crianças.
Nem os pastores de cobras.
Nem as esquinas infiéis sobre as janelas.
Nem a dignidade dos trapiches
apoiada no breve equilíbrio da cana.
Nem o transparente rio que afunda pelas coxas de Cali.

Não.
Nada.
Nem as jangadas do sonho.
Nem o sonolento camelo da cordilheira.
Nem o monólogo amarelo do sol no firmamento.
Nem a paz dos escaravelhos.
Nem a borboleta pintora.
Nem o grilo concertista.
Nem a bosta de ouro.

Nem os gerânios, nem as bicicletas
que absorvem com suas esponjas de silêncio
a tíbia preguiça das paredes.

Não.
Nada.
Nem a candura das escolas que traça garranchos de ausência nas lousas.
Nem os bêbados que olham fixamente a balconista
e derramam o coração entre suas tranças.

Nem as saias de chita das quaresmeiras.
Nem a barba de cristal das torrentes.
Nem os favos nos cantos das urtigas.
Nem os bois de artificial melancolia.
Não.
Nada pôde deter a morte.
Chegou a Cali navegando
e os corcéis do Oceano Pacífico
saudaram-na derrubando seus beiços espumantes na praia.
Chegou pelo apito dos navios
pelas bandeiras das araras
pelo olho das agulhas que remenda o pudor das costureiras
pela voz dos mortos nas árvores
pelas notas loiras
pela alma incolor dos caminhoneiros
pelos olhos tresnoitadores dos baralhos
pela felina displicência dos mais velhos
pela rosa ignorante
pela paisagem de sapatos sem pegadas.

Chegou sem passaporte e cruzou a fronteira
andando sobre o medo cor-de-rosa das crianças
pelo clavicórdio dourado dos campanários
pelo cabelo de água das arenas
pela singeleza dos vilarejos
onde os camponeses e as almojávenas encaram o sol
e os mendigos pegam sua cota nas janelas do trem.

Chegou sem a autorização dos mortos
que saíram de seus túmulos
para protestar em um comício putrefato e amarelo.

Chegou entre as garças
as brocas
entre o coração numeroso das pitaias
pela flor que as solteironas colocam atrás da orelha
pelos solares onde se curvam ao vento os interiores paroquiais
e uma tulipa escuta missa diariamente.

Perto dos galos
que acreditam na brancura dos ovos
pelos telhados onde os pombos escrevem a epopeia do ciúme
e os gatos e a lua
formam sete leitos e um violino.

Invadiu os palácios, as fazendas
os casebres e as meninas de laço.
Invadiu o céu e seus altos cordeiros extraviados.
Invadiu a nudez secreta dos cadáveres.
(A cidade era um cacho de chumbo derretido
que expelia a morte em baforadas).

A história de Cali deixou de ser um rio deliberadamente puro
por cujas ondas os dias eram barcos de vidro.

O vermelho foi uma chuva suspensa no ar
e entre os montes de cristal o sangue
vai sempre projetar vitrais na sombra!

É preciso chorar desesperadamente!

## O UNIVERSO É A PÁTRIA

Eu sou esta mulher larga de corpo
hormonal, de frente.
Esta mulher com o sistema solar sob a derme
com as extremidades, os brônquios e a pluma saudáveis;
esta mulher que corta as veias do silêncio
para fluir desesperadamente.
Eu sou esta mulher larga de corpo
esta mulher que não crê nos limites nem nos idiomas
que não crê em quatro dúzias de hinos nacionais
nem em determinadas cores de bandeira.
Esta mulher que respira com ar geral
que estabelece a canção humana
o irmão mundial
o homem cósmico
a criança incolor
e uma única bandeira
branca como o sal dos anões
branca como a córnea dos negros
branca como os ossos dos brancos
branca como o leite que tomam os lapões
coletivamente branca
decididamente branca.
Eu sou esta mulher larga de corpo
que vive em meio à raça humana
que chora às vezes lágrimas da Argélia
ou se sacode no compasso do estertor do Chile.
Esta mulher que se desvela no Congo
que passa fome na China
que ostenta sem fechar a cicatriz de Pearl Harbor
que perde o sentido e a noção
ante a cesárea que dissolve
o dourado ventre de Berlim.
Esta mulher que pertence ao domínio da lua de Moscou
que tem a serena languidez da Suíça
a cor da melancolia da Colômbia
e o escândalo cinzento de Nova York.

Esta mulher proprietária do mar, da terra,
do céu, do vento e das estrelas
esta mulher que beija na boca os mudos
que chora pelas órbitas dos cegos
que grita pelo câncer dos homens
e espalha uma sinfonia entre os surdos.
Esta mulher cheia de amor
que flui pelos dedos da mão
pelos fios do cérebro
pela mecha do cabelo
pelo leite dos seios
pela cal do esqueleto.
Esta mulher cheia de amor pelo ódio e a vigília.
Pela morte e o aborto.
Pela mãe de Imbecil.
Pelo irmão de Medíocre.
Pelo pai de Anormal.
Pelo filho de Assassino.
Pela noiva de Impotente.
Eu sou esta mulher larga de corpo
hormonal, de frente.
Esta mulher com o riso grande e os dentes de fronteira
declarando definitivamente
desde o amoroso território de seu coração
O Universo como Pátria!

# A alvorada se aproxima
## Oodgeroo Noonuccal

**O texto:** Seleção com quatro poemas extraídos de *The dawn is at hand* (*A alvorada se aproxima*), de Oodgeroo Noonuccal, publicado em 1966: "The Dawn is at Hand", "My Love", "Son of Mine" e "Time is Running Out". As composições, que contam com uma linguagem direta e simples e um esquema de rimas básico, abordam temas recorrentes na obra da autora, como a defesa dos direitos do povo aborígene, o resgate de suas tradições, o questionamento do lugar social dos habitantes originais do território australiano e a crítica à ação dos colonizadores.

**Texto traduzido:** Walker, Kath. *The dawn is at hand*. Brisbane: Jacaranda Press, 1966.

**A autora:** Oodgeroo Noonuccal (1920-1993), escritora, educadora e ativista política australiana de origem aborígene, também conhecida como Kath Walker, nasceu em Stradbroke Island. Começou a escrever e a atuar pelos direitos do povo aborígene durante a década de 1960, tendo participado de uma campanha pelo reconhecimento da cidadania de seu povo na Constituição. Pertencente à tribo Noonuccal, adotou um nome tradicional: Oodgerro, que significa "Melaleuca". Seu primeiro livro de poesia, *We are going*, de 1964, foi a primeira publicação em inglês de uma mulher aborígene. O estilo de seus escritos, que incluem poesia, prosa, discursos, ensaios e livros infantis, privilegia a mensagem política à forma, opondo-se à segregação e à injustiça e pondo-se a favor da dignidade de seu povo.

**A tradutora:** Lívia Pacini Martuscelli é bacharela em Letras (português e inglês) pela USP e professora de inglês e tradutora.

“Habitantes do marginal não mais serão.”

“Fringe-dwellers no more.”

# The Dawn is at Hand

*"To art and letters and nation lore,*
*fringe-dwellers no more."*

OODGEROO NOONUCCAL

**THE DAWN IS AT HAND**

Dark brothers, first Australian race,
Soon you will take your rightful place
In the brotherhood long waited for,
Fringe-dwellers no more.

Sore, sore the tears you shed
When hope seemed folly and justice dead.
Was the long night weary? Look up, dark band,
The dawn is at hand.

Go forward proudly and unafraid
To your birthright all too long delayed,
For soon now the shame of the past
Will be over at last.

You will be welcomed mateship-wise
In industry and in enterprise;
No profession will bar the door,
Fringe-dwellers no more.

Dark and white upon common ground
In club and office and social round,

Yours the feel of a friendly land,
The grip of the hand.

Sharing the same equality
In college and university,
All ambitions of hand or brain
Yours to attain.

For ban and bias will soon be gone,
The future beckons you bravely on
To art and letters and nation lore,
Fringe-dwellers no more.

**MY LOVE**

Possess me? No, I cannot give
The love that others know,
For I am wedded to a cause:
The rest I must forgo.

You claim me as your very own,
My body, soul and mind;
My love is my own people first,
And after that, mankind.

The social part, the personal
I have renounced of old;
Mine is a dedicated life,
No man's to have and hold.

Old white intolerance hems me round,
Insult and scorn assail;
I must be free, I must be strong
To fight and not to fail.

For there are ancient wrongs to right,
Men's malice to endure;
A long road and a lonely road,
But oh, the goal is sure.

## SON OF MINE

To Denis

My son, your troubled eyes search mine,
Puzzled and hurt by colour line.
Your black skin soft as velvet shine;
What can I tell you, son of mine?

I could tell you of heartbreak, hatred blind,
I could tell of crimes that shame mankind,
Of brutal wrong and deeds malign,
Of rape and murder, son of mine;

But I'll tell instead of brave and fine
When lives of black and white entwine,
And men in brotherhood combine –
This would I tell you, son of mine.

## TIME IS RUNNING OUT

The miner rapes
The heart of earth
With his violent spade.
Stealing, bottling her black blood
For the sake of greedy trade.
On his metal throne of destruction,
He labours away with a will,
Piling the mountainous minerals high
With giant tool and iron drill.

In his greedy lust for power,
He destroys old nature's will.
For the sake of the filthy dollar,
He dirties the nest he builds.
Well he knows that violence
Of his destructive kind
Will be violently written
Upon the sands of time.

But time is running out
And time is close at hand,
For the Dreamtime folk are massing
To defend their timeless land.

Come gentle black man
Show your strength;
Time to take a stand.
Make the violent miner feel
Your violent
Love of land.

# A alvorada se aproxima

*"Às artes e às letras e ao folclore da nação,*
*habitantes do marginal nunca mais serão."*

OODGEROO NOONUCCAL

**A ALVORADA SE APROXIMA**

Irmãos de pele escura, raça australiana original,
Não demoram a ocupar o legítimo posto afinal
Na tão almejada união fraternal,
Nunca mais habitantes do marginal.

O choro amargo que tanto foi vertido
Quando a esperança era tola e a justiça havia morrido.
A longa noite foi cansativa? Irmãos, olhem para cima,
A alvorada se aproxima.

Com orgulho e sem temor, sigam em frente,
Rumo ao legado adiado, finalmente,
Pois, muito em breve, a vergonha do passado
Terá por fim cessado.

Serão aceitos como camaradas
Em empresas as mais variadas.
Sem barreira profissional,
Nunca mais habitantes do marginal.

Brancos e negros em pé de igualdade
No clube, trabalho e comunidade,

A vocês, a sensação de terra amistosa,
A mão que cumprimenta vigorosa.

A partilha da equidade
Na escola e na universidade,
Escolham as mãos ou o cérebro usar
Tudo poderão conquistar.

Bloqueio e preconceito têm os dias contados,
O futuro os chama corajosamente aos brados
Às artes e às letras e ao folclore da nação,
Habitantes do marginal nunca mais serão.

**MEU AMOR**

Possuir-me? Não, não posso dar
O amor que outros têm,
Pois uma causa esposei:
O resto fico sem.

Você me toma como sua,
Corpo, alma e mente.
Meu amor é, antes, do meu povo,
E depois a humanidade o sente.

O meu papel social, o pessoal
Há tempo já o renunciei
É uma vida engajada,
A ser amada e respeitada.

A velha intolerância branca me sufoca,
Insulto e ataque de desdém.
Devo ser livre, devo ser forte
Lutar e não falhar também.

Pois há erros antigos a corrigir,
Maldade humana a suportar;
Uma longa e solitária estrada,
Mas, ah, é tão certa a caminhada.

**FILHO MEU**

Para Denis

Filho meu, seus olhos me procuram, assustados,
A segregação os fez tristes e desconcertados.
Sua pele negra, macia, como veludo forrado;
Filho meu, como tanto pode ser explicado?

Poderia falar do pesar, da dura animosidade,
Falar dos crimes que maculam a humanidade,
Do brutal equívoco, da feroz perversidade,
Filho meu, de estupro e assassinato, da impunidade.

Mas prefiro destacar a bravura e a nobreza
De quando brancos e negros se unem em defesa
Da irmandade que tanto se preza.
É sobre o que falaria, filho meu, com toda certeza.

## O TEMPO SE ESGOTA

O garimpeiro viola
O coração da terra
Com a sua pá de brutal ação.
Espolia o sangue negro, engarrafado
Com destino à cobiça do mercado.
De seu trono metálico de destruição,
Entrega-se à labuta com aplicação,
Empilha minérios em imensos montes
Com brocas e peças de grande proporção.

Em sua ávida busca por poder,
Destrói da natureza o sábio querer.
Em nome do dinheiro imundo,
Suja tudo o que constrói no mundo.
Bem sabe ele que sua gana,
De um tipo tão violento
Ficará marcada com violência
Sobre as areias do tempo.

Mas o tempo se esgota,
E o tempo se aproxima,
Pois se junta o povo Ancestral
Para defender a terra imemorial.

Venha, gentil homem negro
Mostre a sua força;
É hora de agir.
Faça o bruto garimpeiro sentir
Seu bruto
Afeto pela terra.

# Atlas de um mundo difícil

## Adrienne Rich

**O texto:** Seleção com três poemas de Adrienne Rich extraídos do livro *An Atlas of the Difficult World*: as partes "II. Here is a map of your country" e "XIII. (*Dedications*)", do poema que dá nome ao livro, e "Final Notations", escritos entre 1988 e 1991. No livro, um dos mais importantes de sua carreira literária, Rich trata de temas como patriotismo, identidade nacional, passado e esperança, narrando a história e a cartografia americanas de forma única.

**Texto traduzido:** Rich, Adrienne. *An Atlas of the Difficult World*. New York/London: W.W. Norton & Company, 1991.

**A autora:** Adrienne Rich (1929-2012), poeta e ensaísta americana, nasceu em Baltimore. Feminista e lésbica, tornou-se conhecida por sua postura crítica e por cunhar termos como "heterossexualidade compulsória", como crítica ao padrão sexual estabelecido, e o "*continuum* lésbico", um termo de solidariedade às mulheres e à sua criatividade. Por sua poesia, recebeu diversos prêmios, o Yale Series of Younger Poets, por seu primeiro livro, *A Change of World*, publicado em 1951, e o Los Angeles Times Book Prize, por *An Atlas for a difficult world*, em 1992. Já em 1997 recusou o prémio do National Medal of Arts, em protesto pelos cortes públicos nas Artes.

**A tradutora:** Brena O'Dwyer é antropóloga, poeta, tradutora e revisora. Doutoranda em Antropologia Social pelo Museu Nacional da UFRJ, com pesquisa sobre gênero, é editora na *Revista O'Cyano* e teve poemas e traduções publicados na *Mulheres que Escrevem*. É autora do livro de poesias, *As ilhas*, de 2019 (Editora Urutau).

"Eu sei que estás lendo este poema à luz
da tela da televisão, onde imagens sem som se agitam e deslizam."

"I know you are reading this poem by the light
of the television screen where soundless images jerk and slide."

# AN ATLAS OF THE DIFFICULT WORLD

*"These are the suburbs of acquiescence*
*silence rising fumelike."*

ADRIENNE RICH

**AN ATLAS OF THE DIFFICULT WORLD**
(fragment)

**II. Here is a map of our country:**

Here is a map of our country:
here is the Sea of Indifference, glazed with salt
This is the haunted river flowing from brow to groin
we dare not taste its water
This is the desert where missiles are planted like corms
This is the breadbasket of foreclosed farms
This is the birthplace of the rockabilly boy
This is the cemetery of the poor
who died for democracy      This is a battlefield
from a nineteenth-century war      the shrine is famous
This is the sea-town of myth and story      when the fishing fleets
went bankrupt      here is where the jobs were      on the pier
processing frozen fishsticks      hourly wages and no shares
These are other battlefields      Centralia      Detroit
here are the forests primeval      the copper      the silver lodes
These are the suburbs of acquiescence      silence rising fumelike
                    from the streets
This is the capital of money and dolor whose spires
flare up through air inversions whose bridges are crumbling

whose children are drifting blind alleys pent
between coiled rolls of razor wire
I promised to show you a map you say but this is a mural
then yes let it be      these are small distinctions
where do we see it from is the question

**XIII. (Dedications)**

I know you are reading this poem
late, before leaving your office
of the one intense yellow lamp-spot and the darkening window
in the lassitude of a building faded to quiet
long after rush-hour.      I know you are reading this poem
standing up in a bookstore far from the ocean
on a grey day of early spring, faint flakes driven
across the plains' enormous spaces around you.
I know you are reading this poem
in a room where too much has happened for you to bear
where the bedclothes lie in stagnant coils on the bed
and the open valise speaks of flight
but you cannot leave yet.      I know you are reading this poem
as the underground train loses momentum and before running
                    |up the stairs
toward a new kind of love
your life has never allowed.
I know you are reading this poem by the light
of the television screen where soundless images jerk and slide
while you wait for the newscast from the *intifada*.
I know you are reading this poem in a waiting-room
of eyes met and unmeeting, of identity with strangers.
I know you are reading this poem by fluorescent light
in the boredom and fatigue of the young who are counted out,
count themselves out, at too early an age.      I know
you are reading this poem through your failing sight, the thick
lens enlarging these letters beyond all meaning yet you read on
because even the alphabet is precious.

I know you are reading this poem as you pace beside the stove
warming milk, a crying child on your shoulder, a book in your
                    |hand
because life is short and you too are thirsty.
I know you are reading this poem which is not in your language
guessing at some words while others keep you reading
and I want to know which words they are.

I know you are reading this poem listening for something, torn
|between bitterness and hope
turning back once again to the task you cannot refuse.
I know you are reading this poem because there is nothing else
|left to read
there where you have landed, stripped as you are.

## FINAL NOTATIONS

it will not be simple, it will not be long
it will take little time, it will take all your thought
it will take all your heart, it will take all your breath
it will be short, it will not be simple

it will touch through your ribs, it will take all your heart
it will not be long, it will occupy your thought
as a city is occupied, as a bed is occupied
it will take all your flesh, it will not be simple

You are coming into us who cannot withstand you
you are coming into us who never wanted to withstand you
you are taking parts of us into places never planned
you are going far away with pieces of our lives

it will be short, it will take all your breath
it will not be simple, it will become your will

# ATLAS DE UM MUNDO DIFÍCIL

*"Estes são os subúrbios da aquiescência*
*o silêncio se espalha como fumaça."*

ADRIENNE RICH

**ATLAS DE UM MUNDO DIFÍCIL**
(fragmento)

**II. Aqui está um mapa de nosso país:**

Aqui está um mapa de nosso país:
este é o Mar da Indiferença, coberto de sal
Este é o rio assombrado que flui da testa à virilha
não ousamos provar sua água
Este é o deserto onde mísseis são plantados como milho
Este é o celeiro de fazendas hipotecadas
Este é o local de nascimento do menino *rockabilly*
Este é o cemitério dos pobres
que morreram pela democracia     Este é o campo de batalha
de uma guerra do século XIX     o santuário é famoso
Esta é a cidade litorânea do mito     quando as frotas de pesca
faliram     aqui é onde trabalhavam     no píer
processando peixe congelado     salários por hora e sem divisão de lucros
Estes são outros campos de batalha     Centralia     Detroit
aqui estão as florestas primevas     o cobre     os veios de prata
Estes são os subúrbios da aquiescência  o silêncio se espalha como fumaça
das ruas
Esta é a capital do dinheiro e da dor cujas torres
sobem contra o ar cujas pontes estão desmoronando

cujas crianças estão vagando em becos sem saída
entre rolos de arame farpado
Dizes que eu prometi te mostrar um mapa, mas isso é um mural
então que assim seja     são pequenas distinções
de onde vemos é a questão

**XIII. (Dedicatórias)**

Eu sei que estás lendo este poema
tarde, antes de sair do escritório
do único ponto de luz amarelo intenso e da janela escura
na lassidão de um edifício esvaecido em silêncio
muito depois da hora do *rush*.  Eu sei que estás lendo este poema
em pé em uma livraria longe do oceano
em um dia cinzento de início da primavera, flocos fracos levados
através do enorme espaço das planícies ao teu redor.
Eu sei que estás lendo este poema
em uma sala onde muita coisa que tens que suportar aconteceu
onde as roupas de cama ficam enroladas na cama
e a mala aberta fala de voar
mas ainda não podes sair.  Eu sei que estás lendo este poema
enquanto o metrô perde força e antes de correr
|para subir as escadas
em direção a um novo tipo de amor
que tua vida nunca permitiu.
Eu sei que estás lendo este poema à luz
da tela da televisão, onde imagens sem som se agitam e deslizam
enquanto esperas o noticiário sobre a *intifada*.
Eu sei que estás lendo este poema em uma sala de espera
onde olhares se encontram e desencontram, se identificando com estranhos.
Eu sei que estás lendo este poema na luz fluorescente
do tédio e da fatiga dos jovens que são descartados,
que se descartam, muito cedo.  Eu sei
que estás lendo este poema através de tua visão enfraquecida, as lentes
grossas ampliando estas letras além de todo o significado, mas continuas
lendo porque até o alfabeto é precioso.

Eu sei que estás lendo este poema enquanto caminha ao lado do fogão
esquentando leite, uma criança chorando em seu ombro, um livro em sua
|mão
porque a vida é curta e também tens sede.
Eu sei que estás lendo este poema que não está em sua língua
adivinhando algumas palavras enquanto outras te mantêm lendo
e eu quero saber que palavras são.

Eu sei que estás lendo este poema procurando algo, rasgada
| entre a amargura e a esperança
voltando mais uma vez à tarefa que não podes recusar.
Eu sei que estás lendo este poema porque não resta mais nada
| para ler
lá onde pousaste, despida como estás.

**REGISTROS FINAIS**

não vai ser simples, não vai demorar muito
vai tomar pouco tempo, vai tomar todos os teus pensamentos
vai tomar todo teu coração, vai tomar todo teu ar
vai ser curto, não vai ser simples

vai tocar tuas costelas, vai tomar todo teu coração
não vai demorar muito, vai ocupar teus pensamentos
como uma cidade é ocupada, como uma cama é ocupada
vai tomar conta da tua carne, não vai ser simples

Estás entrando em nós que não podemos resistir a ti
estás entrando em nós que nunca quisemos resistir a ti
estás levando partes de nós a lugares nunca planejados
estás indo longe com pedaços de nossas vidas

vai ser curto, vai tomar todo teu ar
não vai ser simples, vai ser tua vontade

# Variações bélicas
## Amelia Rosselli

**O texto:** Seleção com dez poemas de Amelia Rosselli extraídos do livro *Variazioni belliche*, de 1964. O aspecto bélico explorado pela poeta indica uma situação subjetiva de guerra consigo mesma, o que a leva a investigar as interioridades que compõem o seu estar no mundo, enquanto a ideia de variação remonta à teoria musical, explorando outros limites da linguagem, que se estende e se autorressignifica. No conjunto, os poemas, cujas palavras poéticas variam assim como as notas e as harmonias em uma composição musical, percorrem temas e sentidos que indicam semelhanças, mas que, ao mesmo tempo, despertam efeitos singulares.

**Texto traduzido:** Rosselli, Amelia. "Variazioni belliche". In. *Le poesie*. Curato da Emmanuela Tandelo. Milano: Garzanti Editore, 2016.

**A autora:** Amelia Rosselli (1930-1996), poeta, organista e etnomusicóloga italiana, nasceu em Paris, filha de pai italiano e mãe inglesa. Integrante da Geração de 30, foi uma poeta de destaque pelo plurilinguismo de sua obra, pois escreveu em italiano, francês e inglês, sempre preocupada um usar as línguas como se fossem música, com alcance universal. Sua poesia ganhou notoriedade na Itália com a publicação de *Variazioni belliche* (1964) e a circulação de um artigo escrito por Pier Paolo Pasolini. Escreveu também crítica literária e textos autobiográficos, além de trabalhar como tradutora de inglês para várias editoras de Florença e Roma e para a RAI. Faleceu na capital italiana.

**A tradutora:** Cláudia Tavares é graduada em Estudos Literários e Letras e doutora em Teoria e História Literária, pela Unicamp. Tradutora, professora e pesquisadora, estuda a literatura italiana do século XX e contemporânea. Para a (n.t.) traduziu Goliarda Sapienza.

“Dentro da grande cidade caíam oblíquas ainda as maneiras de amar.”

“Entro della grande città cadevano oblique ancora le maniere di amare.”

# VARIAZIONI BELLICHE

*"Perché non spero mai ritrovare*
*me stessa, eccomi di ritorno fra delle mura."*

AMELIA ROSSELLI

*

L'inferno della luce era l'amore. L'inferno dell'amore
era il sesso. L'inferno del mondo era l'oblio delle
semplici regole della vita: carta bollata ed un semplice
protocollo. Quattro letti bocconi sul letto quattro
amici morti con la pistola in mano quattro stecche
del pianoforte che ridanno da sperare.

*

Infra le fatiche de la mia giornata, s'arrovellavano
intra le fatiche della mia gioventù, canili, cani
lustri, luci di una città divenuta intollerabile,
con la sua corsa alla sottana purché non si facesse
vendemmia. Intra l'abbaiare canile della mia gioventù
si faceva buio, intra lo squadrarsi dei giovinotti
massacratori del tempo, si faceva un barlume la
mia gioventù; intra le quattro mura di un corso
divenuto fragile menzogna, si faceva lume il mio
orrore, il tuo, il mio, il nostro, amore proverbiale
divenuta secca colonna di troia; intra il masticare
fumo dalle narici semi aperte, s'infilava l'angoscia
di saperti, e me con te, menzognero: intra la
nebbia e il desiderio di bellezza vinceva la tua
crudele carcassa; il tuo occhio da pescatore.
La sterilità di saperti vicino vinceva ogni mia
passione alla perfezione; la sterilità e l'obbrobrio
di saperti lontano perdeva il mio posto sagace di tra le folle.

*

Ma se nell'amore io intravvedevo un barlume di gioia; se nella
notte improvvisamente levandomi vedevo che il cielo era
tutta una rissa di angoli: se dalla tua felicità risucchiavo
la mia; se dai nostri occhi incontrandosi prevedevo il
disastro se nella melanconia combattevo il forte drago del
desiderio; se per l'amore facevo salti mortali se per le
tue canzoni rimanevo illusa: era per meglio nascondere il
premio di bontà tu non desti. Non a tutte le bontà si può
rispondere.

*

Negli alberi fruttiferi della vita si
dibatteva l'ultima mosca. Un ribelle
disfatto dalla sua propria disposizione
al bene si sorvegliava ansioso di finirla
con il male. Il mondo sorvegliava molto
stanco della prigionia. La sua propria
disposizione al bene lo imprigionava.

*

Ma perché la fiera della vanità tiene così lontano
i migliori occhi dalla moltitudine. Ma perché l'ansia
non è negata perché gli uccelli volano trasmigratori
di continuo in un lungo appello, ma nel silenzio? Io
(che non esisto salvo per te che mi risvegli) ti tengo,
tengo, cerco, non ho, la tua mano, tu ridi e beffi. Vorrei
con un'ansia più dolce ritrovare la tua querela più dolce,
dolce e non addormentata come un lungo vampiro sotto
un albero che porta il male nelle sue foglie traslucenti:
oh il sole non riluce! Tu hai la mia mano intrappolata.

*

Se non è noia è amore. L'intero mondo carpiva da me i suoi
sensi cari. Se per la notte che mi porta il tuo oblio
io dimentico di frenarmi, se per le tue evanescenti braccia
io cerco un'altra foresta, un parco, o una avventura: –
se per le strade che conducono al paradiso io perdo la
tua bellezza: se per i canili ed i vescovadi del prato
della grande città io cerco la tua ombra: – se per tutto
questo io cerco ancora e ancora: – non è per la tua fierezza,
non è per la mia povertà: – è per il tuo sorriso obliquo
è per la tua maniera di amare. Entro della grande città
cadevano oblique ancora e ancora le maniere di amare
le delusioni amare.

*

Se nella luce che fioriva i passi ai grandi garzoni del
retrobottega sorgeva un dubbio era per l'amore. Se nell'amore
sorgeva un dubbio era per la macchia d'inchiostro nella
tua mano. Se per l'amore che ti porto tu sospiri non è
altro che il mio immaginare.

*

Convinta d'esserti fedele tradivo in me la gioia e
il dolore: equinozio equidistante che mi teneva lontana
dal mare, dall'odore dei boschi che sono la tua calma
la mia marea di sogni.

*

Perché non spero tornare giammai nella città delle bellezze
eccomi di ritorno in me stessa. Perché non spero mai ritrovare
me stessa, eccomi di ritorno fra delle mura. Le mura pesanti
e ignare rinchiudono il prigioniero.

*

Nel tuo occhio sornione io scorgevo l'irrepetibile
abitudine al vuoto. Con una lancia mischiata al
sangue tentavo di rompere il ghiaccio. Ma dalla
polvere sollevata al tuo primo apparire cantavo
a me stessa menzogne! Con una lancia mischiata al
sangue tentavo l'irrepetibile.

Se dalle tue brevi risposte e dalle mie chiacchiere
sorgeva dunque un affare era tardivo. Per le lacrime
che scendevano dal mio cuore polveroso io portavo all'oste
le tue membra. Scesa come un cristallo nelle più larghe
tenebre di un inferno artificioso io tradivo ogni dovere,
e la forza di rompere il cuore era mia.

# Variações bélicas

*"Porque nunca espero reencontrar*
*a mim mesma, eis-me de volta dentro dos muros."*

AMELIA ROSSELLI

*

O inferno da luz era o amor. O inferno do amor
era o sexo. O inferno do mundo era o olvido das
simples regras da vida: papel timbrado e um simples
protocolo. Quatro camas de bruços na cama quatro
amigos mortos com a pistola na mão quatro teclas
do piano que restituem a esperança.

*

Dentre as fadigas do meu dia, se aborreciam
entre as fadigas da minha juventude, canis, cães
lustres, luzes de uma cidade que se tornou intolerável,
correndo atrás dos rabos de saia contanto que não houvesse
vindima. Entre o canil ladrante da minha juventude
escurecia, entre o enquadrar-se dos jovens
massacradores do tempo, fazia-se um vislumbre
da minha juventude; entre os quatro muros de um caminho
que se tornou frágil mentira, iluminava-se o meu
horror, o teu, o meu, o nosso, amor proverbial
que se tornou seca coluna de prostituta; entre o mastigar
fumo pelas narinas semiabertas, se alinhava a angústia
de saber-te, e eu contigo, mentiroso: entre a
névoa e o desejo de beleza vencia a tua
cruel carcaça; o teu olho de pescador.
A esterilidade de saber-te perto vencia toda minha
paixão à perfeição; a esterilidade e o opróbrio
de saber-te longe perdia o meu lugar sagaz entre as massas.

*

Mas se no amor entrevejo um vislumbre de alegria; se na
noite improvisamente levantando-me via que o céu era
toda uma rixa de ângulos: se da tua felicidade eu sugava
a minha; se dos nossos olhos se entrecruzando previa o
desastre se na melancolia combatia o forte dragão do
desejo; se por amor dava saltos mortais se pelas
tuas canções ficava iludida: era para melhor esconder o
prêmio de bondade que tu não deste. Não se pode a todas as bondades
responder.

*

Nas árvores frutíferas da vida se
debatia a última mosca. Um rebelde
desfeito por sua própria disposição
para o bem se vigiava ansioso por findá-la
com o mal. O mundo vigiava muito
cansado da prisão. Sua própria
disposição para o bem o aprisionava.

*

Mas por que a feira das vaidades mantém tão distante
os melhores olhos da multidão. Mas por que a ânsia
não é negada por que os pássaros voam transmigrantes
continuamente em um longo apelo, mas em silêncio? Eu
(que não existo salvo por ti que me despertas) seguro,
seguro, procuro, não tenho, tua mão, tu ris e zombas. Queria
com uma ânsia mais doce reencontrar tua querela mais doce,
doce e não adormecida como um longo vampiro sob
uma árvore que carrega o mal em suas folhas transluzentes:
oh o sol não reluz! Tu capturaste minha mão.

*

Se não é tédio é amor. O mundo inteiro arrancava de mim seus
caros sentidos. Se pela noite que me traz teu olvido
eu esqueço de me conter, se por teus braços evanescentes
eu busco uma outra floresta, um parque, ou uma aventura: –
se pelas vias que conduzem ao paraíso eu perco
tua beleza: se pelos canis e episcopados do prado
da grande cidade eu busco tua sombra: – se por tudo
isso eu busco ainda e ainda: – não é por teu orgulho,
não é por minha pobreza: – é por teu sorriso oblíquo
é por tua maneira de amar. Dentro da grande cidade
caíam oblíquas ainda e ainda as maneiras de amar
as desilusões amargas.

*

Se na luz que floreava os passos para os grandes aprendizes do
armazém surgia uma dúvida era por amor. Se no amor
surgia uma dúvida era pela mancha de tinta em
tua mão. Se pelo amor que te trago tu suspiras não é
nada além da minha imaginação.

*

Convencida de ser fiel a ti eu traía em mim a alegria e
a dor: equinócio equidistante que me mantinha longe
do mar, do cheiro dos bosques que são a tua calma
a minha maré de sonhos.

*

Porque não espero tornar jamais à cidade das belezas
eis-me de volta a mim mesma. Porque nunca espero reencontrar
a mim mesma, eis-me de volta dentro dos muros. Os muros pesados
e ignorantes enclausuram o prisioneiro.

*

Em teu olho dissimulado avisto o irrepetível
hábito do vazio. Com uma lança misturada ao
sangue eu tentava quebrar o gelo. Mas da
poeira levantada à tua primeira aparição eu cantava
a mim mesma mentiras! Com uma lança misturada ao
sangue tentava o irrepetível.

Se das tuas respostas curtas e das minhas tagarelices
surgia então um problema era tarde. Pelas lágrimas
que caíam do meu coração empoeirado eu levava ao inimigo
teus membros. Descendo como um cristal às mais largas
trevas de um inferno artificioso eu traía todo dever,
e a força para partir o coração era minha.

# Mulher cacto

## Gloria E. Anzaldúa

**O texto:** Seleção com três poemas de *Borderlands/La Frontera: The New Mestiza*, de Gloria Anzaldúa, de 1987: "The Cannibal's *Canción*", "mujer cacto" e "To live in the Borderlands means you". No livro, que explora as relações fronteiriças entre o México e os Estados Unidos para além das questões geopolíticas, mas também psicológicas, sexuais e culturais, a autora aborda a impossibilidade de estabelecer uma comunicação homogênea entre aquele que cruza uma fronteira e aquele enraizado em outro território. Isso se evidencia por meio de sua opção em escrever ora em inglês ou espanhol, ora em dialeto ou nos dois idiomas, tecendo uma metalinguagem acerca das reflexões multiculturais e identitárias de seu entorno. Misturando prosa e poesia, as imagens criadas por Anzaldúa refletem sua empatia em relação aos imigrantes mexicanos.

**Texto traduzido:** Anzaldúa, Gloria. *Borderlands/La Frontera*: *The New Mêstiza.* San Francisco: Aunt Lute Books, 1987.

**A autora:** Gloria E. Anzaldúa (1942-2004), escritora e ativista política chicana estadunidense, nasceu em Harlingen, Texas. Estudiosa da cultura hispânica e da teoria queer, em seus livros aborda questões de gênero, imigração e sexualidade, como em *Borderlands/La Frontera: The New Mestiza*, obra pioneira da literatura chicana. De origem mexicana e lésbica, em seus escritos problematizou constantemente essas identidades, que foram fundamentais no desenvolvimento de discussões que levaram as mulheres de seu entorno cultural e outras, de diferentes cores, classes e etnias, para o centro do debate nos Estados Unidos, ao propor um olhar voltado à interseccionalidade.

**A tradutora:** Luciana Lima Silva é tradutora, escritora e doutoranda em Teoria e História Literária pela Unicamp.

“A mulher do deserto tem espinhos.”

“La mujer del desierto tiene espinas.”

# MUJER CACTO

*"La mujer del desierto, como el viento*
*sopla, hace dunas, lomas."*

GLORIA E. ANZALDÚA

## THE CANNIBAL'S *CANCIÓN*

It is our custom
to consume
the person we love.
Taboo flesh: swollen
genitalia nipples
the scrotum the vulva
the soles of the feet
the palms of the hand
heart and liver taste best.
Cannibalism is blessed.

I'll wear your jawbone
round my neck
listen to your vertebrae
bone tapping bone in my wrists.
I'll string your fingers round my waist –
what a rigorous embrace.
Over my heart I'll wear
a brooch with a lock of your hair.
Nights I'll sleep cradling
your skull sharpening

my teeth on your toothless grin.
Sundays there's Mass and communion
and I'll put your relics to rest.

**mujer cacto**

*La mujer del desierto*
*tiene espinas*
*las espinas son sus ojos*
*si tú te le arrimas te arraña.*
    *La mujer del desierto*
    *tiene largas y afiladas garras.*

*La mujer del desierto mira la avispa*
*clavar su aguijón*
*y chingar a una tarántula*
*mira que la arrastra a un agujero*
*pone un huevo sobre ella*
*el huevo se abre*
*el bebé sale y se come la tarántula*
    *No es fácil vivir en esta tierra.*

*La mujer del desierto*
*se entierra en la arena con los lagartos*
*se esconde como rata*
*pasa el día bajo tierra*
*tiene el cuero duro*
*no se reseca en el sol*
*vive sin agua.*

*La mujer del desierto*
*mete la cabeza adentro como la tortuga*
*desentierra raíces con su hocico*
*junta con las javalinas*
*caza conejos con los coyotes.*

*Como una flor la mujer del desierto*
*no dura mucho tiempo*
*pero cuando vive llena el desierto*
*con flores de nopal o de árbol paloverde.*

*La mujer del desierto*
*en roscada es serpiente cascabel*
*descansa durante el día*
*por la noche cuando hace fresco*
*bulle con la lechuza,*
*con las culebras alcanza un nido de pájaros*
*y se come los huevos y los pichoncitos.*

*Cuando se noja la mujer del desierto*
*escupe sangre de los ojos como el lagarto cornudo*
*cuando oye una seña de peligro*
*salta y corre como liebre*
*se vuelve arena*
    *La mujer del desierto, como el viento*
    *sopla, hace dunas, lomas.*

**TO LIVE IN THE BORDERLANDS MEANS YOU**

are neither *hispana india negra española*
*ni gabacha*, *eres mestiza*, *mulata*, half-breed
caught in the crossfire between camps
while carrying all five races on your back
not knowing which side to turn to, run from;

To live in the Borderlands means knowing
that the *india* in you, betrayed for 500 years,
is no longer speaking to you,
that *mexicanas* call you *rajetas*,
that denying the Anglo inside you
is as bad as having denied the Indian or Black;

*Cuando vives en la frontera*
people walk through you, the wind steals your voice,
you're a *burra*, *buey*, scapegoat,
forerunner of a new race,
half and half – both woman and man, neither –
a new gender;

To live in the Borderlands means to
put *chile* in the borscht,
eat whole wheat *tortillas*,
speak Tex-Mex with a Brooklyn accent;
be stopped by la *migra* at the border checkpoints;

Living in the Borderlands means you fight hard to
resist the gold elixer beckoning from the bottle,
the pull of the gun barrel,
the rope crushing the hollow of your throat;

In the Borderlands
you are the battleground
where enemies are kin to each other;
you are at home, a stranger,
the border disputes have been settled

the volley of shots have shattered the truce
you are wounded, lost in action
dead, fighting back;

To live in the Borderlands means
the mill with the razor white teeth wants to shred off
your olive-red skin, crush out the kernel, your heart
pound you pinch you roll you out
smelling like white bread but dead;

To survive the Borderlands
you must live *sin fronteras*
be a crossroads.

---

*gabacha* – a Chicano term for white woman
*rajetas* – literally, "split", that is, having betrayed your word
*burra* – donkey
*buey* – oxen
*sin fronteras* – without borders

# MULHER CACTO

*“A mulher do deserto, como o vento*
*sopra, faz dunas, colinas.”*

GLORIA E. ANZALDÚA

## A *CANCIÓN* DO CANIBAL

Costumamos
nos servir
da pessoa que amamos.
Carne tabu: amaciada
genitália mamilos
o escroto a vulva
as solas dos pés
as palmas das mãos
coração e fígado agradam mais.
Benditos sejam os canibais.

Vestirei tua mandíbula
como echarpe em volta de meu pescoço
ouvirei tuas vértebras
o estalar dos ossos em meus pulsos.
Enredarei teus dedos em meu busto –
que abraço justo.
Meu coração hei de prendê-lo
em um broche com mecha de teu cabelo.
Noites dormirei embalado
teu crânio afiando

meus dentes em tua boca desdentada.
Nos domingos de missa e comunhão
deixarei tuas relíquias em repouso.

***mulher cacto***

*A mulher do deserto*
*tem espinhos*
*os espinhos são seus olhos*
*quem deles se aproximar ficará arranhado.*
*A mulher do deserto*
*tem garras longas e afiadas.*

*A mulher do deserto observa a vespa*
*fincar o ferrão*
*e penetrar uma tarântula*
*observa arrastá-la até a toca*
*depositar nela um ovo*
*o ovo se abrir*
*e dele sair um bebê que come a tarântula*
*Não é fácil viver nesta terra.*

*A mulher do deserto*
*enterra-se na areia com os lagartos*
*esconde-se como rata*
*passa o dia debaixo da terra*
*tem a casca grossa*
*não se resseca ao sol*
*vive sem água.*

*A mulher do deserto*
*guarda a cabeça como a tartaruga*
*desenterra raízes com seu focinho*
*junto com as javalinas*
*caça coelhos com os coiotes.*

*Como uma flor a mulher do deserto*
*não dura muito tempo*
*mas quando vive preenche o deserto*
*com flores de cacto ou de parkinsonias.*

*A mulher do deserto*
*enroscada é serpente cascavel*
*descansa durante o dia*
*e à noite quando o tempo esfria*
*agita-se com a coruja,*
*com as cobras alcança um ninho de pássaros*
*e come os ovos e os filhotinhos.*

*Quando a mulher do deserto se enfurece*
*cospe sangue pelos olhos como o lagarto-de-chifres*
*quando ouve um sinal de perigo*
*salta e corre como lebre*
*vira areia*
*A mulher do deserto, como o vento*
*sopra, faz dunas, colinas.*

**VIVER NAS FRONTEIRAS SIGNFICA QUE TU**

não és nem *hispana india negra española*
*ni gabacha*, *eres mestiza*, *mulata*, meia-raça
apanhada no fogo cruzado entre campos
carregando todas as cinco raças nas costas
sem saber para que lado ir, de qual correr;

Viver nas Fronteiras significa saber
que a *india* em ti, traída há 500 anos,
não fala mais contigo,
que as mexicanas te chamam de *rajetas*,
que negar a anglo dentro de ti
é tão ruim quanto negar a indígena ou a negra;

*Cuando vives en la frontera*
as pessoas passam por ti, o vento rouba tua voz,
tu és *burra*, *buey*, bode expiatório,
precursora de uma nova raça,
meio a meio – mulher e homem, sequer –
um novo gênero;

Viver nas Fronteiras significa
colocar *chile* na sopa de beterraba,
comer *tortillas* de trigo integral,
falar Tex-Mex com sotaque do Brooklyn;
ser parada pela *migra* nos postos de controle fronteiriço;

Viver nas Fronteiras significa lutar muito para
resistir ao elixir de ouro acenando de dentro da garrafa,
ao coice da arma,
à corda esmagando o vazio de tua garganta;

Nas Fronteiras
tu és o campo de batalha
onde os inimigos são parentes entre si;
tu estás em casa, uma estranha,
as disputas fronteiriças foram resolvidas

uma rajada de balas estilhaçou a trégua
tu estás ferida, perdida na ação
morta, revidando;

Viver nas Fronteiras significa que
o moinho com os dentes brancos de navalha quer retalhar
tua pele vermelho-oliva, esmagar a semente, teu coração
te socar te apertar te esticar
como um pão branco mas morto;

Para sobreviver nas Fronteiras
tu deves viver *sin fronteras*
ser uma encruzilhada.

---

*gabacha* – um termo chicano para mulher branca
*rajetas* – literalmente "dividida", isto é, que traiu a própria palavra
*burra* – burra
*buey* – boi
*sin fronteras* – sem fronteiras

# prosa poética

(n.t.)|Ur

# Porque sou pagã

## Zitkala-Ša

**O texto:** Os textos, contos e ensaios de Zitkala-Ša descrevem a vida e o pensamento da etnia Sioux mediante um estilo similar a outros ensaístas de sua época, por serem escritos em inglês. De fato, a autora foi uma representante intelectual de muita importância para sua tribo e cultura porque podia expressar-se no idioma anglo-americano sem cair em estereótipos comuns, elevando o debate entre os dois mundos. Em 1902, Zitkála-Šá publicou "Why I Am a Pagan", na revista *Atlantic Monthly*, um tratado sobre suas crenças espirituais ligadas à sua cultura ancestral, no qual rebate a tendência de sua época que sugeria que os nativos haviam adotado e se conformado prontamente com o cristianismo imposto a eles nas escolas e na vida social.

**Texto traduzido:** Zitkala-Ša. "Why I Am a Pagan". *Atlantic Monthly*, 90 (1902), pp. 801-803. **Texto reproduzido:** Zitkala-Ša. *Porque sou pagã|Why I am a Pagan*. Trad. Scott R. Hadley. (n.t.), n. 4, v. 1, mar. 2012, pp. 134-142.

**A autora:** Zitkala- Ša (1876-1938), escritora, ativista e violinista sioux, nasceu na reserva indígena Yankton, em Dakota do Sul. Batizada como Gertrude Simmons, rebatizou-se com o nome de Zitkala- Ša, o "pássaro vermelho", mais conhecido entre seus leitores. Foi uma das primeiras escritoras indígenas em solo estadunidense que alcançou um público anglo-americano. Entre seus livros, destacam-se *Old Indian Legends*, em 1901, uma coletânea com relatos sioux, e *American Indian Stories*, em 1921, uma antologia de ensaios autobiográficos. Além de escritora, foi ativista dos direitos civis das etnias indígenas e violinista do Conservatório de Música de Boston.

**O tradutor:** Scott Ritter Hadley (EUA) é pós-graduado em Letras Hispânicas na Arizona State University, com especialização em literatura medieval e mexicana contemporânea. Desde 1987 reside em Puebla, México, onde leciona inglês, latim, inglês e espanhol, na Universidad Autónoma de Puebla. Entre seus interesses mais recentes está a literatura indígena mexicana. Para a (n.t.) traduziu Víctor Cata, Manuel Espinoza Sainos, Juan Hernández Ramírez, Ivory Kelly, Chefe Seattle e Félix Pita Rodrígues.

"Se isso é paganismo, então, sou pagã."

"If this is Paganism, then, I am a Pagan."

# WHY I AM A PAGAN

*"I prefer to their dogma my excursions into the natural gardens where the voice of the Great Spirit."*

ZITKALA-ŠA

When the spirit swells my breast I love to roam leisurely among the green hills; or sometimes, sitting on the brink of the murmuring Missouri, I marvel at the great blue overhead. With half closed eyes I watch the huge cloud shadows in their noiseless play upon the high bluffs opposite me, while into my ear ripple the sweet, soft cadences of the river's song. Folded hands lie in my lap, for the time forgot. My heart and I lie small upon the earth like a grain of throbbing sand. Drifting clouds and tinkling waters, together with the warmth of a genial summer day, bespeak with eloquence the loving Mystery round about us. During the idle while I sat upon the sunny river brink, I grew somewhat, though my response be not so clearly manifest as in the green grass fringing the edge of the high bluff back of me.

At length retracing the uncertain footpath scaling the precipitous embankment, I seek the level lands where grow the wild prairie flowers. And they, the lovely little folk, soothe my soul with their perfumed breath.

Their quaint round faces of varied hue convince the heart which leaps with glad surprise that they, too, are living symbols of omnipotent thought. With a child's eager eye I drink in the myriad star shapes wrought in luxuriant color upon the green. Beautiful is the spiritual essence they embody.

I leave them nodding in the breeze but take along with me their impress upon my heart. I pause to rest me upon a rock embedded on the side of a foothill facing the low river bottom. Here the Stone-Boy, of whom the

American aborigine tells, frolics about, shooting his baby arrows and shouting aloud with glee at the tiny shafts of lightning that flash from the flying arrow-beaks. What an ideal warrior he became, baffling the siege of the pests of all the land till he triumphed over their united attack. And here he lay, – Invan, our great-great-grandfather, older than the hill he rested on, older than the race of men who love to tell of his wonderful career.

Interwoven with the thread of this Indian legend of the rock, I fain would trace a subtle knowledge of the native folk which enabled them to recognize a kinship to any and all parts of this vast universe. By the leading of an ancient trail, I move toward the Indian village.

With the strong, happy sense that both great and small are so surely enfolded in His magnitude that, without a miss, each has his allotted individual ground of opportunities, I am buoyant with good nature.

Yellow Breast, swaying upon the slender stem of a wild sunflower, warbles a sweet assurance of this as I pass near by. Breaking off the clear crystal song, he turns his wee head from side to side eyeing me wisely as slowly I plod with moccasined feet. Then again he yields himself to his song of joy. Flit, flit hither and yon, he fills the summer sky with his swift, sweet melody. And truly does it seem his vigorous freedom lies more in his little spirit than in his wing.

With these thoughts I reach the log cabin whither I am strongly drawn by the tie of a child to an aged mother. Out bounds my four-footed friend to meet me, frisking about my path with unmistakable delight. Chan is a black shaggy dog, "a thorough bred little mongrel," of whom I am very fond. Chan seems to understand many words in Sioux, and will go to her mat even when I whisper the word, though generally I think she is guided by the tone of the voice. Often she tries to imitate the sliding inflection and long drawn out voice to the amusement of our guests, but her articulation is quite beyond my ear. In both my hands I hold her shaggy head and gaze into her large brown eyes. At once the dilated pupils contract into tiny black dots, as if the roguish spirit within would evade my questioning.

Finally resuming the chair at my desk I feel in keen sympathy with my fellow creatures, for I seem to see clearly again that all are akin.

The racial lines, which once were bitterly real, now serve nothing more than marking out a living mosaic of human beings. And even here men of the same color are like the ivory keys of one instrument where each represents all the rest, yet varies from them in pitch and quality of voice. And those creatures who are for a time mere echoes of another's note are not

unlike the fable of the thin sick man whose distorted shadow, dressed like a real creature, came to the old master to make him follow as a shadow. Thus with a compassion for all echoes in human guise, I greet the solemn-faced "native preacher" whom I find awaiting me. I listen with respect for God's creature, though he mouth most strangely the jangling phrases of a bigoted creed.

As our tribe is one large family, where every person is related to all the others, he addressed me: –

"Cousin, I came from the morning church service to talk with you."

"Yes," I said interrogatively, as he paused for some word from me.

Shifting uneasily about in the straight-backed chair he sat upon, he began: "Every holy day (Sunday) I look about our little God's house, and not seeing you there, I am disappointed. This is why I come to-day. Cousin, as I watch you from afar, I see no unbecoming behavior and hear only good reports of you, which all the more burns me with the wish that you were a church member. Cousin, I was taught long years ago by kind missionaries to read the holy book. These godly men taught me also the folly of our old beliefs.

"There is one God who gives reward or punishment to the race of dead men. In the upper region the Christian dead are gathered in unceasing song and prayer. In the deep pit below, the sinful ones dance in torturing flames.

"Think upon these things, my cousin, and choose now to avoid the after-doom of hell fire!" Then followed a long silence in which he clasped tighter and unclasped again his interlocked fingers.

Like instantaneous lightning flashes came pictures of my own mother's making, for she, too, is now a follower of the new superstition.

"Knocking out the chinking of our log cabin, some evil hand thrust in a burning taper of braided dry grass, but failed of his intent, for the fire died out and the half burned brand fell inward to the floor. Directly above it, on a shelf, lay the holy book. This is what we found after our return from a several days' visit. Surely some great power is hid in the sacred book!"

Brushing away from my eyes many like pictures, I offered midday meal to the converted Indian sitting wordless and with downcast face. No sooner had he risen from the table with "Cousin, I have relished it," than the church bell rang.

Thither he hurried forth with his afternoon sermon. I watched him as he hastened along, his eyes bent fast upon the dusty road till he disappeared at the end of a quarter of a mile.

The little incident recalled to mind the copy of a missionary paper brought to my notice a few days ago, in which a "Christian" pugilist commented upon a recent article of mine, grossly perverting the spirit of my pen. Still I would not forget that the pale-faced missionary and the hoodooed aborigine are both God's creatures, though small indeed their own conceptions of Infinite Love. A wee child toddling in a wonder world, I prefer to their dogma my excursions into the natural gardens where the voice of the Great Spirit is heard in the twittering of birds, the rippling of mighty waters, and the sweet breathing of flowers. If this is Paganism, then at present, at least, I am a Pagan.

# Porque sou pagã

*"Prefiro, antes que seu dogma, meus passeios nos jardins naturais onde se escuta a voz do Grande Espírito."*

ZITKALA-ŠA

Quando o espírito se incha no meu peito, gosto de vagar sem pressa entre as colinas verdes; ou às vezes, ao sentar-me à margem do murmurante Missouri, fico maravilhada pelo enorme azul acima. Com os olhos semi-cerrados, observo a sombra das nuvens em seu jogo silencioso sobre as falésias à minha frente, enquanto as doces e suaves cadências do canto do rio chegam ondulando ao meu ouvido. As mãos dobradas repousam em meu regaço pelo tempo esquecido. Meu coração e eu ficamos pequenos na terra como um grão de areia palpitante. Nuvens vagantes e águas tilintantes, juntas no calor de um dia de verão acolhedor, falam com eloquência do Mistério amoroso que nos rodeia. Durante o descanso, enquanto sentava à margem ensolarada do rio, cresci um pouco, embora minha resposta não seja tão clara como a grama verde que ladeia a beira das alcantiladas colinas atrás de mim.

Em seguida, ao regressar pelo caminho incerto que leva ao dique inclinado, sigo em direção às terras planas onde crescem as flores silvestres da pradaria. E eles, a gente pequena e encantadora, abrandam minha alma com seu alento perfumado.

Seus rostos pitorescos e redondos de matizes variados animam o coração que palpita com a alegre surpresa que eles também são símbolos vivos do pensamento onipotente. Com o olhar ávido de uma criança, absorvo a miríade de formas estelares forjada em cores exuberantes no verdor. Bela é a essência que encarnam.

Deixo-as balançando na brisa, mas levo comigo sua impressão em meu coração. Faço uma pausa para descansar numa pedra encravada ao lado duma

colina que leva ao fundo de um rio pouco profundo. Aqui o Menino-Pedra, de quem falam os aborígenes americanos, brinca, disparando flechas pueris e gritando alto com alegria aos relâmpagos que cintilam na ponta das flechas. Que guerreiro ideal ele se tornou, desconcertante o cerco das pragas de toda a terra até que ele triunfou sobre o ataque unido. E aqui jaz Invan, nosso tataravô, mais velho que a colina onde repousa; mais velho que a raça dos homens que narram com afã sua passagem maravilhosa.

Entretida com o fio desta lenda indígena da pedra, eu queria traçar um conhecimento apurado dos nativos que lhes permitisse reconhecer um parentesco com qualquer parte e com todas as partes do vasto universo. Tendo uma antiga senda como guia, caminhei em direção à aldeia indígena.

Com o entendimento forte e alegre que tanto os grandes quanto os pequenos estão completamente envoltos em Sua magnitude que todos, sem qualquer exceção, têm o seu campo individual de oportunidades, me animo ante tanta amabilidade.

Peito Amarelo, balançando sobre o talo esguio de um girassol silvestre, gorjeia uma doce aprovação disso, enquanto passo por perto. Interrompe o canto claro como o cristal, gira a cabeça pequenina de um lado a outro me olhando absorto, enquanto sigo laboriosamente de sandálias. Em seguida, entrega-se novamente a seu alegre canto. Voa e revoa, aqui e acolá, e enche o céu de verão com sua melodia veloz e suave. E, de fato, parece que sua liberdade vigorosa reside mais em seu pequeno espírito que em sua asa.

Com estes pensamentos chego à cabana feita de madeira atraída fortemente pelo vínculo entre uma criança e uma mãe idosa. Minha amiga de quatro patas corre em minha direção, saltando com inconfundível alegria. Chan é uma cadela preta e peluda, "uma vira-lata de raça pura", de quem gosto muito. Parece entender muitas palavras na língua Sioux, e vai para sua cama apenas com o sussurrar de uma ordem, embora eu ache que é o tom de voz que a guia. Muitas vezes ela tenta imitar a inflexão deslizante e a voz prolongada para a diversão de nossos convidados, mas meu ouvido não capta sua articulação. Com ambas as mãos, agarro sua cabeça e vejo dentro de seus grandes olhos castanhos. Imediatamente as pupilas dilatadas se contraem em pequenos pontos pretos, como se o espírito jocoso que ela leva dentro pudesse desvirtuar meu questionamento.

Por fim, ao retornar à minha mesa, sinto uma profunda simpatia pelos meus semelhantes, porque percebo claramente, outra vez, que todos somos iguais.

As linhas raciais, que eram uma vez amargamente reais, agora servem apenas para traçar um mosaico vivo de seres humanos. E aqui também os homens de mesma cor são como as teclas de marfim de um instrumento onde cada um representa todo o resto, mas varia em tom e classe de voz. E essas criaturas que são, por algum tempo, meros ecos de uma outra nota, não são diferentes da fábula do homem magro e doente cuja sombra distorcida, vestida como uma criatura real, vai até o seu velho mestre para obrigá-lo a segui-la como uma sombra. Assim, compadecida com todos os ecos de aparência humana, saudei o "índio predicador", que parecia me esperar. Escutei com deferência a criatura de Deus, ainda que ele pronunciasse de um modo estranho as frases ruidosas de um credo intolerante.

Como nossa tribo é uma família grande, onde cada um tem parentesco com os demais, ele se dirigiu a mim:

– Prima, eu vim do culto matinal para falar com você.

– Sim? Eu disse em tom de interrogação, enquanto ele esperava alguma palavra de mim.

Movendo-se inquieto com as costas retas na cadeira onde se sentava, começou:

– Todo dia santo (domingo) eu olho em volta de nossa pequena casa de Deus, e não vejo você lá, o que me decepciona. É por isso que venho hoje aqui. Prima, enquanto a observo de longe, não vejo nenhum comportamento inadequado, e ouço apenas comentários bons a seu respeito, que me fazem arder com o desejo de que você se tornasse um membro da igreja. Prima, há muitos anos missionários me ensinaram a ler o livro sagrado. Estes homens de Deus também me ensinaram as loucuras de nossas antigas crenças. Há só um Deus que recompensa ou castiga a raça dos homens mortos. Na região superior, os mortos cristãos juntam-se para cantar e rezar eternamente. No fosso profundo, lá embaixo, os pecadores dançam em chamas torturantes. Pense sobre essas coisas, minha prima, e decida agora, para evitar o castigo depois do fogo do inferno!

Seguiu-se um longo silêncio, enquanto ele apertou e afrouxou novamente seus dedos entrelaçados.

Como *flashes* instantâneos, vieram-me imagens de minha própria mãe, porque agora ela também era seguidora da nova superstição.

– Ao abrir uma fenda em nossa cabana, alguma mão malvada jogou uma tocha acesa de grama seca trançada, mas seu propósito fracassou porque o fogo apagou-se e a tocha meio queimada caiu para dentro, no chão. Exatamente em cima, numa estante, estava o livro sagrado. Isto é o que encon-

tramos ao voltar de uma visita de vários dias. Certamente um grande poder está escondido no livro sagrado!

Apagando de minha vista várias imagens parecidas, ofereci almoço ao índio convertido sentado silenciosamente com a cara abatida. Assim que ele se levantou da mesa, disse:

– Prima, eu estou satisfeito.

E logo soou o sino da igreja.

Para lá correu com o sermão da tarde. Eu o olhava enquanto ele corria com seus olhos fixos no caminho empoeirado até desaparecer a um quarto de milha de distância.

Este pequeno incidente me fez lembrar a cópia de um texto jesuítico que alguém me mostrou há poucos dias em que um pugilista "cristão" comentava sobre um recente artigo meu, pervertendo grosseiramente o espírito da minha pena. Contudo, eu jamais esqueceria que o missionário cara-pálida e o aborígine enfeitiçado são criaturas de Deus mesmo que seus conceitos próprios de Amor Infinito sejam verdadeiramente pequenos. Como uma pequena criança cambaleando num mundo maravilhoso, prefiro, antes que seu dogma, meus passeios nos jardins naturais onde se escuta a voz do Grande Espírito no canto das aves, no agitar das águas poderosas e na doce respiração das flores. Se isso é paganismo, então, ao menos, neste momento, sou pagã.

# Um espírito que anseia pelas alturas

## Akiko Yosano

**O texto:** Dois textos de Akiko Yosano que oscilam entre o ensaio poético e as páginas de um diário com observações pessoais, através do relato de acontecimentos cotidianos: “Ameixeira-vermelha” (紅梅), em que a poeta descreve os sentimentos evocados pela pequena árvore florida em seu jardim, comparando-a à sua filha caçula; e “Um espírito que anseia pelas alturas” (高きへ憧れる心), em que exalta o prazer que as montanhas lhe proporcionam.

**Textos traduzidos:** **紅梅,**「定本　與謝野晶子全集　第二十巻　評論感想集七」講談社, 1981（昭和56）年4月10日第1刷発行; **高きへ憧れる心**, 「紀行とエッセーで読む　作家の山旅」ヤマケイ文庫、山と溪谷社, 2017（平成29）年3月1日初版第1刷発行.

**A autora:** Akiko Yosano, pseudônimo de Shiyo Yosano (1878-1942), poeta, escritora e ativista japonesa, nasceu em Sakai, Osaka. É conhecida por suas ideias feministas, e seus poemas, escritos ao final do período Meiji e passando pelos períodos Taishō e Shōwa no Japão, foram considerados polêmicos por expressarem livremente sua feminilidade, emoções e sensualidade, algo que ia contra as convenções sociais da época, mas que a tornaram umas das poetas pós-clássicas mais notáveis e controversas de seu país. Desempenhou um papel proeminente no mundo literário ao introduzir o antigo *tanka* no mundo poético moderno, e também o uso de palavras chinesas na poesia japonesa. Promoveu a educação das mulheres e a igualdade entre os sexos e foi casada com o poeta Tekkan Yosano.

**A tradutora:** Karen Kazue Kawana é mestre e doutora em Filosofia pela Unicamp e mestre em Língua, Literatura e Cultura Japonesa pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP. Para a (n.t.) traduziu Osamu Dazai, Nankichi Niimi, Riichi Yokomitsu e Motojirō Kajii.

"A origem da ideia de que os deuses habitam o céu e controlam
os homens está nesse anseio pelas alturas."

「神が天に住んで人間を司配すると考えて宗教が発生したのも、
もとは此の高きにあこがれる心からであった。」

# 高きへ憧れる心

「 高い所に在るものは太陽でも、雲でも、
月や星でもすべて美くしいものに感ぜられる。」

与謝野 晶子

## 紅梅

私の庭に早咲の紅梅が一本ある。東と南の光を受けて、北を建物にふさがれてゐるためか、十二月の半からぼつぼつ蕾を破つてゐる。色は桃のやうに濃くも無く、白い磁器の上に臙脂を薄く融かしたやうな明るさと可憐さとを持つた紅である。私は歳末から此の歳端へかけて快晴がつづくので、毎日一度は庭へ下りて、霜解のあとの芝生を踏んで歩き、友人を訪ふやうな心持で落葉した木木を見上げ、最後に此の紅梅の傍へ來て暫く立つてゐる。そつと枝を引き、脊伸びをして一つの花を嗅ぐこともある。ほのかながら心に徹する清い香である。支那の詩人が「寒香」と云つたやうな好い熟語の我が國語に無いのが惜まれる。東坡が紅梅を詠じて「寒心未肯隨春態、酒暈無端上玉肌」（寒心未だ肯て春態に隨はず、酒暈端無く玉肌に上る）と云つたやうな妙句は、我國の歌にも新しい詩にも見當らない。併し東坡の心には酒があるので、紅梅を見ても微醺を帶びた仙女を聯想したが、私には此の冬枯の庭にある木のなかで、此の紅梅だけが明けて十一になつた末の娘のやうな氣がする。貧しい中に育ちながら、末の娘は品好く生長してゐる。私達の子供の中で此娘だけが文學的である。細やかに痩せて、よく風を引いて熱を出すやうな體質は氣遣はれるが、氣立の優しいのと、讀書と創作が好きで、豐富な空想を持つてゐるのとが、本人自身を樂ませてゐる。早く親に別れる運命を持つてゐて物質的には苦むであらう

が、その文學的であることが、人知れず一生の慰安となるかも知れない。
正月二日のはげしいから風で紅梅が大分吹き散らされた。さうして末の娘はその夕方から熱を出して寢てゐる、私は今朝も娘の寢臺の傍で人から來た賀状を讀みながら、猶をりをり窓越しに紅梅を眺めてゐる。

（一九二九・一・二）

# 高きへ憧れる心

　人間は大抵平地に住んでいる。それで天とか山とかを仰いで高い所へあこがれる心を、悠久な大昔の野蛮人が既に持っている。高い所に在るものは太陽でも、雲でも、月や星でもすべて美くしいものに感ぜられる。美くしいばかりでなく、気高いもの、偉いもの、神秘なものにさえ感ぜられる。神が天に住んで人間を司配すると考えて宗教が発生したのも、もとは此の高きにあこがれる心からであった。

　美くしいものは地上にも沢山にある。園や野の花も美に富んでいる。人工で作った色色の物も美くしい。夜間のネオン・サインのような灯火も美くしく、第一に人間の美男美女が美くしい。それに関らず我我が彼の青空の色に心を引かれたり、秀でた山岳を望んで夏期に登山欲をそそられたりするのは、手近なものよりも、我身に遠い「美」が気高く偉いものとして感ぜられるからである。

　実際、高い山などへ登って見ると、空気一つでも新鮮清涼で、地上の生活の俗気と炎熱とが急に一掃されるのを覚える。山上から俯瞰した大地の闊（ひろ）い景色も心を爽快にする。人間が高きに憧れる心を幾分でも満足させることの出来るのは、唯だ高い山に登る以外に方法がない。それだけ登山は楽しいものである。

　併しどんなに高い山へ登っても、天は地上で望んだのと同じに依然として彼方に蒼蒼として高く、殊に山頂の澄徹した空気を透して見る日中の青空、夜間の星空は、地上で仰いだよりも幾倍か美くしく、山頂で観る者の心には天然の天文台に立っているような喜びが感ぜられる。近世の学問が人間を理智的にしたと云い、近世の文化が人間を物質的にしたと云うけれども、こう云う山頂の大観に触れると、人の心は地上生活の束縛から脱して、小さな事や、さもしい欲望などに拘泥せぬ、本然の玲瓏たる心が目を明き、誰れも一種崇高な霊感に打たれずにはいない。昔から釈迦を初め多くの聖者や修道士が山に入って悟る所があったと言うことも首肯される。

実際に我我のような平凡人でも、山頂に宿って燦爛（さんらん）として且つ静粛な夜天

の星群を望むと、心も身も共に浄まる気がする。私は心臓の痼疾があるので余り高い山へは登らないが、赤城山、高野山、満洲の千山などに登って此の霊感を経験した。

夏期に登山する人人は、涼を納(い)れ暑を避ける目的の人もある。植物採集の人もある。地理の探険、気象の研究を志す人もある。また私のように歌を詠むのを目的とする人もあり、また多くの人の容易に踏まない所へ足跡を印して優越感を満足させようとする人もある。併し意識すると否とに関らず、誰れも「高きにあこがれる」と云う心もちが其中に強く働いているのである。

と云って山は如何に爽快でも其処に久しくは留まれない。人間はやはり人間が自然よりも余計に恋しい。或る日数以上、山に滞在すると寂しくてならない。山上の視野が闊(ひろ)いのに対して、人間の余りに孤小なことさえ感ぜられて寂しくなる。山には早く秋が来るので、八月の末頃まで山にいると、夜など泣きたいような心もちを覚える。高野山や吉野山に住んだ西行がしばしば京に帰って来たのも、こう云う人間思慕の心からではなかったか。

山から帰る心は浄められている。謂ゆる六根清浄である。この清く健(すこや)かになった心を持って、新しく地上の生活に参加し活動する。そうして又彼の天の高きにあこがれ、登山の楽みを今年も試みようとする。

私はこのような考えから、毎年夏の半ばに幾日かを山の旅行で費している。今年は幸い九州の友人達から招かれているので別府の奥の由布岳、豊後の久住山、肥後の阿蘇山などを歴訪する予定である。

私が山へ行く心もちは、いつでも天の一部へ引上げられる快さである。

（昭和七・六・一〇）

# UM ESPÍRITO QUE ANSEIA PELAS ALTURAS

*"Tudo o que está no alto é belo, seja o sol,*
*as nuvens, a lua ou as estrelas."*

AKIKO YOSANO

## AMEIXEIRA-VERMELHA

Há uma ameixeira-vermelha de florescimento precoce em meu jardim. Talvez por receber luz do leste e do oeste, e por esta ser bloqueada por construções ao norte, há botões fendidos aqui e ali a partir do meio de dezembro. De um carmim luminoso e encantador, como se um pouco de ruge tivesse sido dissolvido sobre a porcelana branca, sua coloração não é tão intensa quanto a das flores de pessegueiro. Os dias ensolarados têm se sucedido desde o final do ano passado até o começo deste, então, eu desço ao jardim uma vez todos os dias, ando no gramado depois que a geada se dissolve e, como se visitasse amigas, levanto os olhos na direção das árvores que perderam as folhas. E ao final, passo algum tempo em pé ao lado dessa ameixeira-vermelha. Às vezes, puxo um dos galhos com gentileza, estico-me e cheiro as flores. Seu perfume é tênue e puro, penetra a alma. Lamento que a feliz expressão "frio perfume" dos poetas chineses não exista em nossa língua. Não encontramos versos esplêndidos como os de Tōba[1] sobre a ameixeira-vermelha entre os tankas ou poemas recentes de nosso país: "Seu coração frio não permite que ela seja como a primavera / O rubor do vinho, de súbito, em sua pele de jade se revela". Porém, enquanto Tōba, com álcool no espírito, imaginou uma ninfa ligeiramente embriagada ao olhar para uma ameixeira-vermelha; a mim, esta ameixeira em meio às árvores desfolhadas pelo inverno lembra minha filha caçula que acabou de completar onze anos.

[1] Su Shi (1037-1101), poeta e escritor chinês. (n.t.)

Apesar de crescer em meio à pobreza, ela se desenvolve esplendidamente. Dentre meus filhos, apenas essa filha tem inclinações literárias. Miúda e magra, sua constituição a predispõe a resfriados frequentes e isso é motivo de preocupação, mas ela é doce, gosta de ler e escrever, a riqueza de sua imaginação a entretém. Mesmo que esteja destinada a perder os pais cedo e tenha que enfrentar privações, sua inclinação literária pode se tornar um consolo íntimo em sua vida. O forte vento do segundo dia do ano derrubou boa parte das flores da ameixeira-vermelha. Minha caçula começou a ter febre na tarde desse mesmo dia e encontra-se acamada, e também nesta manhã, enquanto leio os cartões de Ano Novo que as pessoas nos enviaram sentada ao lado de seu leito, de vez em quando, dirijo o olhar para a ameixeira-vermelha através da janela.

(02/01/1929)[2]

[2] Apesar da data, o texto provavelmente foi escrito no dia 3 de janeiro de 1929. (n.t.)

## UM ESPÍRITO QUE ANSEIA PELAS ALTURAS

Os seres humanos geralmente moram nas planícies. Por isso, seus espíritos olham para o céu e para as montanhas com anseio desde um passado imemorial, quando eram bárbaros. Tudo o que está no alto é belo, seja o sol, as nuvens, a lua ou as estrelas. E não apenas belo, mas sublime, nobre e misterioso. A origem da ideia de que os deuses habitam o céu e controlam os homens está nesse anseio pelas alturas.

Há também muitas coisas belas sobre a terra. As flores dos jardins e dos campos são repletas de beleza. Os vários objetos produzidos pelos homens também são belos. Luzes como as dos letreiros de neon à noite também são belas e, acima de tudo, homens e mulheres atraentes são belos. Apesar disso, seduzidos pela cor azul do céu e almejando os altos promontórios, sentimos o desejo de escalar montanhas no verão porque consideramos aquilo que se encontra distante sublime e nobre em detrimento daquilo que está próximo.

De fato, quando subimos uma montanha, o ar é fresco e revigorante, a mundanidade e o intenso calor da existência terrestre são varridos de imediato. O vasto panorama contemplado do alto de uma montanha também estimula o espírito. O único meio do ser humano satisfazer um espírito que anseia pelas alturas é subindo montanhas elevadas. Esse é o prazer do montanhismo.

Entretanto, mesmo que escalemos a montanha mais elevada, o céu continua tão alto, distante e azul, como se o contemplássemos do chão; o céu azul durante o dia e o céu estrelado à noite, em particular, são muito mais belos quando contemplados através do ar límpido do topo de uma montanha do que do chão; o espírito dos espectadores no topo de uma montanha sente a alegria de estar em um observatório natural. Dizem que a erudição moderna tornou o ser humano inteligente e a cultura moderna o tornou materialista, porém, quando se depara com um panorama como o do topo das montanhas, o espírito de uma pessoa se liberta dos grilhões da existência terrestre e, sem se apegar a trivialidades e a desejos egoístas, seus olhos, verdadeiros e límpidos, se abrem, e qualquer um é tocado por uma espécie de inspiração sublime. É sabido que, desde há muito, vários religiosos e monges, a começar por Buda, entraram nas montanhas e encontraram a iluminação. De fato, mesmo pessoas ordinárias como nós sentem que seus espíritos e seus corpos se apaziguam quando se abrigam no topo de uma montanha e contemplam as brilhantes e serenas constelações do céu noturno. Como tenho uma doença

crônica do coração, não escalo montanhas muito altas, mas já senti essa inspiração quando subi montes como o Akagi, o Koya e o Qianshan, este na Manchúria.

Algumas pessoas sobem as montanhas no verão com o objetivo de se refrescar e fugir do calor. Outras, para colecionar plantas. Outras, com o propósito de explorar a geografia e pesquisar o clima. Como eu há, também, quem tenha o objetivo de compor poesias, enquanto algumas pessoas satisfazem seu sentimento de superioridade deixando pegadas em lugares nos quais a maioria não possa pisar com facilidade. Entretanto, independente de que tenham consciência disso, todas elas são movidas pelo forte sentimento de "anseio pelas alturas".

No entanto, por mais revigorante que as montanhas sejam, não é possível permanecer nelas por muito tempo. Os seres humanos realmente sentem mais falta de outros seres humanos do que da natureza. Depois de passarem certo número de dias nas montanhas, eles não suportam a solidão. Em contraste com a ampla vista do alto da montanha, a extrema insignificância do ser humano faz com que ele se sinta solitário. O outono chega cedo às montanhas, se permanecermos ali até o final de agosto, teremos vontade de chorar à noite. Será que Saigyō[3], que habitou os montes Koya e Yoshino, não retornava a Quioto com frequência devido a esse tipo de saudade dos seres humanos?

O espírito retorna das montanhas purificado. É, por assim dizer, uma purificação dos seis sentidos. Com esse espírito purificado e são, retomo as atividades cotidianas sobre a terra. Então, ele volta a ansiar pelas alturas celestes e deseja sentir o prazer do montanhismo outra vez este ano.

São essas ideias que me levam a passar alguns dias nas montanhas todos os anos no meio do verão. Por sorte, convidada por alguns amigos de Kyushū, planejo visitar o monte Yufu, nos confins de Beppu; o monte Kuzumi, em Bungo; e o Aso, em Higo.

O que me leva a ir às montanhas é o deleite de, a qualquer momento, ser alçada a um pedaço do céu.

(10/06/1932)

---

[3] Saigyō Hoshi (1118-1190), poeta japonês do final do período Heian e início do Kamakura. (n.t.)

# O TEMPO DOS MADRAS

## FRANÇOISE EGA

**O TEXTO:** Excerto que integra o primeiro capítulo de *Le temps des madras*, de 1966, obra de Françoise Ega que, escrita em primeira pessoa, mescla traços memorialísticos e autobiográficos, aproximando-se do romance, do conto e mesmo de narrativas tradicionais. Nele, o leitor acompanha o olhar de uma criança que observa o movimento interno e externo do mundo que a cerca. Desde tal perspectiva, a paisagem do campo martiniquês vai sendo delineada, assim como os dramas da vida cotidiana, o estranhamento gerado pelo novo, a perda do pai e o empenho de uma mãe viúva para criar seus filhos. Mediante uma linguagem simples, marcada pela presença da oralidade, seguimos as mudanças e as transformações pelas quais passa a narradora.

**Texto traduzido:** Ega, Françoise. *Le temps des madras*. Paris : Éditions maritimes et d'Outre-mer, 1966.

**A AUTORA:** Françoise Ega (1920-1978), escritora e ativista social afro-martiniquenha, nasceu em Le Morne-Rouge, na Ilha da Martinica. Conhecida por sua liderança comunitária e defesa dos imigrantes caribenhos na França, seus escritos exploram não só temas de exploração e racismo, mas também reivindicam a autonomia das mulheres francesas das Antilhas pós colonização e adentram o mundo de sua infância na Martinica, pois a autora fora criada entre uma mãe costureira e um pai guarda-florestal, entre a religião católica e as tradições locais, entre missas, curandeiros e zumbis. Na década de 1960, escreveu dois romances autobiográficos, *Le temps des madras* (1966) e *Lettres à une noire*, publicado após sua morte em 1978.

**AS TRADUTORAS:** Ana Carolina Nery Albino é mestra em Estudos Lusófonos pela Universidade Lumière Lyon 2, com pesquisa sobre a obra de Lima Barreto. Atualmente *maître de langues* na mesma universidade, dedica-se ao estudo da obra de Françoise Ega e Carolina Maria de Jesus.

Marie-Lou Lery-Lachaume é doutoranda dos Programas de Linguística e de Linguística Aplicada da Unicamp. Sua pesquisa se desenvolve na articulação entre Psicanálise, Interpretação e Tradução, especialmente na questão da escuta e das práticas translíngues.

"O engano é imaginar as crianças incapazes de ter sentimentos tumultuados e dizer que elas não entendem."

"Le tort est d'imaginer les enfants incapables de sentiments tumultueux et de dire qu'ils ne comprennent pas."

# LE TEMPS DES MADRAS

*"Il y a un temps où le jeune être se tourne vers la vie comme une plante avide de printemps."*

FRANÇOISE EGA

## I
(fragment)

Entre la bienheureuse inconscience des premiers âges et le moment où chacun raisonne, il y a un temps où le jeune être se tourne vers la vie comme une plante avide de printemps. Un temps plus ou moins ensoleillé ou peuplé de merveilleux. Le tort est d'imaginer les enfants incapables de sentiments tumultueux et de dire, à propos de tout et de rien, qu'ils ne comprennent pas.

Pour ma part, je peux dater mes plus anciens souvenirs. Je devais avoir trois ou quatre ans. Avant, c'était le néant voulu par Dieu.

Je me vois jouant avec mon frère devant une maisonnette isolée de Rivière-Salée, coin de terre perdu au sud-est de la Martinique. Tout était aride et désolé : des champs de campèche à perte de vue, un chemin croisant un autre chemin et un soleil infernal écrasant de lumière des journées sans dimanche. Sur un écriteau étaient peints en noir les mots « Poste forestier ». C'était la demeure de mes parents. Matin et soir des hommes allant et revenant de la tâche s'y arrêtaient. Ils étaient misérablement vêtus d'un sac de pommes de terre et de farine. Des privilégiés, tout aussi misérablement habillés, montaient, sans selle, des chevaux qu'ils talonnaient de leurs pieds nus en criant : « oh ! hi ! oh ! hi ! » Tous travaillaient sur les plantations des *békés*.

Chaque fois qu'ils passaient, mon père disait : « Quel coin sec ! La misère de ces gens est criante. Il n'y a pas de verdure, il n'y a pas d'eau. » Ma mère

ajoutait : « Dans cette partie du Sud, le Bon Dieu n'est pas passé ; il faut que tu nous tires de là, il faut demander ton changement. » Venue d'un des mornes le plus verdoyants de l'île, ma mère était dépaysée, moi pas. Je ne connaissais pas autre chose et ne pensais pas que cela pouvait être autrement. Je jouais dans la terre poussiéreuse et à chaque « oh ! hi ! » je me précipitais sur le chemin pour voir disparaître le cavalier.

Je ne me souviens pas du moment précis où, de deux, nous fûmes trois enfants. Un jour, je m'aperçus que ma sœur Léonie trottait à mes trousses. Je ne me rappelle pas non plus à quel moment nous avons laissé Rivière-Salée ni comment. Un soir, dans un autre poste forestier, mes yeux étonnés découvrirent une maison entourée de bananiers, de cocotiers et de choux caraïbes grands comme des hommes. L'eau fraîche coulait d'une source limpide et ma mère riait de plaisir en me serrant sur sa poitrine. Elle criait : « Vive le Nord ! Enfin, nous verrons tomber la pluie, pousser les concombres et il y aura plus de fruits à pain que nous ne pourrons en manger. »

La misère au Morne Carabin était décente, les sacs de farine prenaient forme : on y ajoutait des manches. Rares étaient les femmes qui s'en vêtaient. Elles portaient des robes de cretonne multicolore. Les gens partaient à « leur travail » plus dignement sans ressembler à du bétail humain. Le patois lui-même était plus chantant dans cette région et les habitants plus familiers.

Dans la semaine qui suivit notre arrivée on vit défiler beaucoup d'hommes qui voulaient connaître le nouveau garde. Celui-là cultiverait le lopin de terre entourant le poste, celui-ci montrerait les « traces » conduisant d'un morne à l'autre. Tel autre parlait des *zombies* hantant la source et de diablesses qui couraient dans la forêt, en plein midi, pour égarer les nouveaux venus.

Mon père s'enquit de l'école, car, disait-il, nous ne voulions rien dire en français. Bientôt je compris que cela pouvait être bien de parler français. Un *béké* habitait les parages et venait au poste. Après son départ, ma mère racontait que ses enfants parlaient bien et ne disaient jamais « oh ! hi ! » à longueur de journée. Nous allâmes donc à l'école maternelle.

Cette institution se composait d'une seule pièce couverte de paille et le sol était en terre battue. Mademoiselle André, la maîtresse, arrivait avec une ombrelle et portait des bas. Je passai les premières journées de classe à regarder ces « choses » qui emprisonnaient les jambes de l'institutrice tant cela me paraissait invraisemblable. Ma stupéfaction toucha son comble lorsque ma mère fit venir des souliers de la ville. Nous devenions différents des autres enfants. « Ce sont les enfants du forestier, disaient-il, ils sont « gammés ».

Tant que mon père nous accompagna à l'école tout alla bien, mais les choses se gâtèrent lorsque nous partîmes seuls : on se moquait de nos souliers.

Un jour, mon frère Armand en eut assez et au détour du sentier qui cachait notre maison il nous fit retirer nos bottines qu'il mit derrière une énorme pierre. Tous les matins la petite cérémonie se renouvela et nous nous déchaussions avec l'approbation de la marmaille en joie.

Si nos pieds libérés foulaient allègrement l'herbe de la savane, les bottines, elles, ne s'usaient pas. Or, un soir, sous la roche où mon frère les entreposait, nous ne trouvâmes rien. Qu'allions-nous dire en rentrant à la maison ? L'air piteux et en file indienne, nous avancions. Ma mère nous attendait et la première chose qu'elle remarqua fut nos pieds sans bottines : « Attendez un peu ! » dit-elle d'un air tranquille, et ce calme n'avait rien de rassurant. Elle revint avec la ceinture de zouave que mon père rangeait dans une malle bourrée de naphtaline et de vétiver et nous gratifia d'une telle volée que mon père dut l'arrêter. A partir de ce jour, bon gré mal gré, les chaussures restèrent à nos pieds.

Mademoiselle s'intéressait beaucoup à moi et disait que j'étais intelligente. Mes petits camarades ricanaient : « C'est par préférence qu'elle te dit ça, parce que tu es la fille du garde ! » Oui, j'avais du goût pour tout ce qu'elle m'apprenait, mais j'appréhendais ses compliments. A quoi bon me faire houspiller par les autres ? Chaque soir je répétais les leçons du jour et ma mère me tirait les oreilles pour me faire taire. Ma bouche se fermait et dans ma tête, les syllabes continuaient leur ronde.

Peu à peu, je pris intérêt aux histoires que racontait mon père aux hommes qui venaient au poste. Ils s'étaient battus pendant la Grande Guerre et ensemble égrenaient leurs souvenirs. Mon père racontait comment il s'était retrouvé aux Dardanelles, avec des zouaves à chéchia rouge qui partaient à l'attaque un couteau entre les dents ! Un matin, il ôta d'une valise une tenue militaire à boutons dorés, la repassa avec soin, épingla une médaille sur le revers de sa veste et recommanda à ma mère de mettre une poule au pot, car c'était la fête de la Victoire.

A « Salonique », son cheval, il mit un gros coquelicot entre la bride et le mors, pris mon frère en selle et se dirigea vers le bourg où une messe serait dite pour les anciens combattants. Tout le village était dehors pour les regarder passer et ma mère nous expliqua avec quelque fierté que son époux était « un maréchal-des-logis de l'armée française ». Je n'eus de cesse d'aller raconter la chose à l'école où j'en acquis beaucoup de considération. C'est à qui m'apporterait un fruit, une liane ou quelque oiseau fraîchement déniché.

La vie au Carabin s'écoulait dans le calme et la régularité, jalonnée par la cérémonie du pluviomètre. Lorsqu'il pleuvait, armé d'un crayon rouge et bleu, mon père enregistrait sur un grand cahier la densité des grains de pluie. Ce crayon nous fascinait, mais il était sacré et personne n'y touchait. S'il était perdu, il aurait fallu faire neuf kilomètres pour aller en acheter un autre.

[...]

# O TEMPO DOS MADRAS

*"Há um tempo em que o pequeno ser se volta
para a vida como uma planta ávida pela primavera."*

FRANÇOISE EGA

## I
(fragmento)

Entre a bem-aventurada inconsciência dos primeiros anos e o momento em que cada um raciocina, há um tempo em que o pequeno ser se volta para a vida como uma planta ávida pela primavera. Um tempo mais ou menos ensolarado ou habitado pelo maravilhoso. O engano é imaginar as crianças incapazes de ter sentimentos tumultuados e dizer, a respeito de tudo e nada, que elas não entendem.

De minha parte, posso datar minhas lembranças mais antigas. Eu devia ter três ou quatro anos de idade. Antes disso, era o nada quisto por Deus.

Eu me vejo brincando com meu irmão em frente a uma casinha isolada em Rivière-Salée, um canto perdido de terra no sudeste da Martinica. Tudo era árido e desolado: campos de campeche a perder de vista, um caminho cruzando outro caminho e a luz de um sol infernal esmagando dias sem domingo. Em uma placa estavam pintadas de preto as palavras "Posto florestal". Esta era a morada dos meus pais. De manhã e à noite, homens que iam e vinham do trabalho paravam por ali. Eles estavam miseravelmente vestidos com um saco de batatas ou de farinha. Alguns privilegiados, tão miseravelmente cobertos, montavam, sem sela, cavalos que pressionavam com os pés descalços gritando: "Oôô! Eh! Oôô!" Todos estavam trabalhando nas plantações dos *békés*.

Cada vez que passavam, meu pai dizia: "Que lugar seco! A miséria dessas pessoas é gritante. Não há vegetação, não há água". Minha mãe acrescentava:

“Nesta parte do Sul, o Bom Deus não passou: você tem que nos tirar daqui, tem que pedir sua transferência”. Vinda de um dos morros mais verdejantes da ilha, minha mãe ficava desnorteada, mas não eu. Eu não conhecia outra coisa e não pensava que pudesse ser diferente. Eu brincava na terra poeirenta e a cada “Oôô! Eh! Oôô!” eu disparava na estrada, para ver o cavaleiro desaparecer.

Não me recordo do momento exato em que, de duas, passamos a ser três crianças. Um dia, notei que minha irmã Léonie andava grudada em mim. Também não me lembro de quando nem como deixamos Rivière-Salée. Uma noite, em outro posto florestal, meus olhos, surpresos, descobriram uma casa rodeada de bananeiras, coqueiros e pés de inhame tão grandes quanto os homens. A água fresca escorria de uma límpida fonte e minha mãe ria de tanto prazer enquanto me abraçava. Ela gritava: “Viva o Norte! Veremos, enfim, a chuva cair, os pepinos crescerem e haverá tantas jacas que não daremos conta de comer”.

A miséria no Morro Carabin era decente, os sacos de farinha tomavam forma: colocavam-se mangas neles. Poucas eram as mulheres que os vestiam. Elas usavam vestidos de cretone multicolorido. As pessoas iam para o “trabalho delas” com mais dignidade, sem se parecer com um gado humano. Até mesmo o patuá era mais cantado nesta região e os habitantes mais amigáveis.

Na semana seguinte à nossa chegada, vimos passar muitos homens que queriam conhecer o novo guarda. Fulano cultivaria o pedaço de terra ao redor do posto, ciclano mostraria as “marcas” que levam de um morro ao outro. Beltrano falava dos zumbis assombrando a fonte e dos seres endiabrados que corriam pela floresta, em pleno dia, para despistar os recém-chegados.

Meu pai se informou sobre a escola, pois, segundo dizia, não queríamos falar nada em francês. Logo entendi que poderia ser bom falar francês. Um *béké* vivia nas paragens e ia ao posto. Depois que ele saía, minha mãe assegurava que os filhos dele falavam bem e nunca diziam “Oôô! Eh! Oôô” ao longo do dia. Fomos, então, à escola maternal.

Essa instituição era composta por um único cômodo coberto de palha, com chão de terra batida. *Mademoiselle* André, a professora, chegava com uma sombrinha e usava meias três quartos. Essas “coisas” que aprisionavam as pernas da professora me pareciam tão fora do comum, que passei os primeiros dias de aula olhando para elas. Minha estupefação atingiu seu ápice quando chegaram da cidade os sapatinhos encomendados por minha mãe. Estávamos nos tornando diferentes das outras crianças. “Estes são os filhos

do guarda florestal", elas diziam, eles são "gamados". Enquanto meu pai nos acompanhava até a escola, tudo ia bem, mas as coisas se complicaram quando começamos a sair sozinhos: tiravam sarro dos nossos sapatinhos.

Um dia, meu irmão Armand ficou farto e, na curva do caminho que escondia nossa casa, nos fez tirar as nossas botinhas, que colocou atrás de uma pedra enorme. A pequena cerimônia se repetiu e, todas as manhãs, nos descalçávamos com a aprovação da criançada em festa.

Se nossos pés, enfim livres, pisavam alegremente a grama da savana, as botinhas não se desgastavam. Ora, uma noite, debaixo da rocha onde meu irmão tinha costume de deixá-las guardadas, não encontramos nada. O que é que diríamos ao voltar para casa? Com ar lamentoso e em fila indiana, avançávamos. Minha mãe nos esperava e a primeira coisa que ela notou foi nossos pés sem botinhas: "Esperem aí!", ela disse com um ar tranquilo, e essa calma nada tinha de reconfortante. Ela voltou com a cinta de zuavo que meu pai guardava dentro de uma mala entupida de naftalina e vetiver e nos gratificou com uma tal surra, que meu pai teve que contê-la. Desse dia em diante, de bom ou mau grado, os sapatos ficaram em nossos pés.

*Mademoiselle* se importava muito comigo e dizia que eu era inteligente. Meus coleguinhas zombavam: "É por preferência que ela diz isso para você, porque você é a filha do guarda!" Sim, eu tinha muito gosto por tudo aquilo que ela me ensinava, mas receava seus elogios. Isso para quê? Para ser atormentada pelos outros? Eu repetia, toda noite, as lições do dia e minha mãe puxava minhas orelhas para que eu me calasse. Minha boca se fechava e dentro da minha cabeça as sílabas continuavam seu giro.

Aos poucos, despertou-se meu interesse pelas histórias que meu pai contava aos homens que frequentavam o posto. Eles combateram durante a Grande Guerra e juntos compartilhavam suas recordações. Meu pai contava como ele foi parar nos Dardanelos, com os zuavos de *chéchia* vermelha indo ao ataque com uma faca entre os dentes! Certa manhã, ele tirou de uma mala um uniforme militar de botões dourados, passou-o com cuidado, pendurou uma medalha no avesso de sua jaqueta e recomendou que minha mãe cozinhasse uma *poule au pot*, já que era o dia da Vitória.

No "Salonique", seu cavalo, ele colocou uma grande papoula entre o cabresto e o freio, pôs meu irmão na garupa e se dirigiu ao povoado onde ia ser rezada uma missa para os antigos combatentes. O vilarejo todo estava na rua para vê-los passar e minha mãe nos explicou, com certo orgulho, que seu esposo era um "*maréchal-des-logis*" do exército francês. Sem cessar, contava essa história na escola, onde passei a ser muito estimada. Era uma competição

de quem me traria uma fruta, um cipó ou qualquer pássaro recém-tirado do ninho.

A vida no Cabarin fluía calma e regularmente, pontuada pela cerimônia do pluviômetro. Quando chovia, armado de um lápis vermelho e azul, meu pai registrava em um grande caderno a densidade dos grãos de chuva. Esse lápis nos fascinava, mas ele era sagrado e ninguém chegava perto. Perdê-lo significaria percorrer nove quilômetros para comprar outro.

[...]

# Naufrágio inconcluso
## Alejandra Pizarnik

**O texto:** Seleção com sete "pequenos poemas em prosa" extraídos da seção "Poemas no recogidos en libros", escritos entre 1956 e 1960, que integram a *Poesía Completa*, de Alejandra Pizarnik. Dona de uma poesia intimista, "ávida pelo naufrágio", seu estilo poético, que apresenta influências do surrealismo, expressa a intimidade em todo o seu âmago e traz à superfície o que há de mais doloroso em seu pensamento, buscando transformar esse sentimento opressivo em algo expressivo que, quando formulado em palavras, se apresenta com beleza e sensibilidade.

**Texto traduzido:** Pizarnik, Alejandra. *Poesía Completa* (1955-1972). Buenos Aires: Editorial Lumen, 2016.

**A autora:** Alejandra Pizarnik (1936-1972), poeta e escritora argentina, nasceu em Buenos Aires. Após estudar Filosofia e Letras e Jornalismo, sem concluir ambos os cursos, interessou-se pela pintura e pela poesia, publicando seu primeiro livro em 1955, *La tierra más ajena*. No início da década de 1960, se transladou para Paris, onde estudou História da Religião e Literatura Francesa e tornou-se tradutora. De volta à capital argentina, publicou seus livros mais reconhecidos: *Los trabajos y las noches* (1965) e *Extracción de la piedra de locura* (1968). Longe de desfrutar seu reconhecimento literário, passou os últimos anos de sua vida reclusa por causa da depressão. Após ser internada em um hospital psiquiátrico, suicidou-se em setembro de 1972 durante uma saída de fim de semana.

**A tradutora:** Rosangela Fernandes Eleutério é doutoranda em Estudos da Tradução pela PGET/UFSC. Graduada em Letras - Língua e Literaturas Hispânicas, atua como tradutora de contos literários, pesquisadora de fenômenos linguísticos nos diferentes países que tem o espanhol como língua oficial e crítica da tradução de livros de Clarice Lispector traduzidos para o espanhol e o inglês.

"A mais nua do bosque no silêncio musical dos abraços."

"La más desnuda del bosque en el silencio musical de los abrazos."

# NAUFRAGIO INCONCLUSO

*"No es un verbo sino un vértigo."*

ALEJANDRA PIZARNIK

**Poemas no recogidos en libros**
1956-1960

## BUSCAR

No es un verbo sino un vértigo. No indica acción. No quiere decir *ir al encuentro de alguien* sino *yacer porque alguien no viene*.

## PEQUEÑOS POEMAS EN PROSA

Se cerró el sol, se cerró el sentido del sol, se iluminó el sentido de cerrarse.

*

Llega un día en que la poesía se hace sin lenguaje, día en que se convocan los grandes y pequeños deseos diseminados en los versos, reunidos de súbito en dos ojos, los mismos que tanto alababa en la frenética ausencia de la página en blanco.

*

Enamorada de las palabras que crean noches pequeñas en lo increado del día y su vacío feroz...

## NAUFRAGIO INCONCLUSO

Este temporal a destiempo, estas rejas en las niñas de mis ojos, esta pequeña historia de amor que se cierra como un abanico que abierto mostraba a la bella alucinada: la más desnuda del bosque en el silencio musical de los abrazos.

## EN LA OSCURIDAD ABIERTA

Si la más pequeña muerte exige una canción debo cantar a las que fueron lilas que por acompañarme en mi luz negra silenciaron sus fuegos cuando una sombra configurada por mi lamento se refugió entre sus sombras.

## MEMORIAL FANTASMA

Noche ciegamente mía. Sueño del cuerpo transparente como un árbol de vidrio.

Horror de buscar tus ojos en el espacio lleno de gritos del poema.

**CUADRO**

Ruidos de alguien subiendo una escalera. La de los tormentos, la que regresa de la naturaleza, sube una escalera de la que baja un reguero de sangre. Negros pájaros quema la flor de la distancia en los cabellos de la solitaria. Hay que salvar, no a la flor, sino a las palabras.

**EN LA NOCHE**

Cae la noche, y las muñecas proyectan maravillosas imágenes en colores. Cada imagen está unida a otra imagen por una pequeña cuerda. Escucho, uno a uno, y muy distintamente, ruidos y sonidos.

# Naufrágio inconcluso

*"Não é um verbo, mas uma vertigem."*

ALEJANDRA PIZARNIK

**Poemas não recolhidos em livros**
1956-1960

## BUSCAR

Não é um verbo, mas uma vertigem. Não indica ação. Não quer dizer *ir ao encontro de alguém*, mas *jazer porque alguém não vem*.

## PEQUENOS POEMAS EM PROSA

O sol se fechou, o sentido do sol se fechou, iluminou-se o sentido de fechar-se.

*

Chega um dia em que a poesia se faz sem linguagem, dia em que se convocam os grandes e os pequenos desejos disseminados nos versos, reunidos de súbito em dois olhos, os mesmos que tanto elogiava na frenética ausência da página em branco.

*

Apaixonada pelas palavras que criam noites pequenas no incriado do dia e seu vazio feroz...

## NAUFRÁGIO INCONCLUSO

Este temporal fora de tempo, estas grades nas meninas de meus olhos, esta pequena história de amor que se fecha como um leque que aberto mostrava à bela alucinada: a mais nua do bosque no silêncio musical dos abraços.

## NA ESCURIDÃO ABERTA

Se a menor morte exige uma canção devo cantar às que foram fátuas que por acompanhar-me em minha luz negra silenciaram seus fogos quando uma sombra configurada por meu lamento se refugiou entre suas sombras.

**MEMORIAL FANTASMA**

Noite cegamente minha. Sonho do corpo transparente como uma árvore de vidro.

Horror de buscar teus olhos no espaço cheio de gritos do poema.

**QUADRO**

Ruídos de alguém subindo uma escada. A dos tormentos, a que regressa da natureza, sobe uma escada da qual desce um rastro de sangue. Pássaros pretos queimam a flor da distância nos cabelos da solitária. É preciso salvar, não a flor, mas as palavras.

**NA NOITE**

Cai a noite, e as bonecas projetam maravilhosas imagens em cores. Cada imagem está unida a outra imagem por uma pequena corda. Escuto, um a um, e muito distintamente, ruídos e sons.

# memória

(n.t.)|Ur

# Líricas
## Safo

**O texto:** A poesia de Safo foi escrita para ser cantada ao som da lira. A maior parte de sua extensa lírica se perdeu e o pouco que resistiu ao passo do tempo está em forma de fragmento. É uma das primeiras a adotar o "eu lírico" na poesia grega, e seus versos são notórios por apresentar uma linguagem clara, através de ideias simples e imagens nítidas. Esta breve seleção apresenta oito poemas extraídos da célebre tradução de Joaquim Brasil Fontes Júnior, *Variações sobre a lírica de Safo*, publicada pela editora paulista Estação Liberdade, em 1992.

**Textos consultados:** Safo. *Variações sobre a lírica de Safo: texto grego e variações livres.* Trad. de Joaquim Brasil Fontes. São Paulo: Estação Liberdade, 1992, pp. 45, 75, 91, 135, 141 e 149; *Lyra Graeca*. Vol. II. Translated by John Maxwell Edmonds. London/New York: William Heinemann/ G.P. Putnam's Sons, 1924.

**A autora:** Safo (c. 610-570 a.C.), poeta grega, nasceu na ilha de Lesbos. Muito conhecida e admirada na antiguidade, pouco se sabe sobre sua vida no presente. Desconhece-se como seus poemas foram publicados à época e nos quatro séculos seguintes à sua morte. Na era da erudição alexandrina (séculos III e II a.C.), seus poemas, que já se encontravam em fragmento, foram coletados e publicados em uma edição de lírica grega, que não durou até o início da Idade Média. Até o século IX, Safo era apenas lembrada em citações, mas a partir do XX esses fragmentos ampliaram com a descoberta de novos papiros. Até hoje, apenas sua "Ode a Afrodite" segue completa.

**O tradutor:** Joaquim Brasil Fontes Júnior (1939-2019), filósofo, professor e escritor, nasceu em Formiga, Minas Gerais. Exímio tradutor e estudioso de Safo, conquistou o terceiro lugar na premiação do Jabuti de 1992, na categoria Ensaio, pela obra *Eros, tecelão de Mitos;* figurou entre os dez escolhidos do Jabuti de 2004, na categoria Tradução, com *Safo de Lesbos – Poemas e Fragmentos;* e recebeu o Jabuti de 2008 por sua tradução de *Hipólito e Fedra*.

"Ao som da música, ao redor do altar sagrado
dançavam, calcando sob os pés delicados
as flores tenras da relva."

"Κρῆσσαι νύ ποτ᾽ ὧδ᾽ ἐμμελέως πόδεσσιν
ὤρχηντ᾽ ἀπάλοισ᾽ ἀμφ᾽ ἐρόεντα βῶμον,
πόας τέρεν ἄνθος μάλακον ματεῖσαι."

# ΛΥΡΙΚΑ

*“Ἔρος δαὖτέ μ᾿ ὀ λυσιμέλης δόνει*
*γλυκύπικρον ἀμάχανον ὄρπετον.”*

**ΣΑΠΦΩ**

*

Φαίνεταί μοι κῆνος ἴσος θέοισιν
ἔμμεν ὤνηρ, ὄττις ἐνάντιός τοι
ἰζάνει, καὶ πλάσιον ἆδυ φωνεί-
σας ὐπακούει
καὶ γελαίσας ἰμμέροεν, τὸ δὴ ᾿μαν
κάρζαν ἐν στήθεσσιν ἐπεπτόασεν·
ὠς γὰρ ἔς τ᾿ ἴδω, Βρόχε᾿, ὤς με φώνας
οὖδὲν ἔτ' ἴκει,
ἀλλὰ κὰμ μὲν γλῶσσα ϝέαγε, λέπτον
δ᾿ αὔτικα χρῷ πῦρ ὐπαδεδρόμακεν,
ὀππάτεσσι δ' οὖδεν ὄρημ', ἐπιρρόμ-
βεισι δ᾿ ἄκουαι,
ἀ δέ μ᾿ ἴδρως κακχέεται, τρόμος δὲ
παῖσαν ἄγρη, χλωροτέρα δὲ ποίας
ἔμμι, τεθνάκην δ᾿ ὀλίγω ᾿πιδεύϝην
φαίνομαι·—ἀλλὰ
πάντ<α νῦν τ>ολμάτε᾿, ἐπεὶ πένησα.

*

Ἔρος δαὖτέ μ᾽ ὀ λυσιμέλης δόνει
γλυκύπικρον ἀμάχανον ὄρπετον,

*

Ἄτθι, σοὶ δ᾽ ἔμεθεν μὲν ἀπήχθετο
φροντίσδην, ἐπὶ δ᾽ Ἀνδρομέδαν πότῃ.

*

Κρῆσσαι νύ ποτ᾽ ὦδ᾽ ἐμμελέως πόδεσσιν
ὤρχηντ᾽ ἀπάλοισ᾽ ἀμφ᾽ ἐρόεντα βῶμον,
πόας τέρεν ἄνθος μάλακον ματεῖσαι.

*

Δέδυκε μὲν ἀ σέλαννα
καὶ Πληΐαδες, μέσαι δὲ
νύκτες, παρὰ δ᾽ ἔρχετ᾽ ὤρα,
ἔγω δὲ μόνα κατεύδω.

*

κατθάνοισα δὲ κείσεαι οὐδέ τινι μναμνοσύνα σέθεν
ἔσσετ᾽ οὐδέποτ᾽ <εἰς> ὕστερον· οὐ γὰρ πεδέχεις βρόδων
τῶν ἐκ Πιερίας, ἀλλ᾽ ἀφάνης κὴν Ἀΐδα δόμοις
φοιτάσεις πεδ᾽ ἀμαύρων νεκύων ἐπεπποταμένα.

*

Ἔστι μοι κάλα πάϊς χρυσίοισιν ἀνθέμοισιν
ἐμφέρην ἔχοισα μόρφαν, Κλεῦις ἀγαπάτα,
ἀντὶ τᾶς ἔγω οὐδὲ Λυδίαν παῖσαν οὐδ᾽ ἐράνναν
[Λέσβον ἀγρέην κε].

*

Γλύκηα μᾶτερ, οὔ τοι δύναμαι κρέκην τὸν ἴστον
πόθῳ δάμεισα παῖδος βραδίνω δι᾽ Ἀφροδίταν.

# LÍRICAS

*"De novo, Eros que nos quebranta os corpos*
*me arrebata, doceamargo, invencível serpente."*

SAFO

*

Parece-me igual dos deuses
ser aquele homem que, à tua frente sentado,
de perto, doces palavras, inclinando o rosto,
escuta,

e quando te ris – brilho e desejo –; isso eu juro,
me faz com pavor bater o coração no peito;
eu te vejo um instante apenas e as palavras
todas me abandonam;

a língua se parte; debaixo da minha pele,
no mesmo instante, corre um fogo sutil;
meus olhos não vêem; zumbem
meus ouvidos

um frio suor me recobre, um frêmito se apodera
do corpo todo, mais verde que as ervas
eu fico; e que já estou morta
parece [

Mas [

*

]de novo, Eros
que nos quebranta os corpos me arrebata,
doceamargo, invencível serpente[

*

]quando pensas em mim,
sinto que já não me queres, Átthis,
e para [os braços de] Andromeda alças vôo[

*

antigamente, era assim que dançavam
a essa hora, as mulheres de Kreta;
ao som da música, ao redor do altar sagrado
dançavam, calcando sob os pés delicados
as flores tenras da relva

*

a Lua já se pôs,
e as Plêiades; é meia-
noite; a hora passa
e eu deitada estou sozinha

*

morta, é ali que teu corpo vai jazer,
sem memórias do futuro;
não tiveste parte nas rosas da Piéria
– errante entre obscuros mortos,
voarás invisível no Reino das Sombras,
tu que invisível foste na terra

*

eu tenho uma linda menina,
que parece um ramo de flores douradas:
minha Kleis, meu bem-querer – não a [troco]
por todo o reino da Lídia, nem pela adorável
[Lesbos]

*

mãe querida, não posso mais tecer a trama
– queimo de amor por um lindo rapaz:
a culpa é de Aphrodite, a delicada –

# O PÁSSARO É MORTAL

## FORUGH FARROKHZAD

**O TEXTO:** A poesia de Forugh Farrokhzad marca uma quebra com a tradição poética persa e uma poética da revelação, rompendo com sua rigidez ao empregar expressões e termos mais coloquiais e informais. Escritos em *farsi* (o persa ocidental), idioma sem distinção de gênero gramatical de qualquer espécie, seus versos se debruçam sobre o mundo íntimo do ser, e por extensão, das mulheres, falando de seus segredos e aspirações, de suas tristezas e anseios, e por vezes, do silêncio. No poema, "o pássaro é mortal" (پرنده مردنی است), ilustrado em quadrinhos, Forugh fala concisamente de sua depressão, buscando transmitir como, para ela, esse sentimento age dentro da vida ordinária que invade tanto os dias quanto as noites, sem fazer distinção.

**Texto traduzido:**
فرخراد، فروغ. دیوان. "پرنده مردنی است". صفحه ۳۵۰. پرشین سیرکل: تورنتو، ۱۳۹۳.

**A AUTORA:** Forugh Farrokhzad (1935-1967), poeta, cineasta e atriz persa, nasceu em Teerã. Durante a ocidentalização do Irã, tornou-se uma das principais figuras da história e cultura de seu país, tendo sido banida por mais de uma década após a revolução islâmica de 1979, por sua poesia moderna e iconoclasta, que a tornaram um emblema de identidade do feminismo no Irã. Sua vida livre e independente foi causa de muitas controvérsias, reprovações e escândalos. Dirigiu um premiado documentário "The House is Black" (1962), considerado uma parte essencial do movimento New Wave iraniano, e publicou quatro volumes de poesia entre 1955 e 1963, além de um livro póstumo, lançado em 1974. Morreu aos 32 anos, em um acidente de trânsito de circunstâncias pouco aclaradas.

**O TRADUTOR:** Miguel Sulis (vide pág. 194).

FORUGH FARROKHZAD
فروغ فرخزاد
o pássaro é mortal
پرنده مردنی است
دلم گرفبه است
دلم گرفبه است
Estou deprimida
Estou deprimida
به ایوان می روم و انگشتانم را
vou para a varanda e meus dedos

[aline daka]

[forugh farrokhzad]

alguém ao sol

کسی مرابه آفتاب

não me apresentará

معرفی نخواهد کرد

alguém não me levará à festa dos pardais

[aline dakal]

[forugh farrokhzad]

Ilustrações de Aline Daka

**CAPA**

Escrita Etrusca – Liber Linteus Zagrabiensis (Croácia)
ARQUIVO (n.t.)

**INTERNAS**
**Aline Daka** (p. 3)
*Nisaba*, 2021
Nanquim sobre papel
ARQUIVO (n.t.)

**VINHETAS**
**Giparu de Ur** (pp. 11, 356 e 403)
Sítio Arqueológico de Ur, Iraque
Foto
ARQUIVO (n.t.)

**CONTRACAPA**
Escritório de Tradução em Erbil, Iraque
Foto
ARQUIVO (n.t.)

---

**Aline Daka**
Série **Eu Existo!** 2021 – 24 ilustrações
Nanquim sobre papel
COLEÇÃO PARTICULAR

1. En-hedu-Ana
2. Sulpícia
3. Isabella di Morra
4. Constance de Salm
5. Mariquita Sánchez
6. Charlotte Brontë
7. Hélène de Zuylen de Nyevelt
8. Bronisława Ostrowska
9. Anna Akhmátova
10. Alfonsina Storni
11. Maria Polyduri
12. Lorine Niedecker
13. Silvina Ocampo
14. Antonia Pozzi
15. Emilia Ayarza
16. Oodgeroo Noonuccal
17. Adrienne Rich
18. Amelia Rosselli
19. Gloria E. Anzaldúa
20. Zitkala-Ša
21. Akiko Yosano
22. Françoise Ega
23. Alejandra Pizarnik
24. Safo

**1. En-hedu-Ana** (p. 14)

**2. Sulpícia** (p. 29)

**3. Isabella di Morra** (p. 43)

**4. Constance de Salm** (p. 65)

**5. Mariquita Sánchez** (p. 93)

**6. Charlotte Brontë** (p. 105)

**7. Hélène de Zuylen de Nyevelt** (p. 131)

**8. Bronisława Ostrowska** (p. 141)

**9. Anna Akhmátova** (p. 149)

**10. Alfonsina Storni** (p. 171)

**11. Maria Polyduri** (p. 195)

**12. Lorine Niedecker** (p. 219)

**13. Silvina Ocampo** (p. 229)

**14. Antonia Pozzi** (p. 251)

**15. Emilia Ayarza** (p. 273)

**16. Oodgeroo Noonuccal** (p. 297)

**17. Adrienne Rich** (p. 309)

**18. Amelia Rosselli** (p. 321)

**19. Gloria E. Anzaldúa** (p. 343)

**20. Zitkala-Ša** (p. 358)

**21. Akiko Yosano** (p. 368)

**22. Françoise Ega** (p. 378)

**23. Alejandra Pizarnik** (p. 388)

**24. Safo** (p. 405)

A (n.t.) | 15º acabou-se de editar em 1º de março de 2021.

Fontes ocidentais: **Book Antiqua**, **Baramond** Grego antigo e russo: **Palatino Linotype**
Sumério: Sego Historic Japonês: MingLiu Farsi: **Sakkal Majalla**

PHONEME
Translation Services
Phoneme
فۆنیم
TRANSLATION SERVICES
وەرگێڕانی یاسایی
للترجمة القانونية
0750 214 1485
0750 814 1485
phoneme.transl@gmail.com